

Inquérito em Lisboa e Porto revela descrença dos portugueses

Arranjar uma casa: missão impossível

A descrença minou as populações de Lisboa e Porto em termos tais que uma em cada três pessoas carece de habitação urgente, arrendada ou comprada, mas já desistiu de encontrar tal a exiguidade dos seus recursos em contraste com os altos custos a que a habitação chegou e os encargos que acarreta. Uma sonda-

gem encomendada pela Associação de Construção e Obras Públicas do Sul (AECOPS) revelou que apenas 1 por cento dos habitantes da Grande Lisboa e do Grande Porto ainda acredita ter muitas hipóteses de vir a adquirir a casa de que necessita. Os que sobram — quase a totalidade dos inquilinos — dizem (78 por cento) ter poucas ou nenhuma hipóte-

ses de conseguir uma habitação. Cerca de metade das pessoas ouvidas nesta sondagem encomendada a uma empresa da especialidade, diz não lhe restar grandes possibilidades enquanto 21 por cento ainda admite algumas e 29 por cento nenhuma. A maioria dos inquiridos garante que se tivesse meios preferia

dispor de habitação própria mas os juros e as amortizações mensais são de tal ordem que já não acreditam em tal possibilidade. Como conclusão desta sondagem a AECOPS garante que os actuais esquemas de financiamento à compra de habitação são manifestamente insuficientes para a maior parte dos orçamentos familiares.

Aquela Associação de Industriais defende o lançamento de um novo sistema de bonificações de juros para aquisição de casa própria «mais de acordo com o poder de compra dos portugueses».

Reclama, ainda «uma lei de rendas verdadeiramente eficaz» em paralelo com a criação de me-

canismos que permitam reactivar o investimento em habitação.

A AECOPS salienta que para além dos elevados custos dos materiais de construção contribui para os preços praticados no mercado imobiliário a pesada carga fiscal que onera em 55 por cento o preço de cada habitação».

Industrial atingido, ex-presidente de Câmara visado

Bombas: Gabinete de Crise reunido em S. Bento

O Gabinete de Crise reúne-se hoje em Lisboa para analisar a situação política, nomeadamente após os atentados bombistas ocorridos ultimamente — anunciou o Gabinete do Primeiro-Ministro.

Participam no Gabinete de Crise o Primeiro-Ministro, Mário Soares, e os ministros da Defesa, Mota Pinto, da Administração Interna,

Eduardo Pereira, dos Negócios Estrangeiros, Jaime Gama, da Justiça, Rui Machete, e secretário de Estado do Orçamento, Alípio Dias.

A reunião deve começar ao fim da tarde de hoje na residência oficial do Primeiro-Ministro.

Págs. 9 e 20



Abriguem-se aqui, senhores

A falta de abrigos para os utentes da Carris e de outros meios de transporte público desta capital que é Lisboa, tem assumido, nos últimos tempos, aspectos

por vezes caricatos. É um problema que se arrasta desde há anos mas que se tem agravado com as recentes e continuas al-

terações de trânsito, particularmente na Baixa. O caso do Largo do Chiado será, talvez, exemplar: quem quiser tomar o eléctrico que liga a Graça aos Praze-

res terá como alternativa o acolhimento dos braços do velho poeta, como que dizendo a quem passa: «abriguem-se aqui, senhores».



O abraço de boas-vindas

Significativa visita a Portugal

Tancredo Neves: um compromisso com a democracia

O presidente eleito do Brasil, Tancredo Neves, reiterou ontem, à sua chegada a Lisboa, «o compromisso solene de fortalecer as instituições livres» dos dois países irmãos. Tancredo foi recebido na Assembleia da República com todas as honrarias devidas a uma personalidade ilustre e ouviu, dos deputados em representação dos partidos com assento parlamentar, saudações ao povo brasileiro e à pátria que ele simboliza. Permanentemente aplaudido de pé, por todas as bancadas do hemiciclo, Tancredo Neves, com o «coração em festa», lembrou uma verdade inofismável: «só vale a pena viver na plenitude dos valores democráticos».

Pág. 5

Reflexões sobre o novo partido

Vasco da Gama Fernandes

No tempo do fascismo, que Deus haja, e de que alguns têm saudades, o «slogan» habitual dos reacçãoários era que todos quantos não pensavam como eles eram comunistas, um bom princípio para as aventuras carcerárias.

Esse tempo já lá vai mas deixou uns ressaibros que importa combater.

Veio o 25 de Abril e as camadas descontentes, ou sejam os mecos, reeditam as apóstrofes de outra maneira. Claro que, a palavra comunismo enfraqueceu e então tudo quanto cheira a Abril passa à categoria de aventura com o espectro da «Pátria em perigo».

O problema central no fundo é igual: O fundo mantém-se mas a literatura adaptou-se.

EM isto a propósito da campanha sub-reptícia ou ostensiva dos que temem o **partido novo** (que não é a mesma coisa que o novo partido) e como não há mais nada a dizer alinhando as seguintes pseudo-razões:

a) Não são precisos mais partidos, os que estão chegam bem. É a morte do artista!

b) Sim senhor é um direito constitucional pois que venham cá, que estamos para ver e crer.

c) Pelo andar da carruagem já se sabe, que não é um partido, mas sim uma amálgama de desempregados políticos, «à procura do tacho».

d) É um partido à nascença condenado pois vai girar à volta de um homem e isso não é bonito.

Vamos por partes:

Quanto à alínea a) a resposta não pode ser outra: Os que existem já dão provas de que nem o eleitorado está representado nem é eficaz em termos práticos e morais o governo do país;

Quanto à alínea b): pois está bem, esperem que depois verão para crer como S. Tomé;

Quanto à alínea c): não se sabe ainda quem são os da amálgama e por isso não falemos de coisas que não sabemos, embora já se saiba que os futuros militantes se recrutam entre os antistasistas e inconformistas com o existente;

Quanto à alínea d): isso de girar à volta de um homem tem

mais de sexual do que político. Ninguém pensará pela cabeça de outrem mas se o tal homem consubstancia as ideias-base e se der garantias do seu passado não há razão para o enforcar.

Falemos agora um pouco mais a sério.

A ideia de um partido novo não é de hoje nem de ontem e eu próprio fui dos primeiros a insistir na sua necessidade: um partido republicano, cumpridor da Constituição e disposto a honrá-la esforçando-se para dar corpo ao essencial.

Logo após a minha saída do Partido Socialista conversei com vários amigos e daí ter nascido, em primeira mão, a ideia de uma nova organização partidária que conjugaria a massa já avultada e qualificada dos dissidentes, e entre eles alguns dos fundadores, fiéis à memória de Antero de Quental e José Fontana e com eles o grupo aparentemente homogêneo de outros dissidentes ou seja a ASDI. Este propósito falhou acontecendo até que fiquei praticamente sozinho: Uns agarraram-se à umbela do PS para sobreviver e outros fizeram um pacto, que nunca percebi, com Sá Carneiro.

Ficou então o resíduo e daí terem aparecido misturados uns com os outros os chamados reformadores que deram alma ao criador com uma passagem, em alguns pontos válida, pela Assembleia da República.

Repito, fiquei praticamente sozinho a ver passar a caravana, uma caravana sinistra que arruinou o país e anda por aí nas agonias da crise cuja culpa não é de ninguém, mas sim do Bey de Tunes, na caricatura genial do grande Eça.

Entre outras incongruências que têm surgido a propósito do partido novo há um argumento que nada tem de argumento: é simplesmente uma manifestação vesicular sem importância, ou seja, isto: o partido vai nascer ao contrário, o que em linguagem parturiente significaria que ele vai nascer com os pés para baixo e com a cabeça entalada. Isto: É um partido à inversa, da província para Lisboa o que não está de harmonia com a nossa tradição política.

Só faltava esta. Quem subcreve estas linhas, viveu e trabalhou durante 35 anos na tal província e desde logo se convenceu que isto de província e Lisboa não passa de um problema administrativo.

Na verdade, se é certo que em Lisboa vivem figuras de relevo é verdade também que Lisboa não passa de uma cidade com várias províncias dentro dela.

Os lisboetas «tout court» talvez sejam os moiriscos de Alfama, os mercadores da Rua dos Capelistas, os fadistas do Bairro Alto ou as varinas da Madragoa. O resto é província.

A história de Portugal tem nas suas páginas o valor da província na modelação e no civismo da nossa Pátria. Dali vieram grande parte dos homens que tripularam as caravelas e com eles outra classe de homens bons e ilustres que honram qualquer nação.

Alguns ficaram por Lisboa mas nunca se acimataram. As suas «pequenas pátrias» permaneceram sempre nas profundezas da sua sensibilidade e da sua saudade.

Não vamos aqui alinhar muitos nomes mas sempre direi que na província nasceram, e se fizeram

homens muitos dos que governaram este país ou o ilustraram com os seus talentos.

Vamos a alguns exemplos e como exemplos terão as suas omissões.

Vindos do Norte vieram ou se afirmaram escritores como Camilo, Eça de Queirós, Guerra Junqueiro e mais chegados a nós um Aquilino Ribeiro, um José Régio, um Miguel Torga; do Sul, um Brito Camacho, um Manuel Teixeira Gomes.

No que respeita à política concreta dentro da República tiveram assento nos órgãos de soberania outros homens como Afonso Costa, António José de Almeida, José Relvas e das ilhas adjacentes além do grande Antero (escritor e político) são respectivamente da Madeira e dos Açores Manuel de Arriaga e Teófilo Braga e das terras Algarvias emergiu Manuel Teixeira Gomes (também escritor e político).

A par destes da província vieram também homens de ciência da estirpe de Egas Moniz.

Isto da província portanto é uma história falseada.

Se regressarmos aos tempos vividos, e nos parâmetros dos movimentos de libertação, deixando já para trás o regresso dos revolucionários do Mindelo, muitas foram as cidades da província, sempre exemplificadamente, que tomaram posição de heroísmo civil e militar: O 31 de Janeiro de 1891, o 3 de Fevereiro de 1927 e em todos os movimentos de opinião tiveram por vezes a sua origem no comportamento exemplar dos tais provincianos e razão havia para se dizer, no caso particular do Porto, que a cidade era uma terra onde nunca «os milhafres fizeram ninho na caverna dos lobos».

Deixei um pouco para trás também o movimento de 1820 de sabor provinciano e ainda a geração de 1870 na sua maioria composta de berços provincianos.

Não se percebe portanto, essa ironia de querer fazer de Lisboa o monopólio dos valores da nossa terra e não se percebe porque os provincianos em «travesti» de dilettantes do Rossio e do Chiado se julguem as maravilhas fatais da nossa idade quando as maravilhas não têm privilégios especiais.

Bem cuidaram os promotores do partido novo em reagir contra a inversão geográfica e assim lá temos a primeira sede em Torres Vedras e dentro em pouco tempo noutras cidades e vilas que não Lisboa que há-de também ter a sua hora pela sua importância estratégica e política.

E se alguns que assim opinam ainda mantêm no espírito a recordação do seu Salazar não se esqueçam que o homem está enterrado na sua vila de Santa Comba Dão onde viu a luz do dia.

Quando uma causa tem contra si este tipo de argumentação já venceu.

O partido novo será aquilo que se lê e se intui na sua «Declaração de princípios» onde se especifica com clareza que o nosso propósito é fazer face a «uma crise geral de valores culturais, políticos, sociais e humanos» com a «dimensão, mais grave e transcendente da crise moral».

O partido novo propõe-se chamar a atenção dos portugueses famintos, frustrados e neurasténizados para a «indiferença que alastra perigosamente a todo o corpo social e que assume características particularmente graves entre os jovens, quanto aos problemas actuais da sociedade e, sobretudo, quanto ao futuro», tendo em atenção «uma des preocupada irresponsabilidade que, em amplos sectores sociais, se manifesta na proliferação de actividades ilícitas de toda a ordem» acrescentando «a apatia e descrença generalizadas no futuro, levando ao desenvolvimento inquietante de luta

social que reproduzem frequentemente modelos neo-cooperativos de reivindicação profissional ou sectorial que potenciando o heroísmo dos grupos socialmente mais fortes põem em causa, ou impedem, a criação de mecanismos de solidariedade social aptos a responderem, de forma mais harmoniosa e transparente, às necessidades e anseios da colectividade».

Claro que não é este o lugar para transcrever o texto integral da «DECLARAÇÃO DE PRINCÍPIOS» ou as «BASES PARA OS ESTATUTOS DO PARTIDO».

O papel já corre acessível para qualquer cidadão, os meios de comunicação social, embora precariamente, têm dado notícias e no momento oportuno virão à luz da publicidade com a aprovação das comissões nacionais e então poder-se-á discutir, divergir ou aplaudir.

Sosseguem os neuróticos que sonham com o diabo com a cruz alçada das suas penitências.

Vamos ter um **partido novo** e, repetimos, não é a mesma coisa que um **novo partido**.

Não encontro melhor forma de terminar este arrazoado do que transcrever na íntegra as palavras do presidente Bernardino Machado quando, em 1924, escreveu profeticamente: «Não! Não se volta atrás. De olhos nos luminosos horizontes do futuro, arranquemo-nos à reacção republicana, como nos arrancámos à monarquia. Como então, carecemos de dirigentes. Mas 14 anos de República, embora através de tantos transe, não foram estéreis e improdutos. Não há só que reunir artigos correfolios, isolados ou dispersos acintosamente pela oligarquia dominante. É preciso procurar governantes entre todos os condenados à inactividade política, que mordem os grilhões, sentindo palpitar no coração as asas do patriotismo. Formam uma legião».

Questão de brio patriótico

Domingos Lopes

NÃO foi por acaso que os legisladores da Constituição portuguesa decidiram, correspondendo aos sentimentos do povo português e às necessidades do país, inscrever no artigo 7.º, entre as linhas orientadoras da política externa portuguesa, o estabelecimento de «laços especiais de amizade e cooperação oficial, com os países de expressão oficial portuguesa».

A revolução iniciada em Abril de 1974 criou todas as possibilidades para se estabelecer um modelo de relacionamento entre Portugal e os novos países de expressão oficial portuguesa.

A revolução tirou Portugal do extremo isolamento a que o conduziu a ditadura fascista e o colonialismo. No que se refere à África o isolamento era tão grande que os aviões comerciais portugueses não podiam sobrevoar nenhum país africano salvo a África do Sul e a Rodésia.

Se juntarmos aos múltiplos laços de amizade e solidariedade criados na luta contra o inimigo comum entre o povo português e os povos submetidos ao colonialismo português, o capital adquirido na descolonização e a língua comum chegaremos à conclusão de que Portugal tem nas mãos bens preciosos para o relacionamento com os novos países africanos. Bastava compreender o caminho da cooperação com estes novos países independentes, com iguais direitos, renunciando como ordenam as leis internacionais à ingerência e agindo no respeito mútuo, procurando as van-

tagens recíprocas. A ditadura fascista de Salazar e Caetano esmiçava os povos das colónias, sobreexplorava os trabalhadores portugueses, deixando o país na cauda da Europa. Mantinha daquela modo um certo equilíbrio nas contas com o exterior. Ao Portugal de Abril cabia aproveitar todo o extraordinário potencial de relacionamento que a revolução abriu para através da diversificação das relações externas procurar bases para assegurar a independência nacional. Mas a que assistimos nós? A partir de 1976 os sucessivos governos em vez de percorrerem o caminho da Constituição, o caminho da cooperação, optaram pelo caminho da hostilidade, pondo o território português ao serviço da conspiração neocolonialista dirigida pelos EUA via Portugal e a África do Sul. Uma tal política, contrária aos interesses do povo português e de Portugal, tem causado sérios prejuízos. Recentemente Lopo do Nascimento, ministro do Plano da República Popular de Angola, dizia ao «Diário de Lisboa» de 13.12.84 que na sequência dessa política do governo português as trocas comerciais com Portugal iriam diminuir drasticamente (cerca de 50%) e aumentar com a Espanha. Sabe-se como o Brasil tem sido particularmente activo no seu relacionamento com os cinco. É hoje o terceiro parceiro comercial de Angola depois dos EUA e Holanda («Jornal de Angola» 9.1.85). As coisas chegaram a tal ponto que governos portugueses têm dado a dirigentes dos bandos terroristas da UNITA e RENAMO, instrumentos da África

do Sul, documentos de identificação portugueses. Quadros desses grupos encontram empregos em departamentos do Estado português. Nunca é demais denunciar o seguinte: dirigentes da UNITA e RENAMO, que em Portugal circulam, chegam ao extremo de no nosso país propagandear os crimes que cometem contra portugueses que em Angola e Moçambique ganham a vida enviando divisas para Portugal, ou contra religiosos que naqueles países divulgam o que consideram a sua religião. Como podem face do código penal português continuar a agir impunemente? É difícil imaginar maior degradação, mesmo a nível ético, da política externa. O governo português está mais interessado na defesa dos planos dos EUA e da África do Sul, para a África Austral, do que na defesa de portugueses que em Angola e Moçambique trabalham, do que na defesa das relações entre Portugal a RPA e a RPM.

Quer o Sr. Primeiro-Ministro, quer o Sr. Ministro dos Negócios Estrangeiros têm «argumentado» que faltam leis repressivas do movimento democrático para atingir tais actividades em Portugal. É evidente que esta não é a verdade. Sabe-se que dirigentes da RENAMO e UNITA usam documentação portuguesa e movimentam-se em Portugal como peixes na água, alguns até no aparelho de Estado.

As relações de Portugal com os novos países de expressão oficial portuguesa são uma questão de brio patriótico, uma questão de afirmação da independência na-

cional.

O bom relacionamento de Portugal com os cinco abrir-lhe-á portas em todo o mundo, particularmente no designado 3.º Mundo, mas não só. Mesmo na Europa as posições de Portugal serão tanto mais autorizadas quanto melhores forem as relações com os países africanos...

E neste quadro europeu não é como intermediário da chamada Europa que Portugal se afirmará junto do continente africano. Portugal só poderá ser intermediário de si próprio, explorando ao máximo as suas possibilidades próprias, respeitando os princípios universais que regem as relações entre Estados independentes.

As relações de Portugal com Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau e S. Tomé e Príncipe devem depender da vontade dos respectivos intervenientes, não devem estar sujeitas a terceiros. Pretende o Sr. Ministro dos Negócios Estrangeiros que Portugal ficará em melhores condições caso se processe a sua integração na CEE e que os países de expressão oficial portuguesa ganharão um aliado e um amigo dentro da CEE, chegando ao ponto de afirmar que Portugal dará à Europa a sensibilidade portuguesa para os problemas africanos (África Jornal 23.1.85).

Primeiro, se Portugal viesse a integrar-se na CEE não se integrava na Europa, mas numa organização supranacional de um conjunto de países europeus. Segundo, de lá nada de bom tiraria. Terceiro, dentro da CEE há quem tenha relações muito mais intensas com alguns daqueles países



As relações de Portugal com os novos países de expressão oficial portuguesa são uma questão de brio patriótico

que Portugal. Quarto, a sensibilidade do Governo português é tão grande para os assuntos africanos que o Sr. Ministro fala nessa mesma entrevista do «diálogo do Brasil com o povo africano». Quinto, se Portugal aderir à CEE fica sujeito nas suas relações com os países africanos aos condicionamentos da Convenção de Lomé, a qual, por exemplo, ainda não foi assinada por Angola.

É por demais evidente que Portugal é um dos países em melhores condições para com os novos 5 países estabelecer um tipo de cooperação altamente vantajosa para todos. Quer ao nível de tro-

cas comerciais, quer ao nível cultural, dado que uma das mais significativas expressões das culturas nacionais (a literatura) se plasma no mesmo idioma, o português.

A política cegamente seguida pelo actual Governo não representa um conjunto de «gaffes». É o resultado de uma opção de classe: ao lado do imperialismo e dos racistas contra os povos recém libertados. Não é um chavão. É uma triste realidade. Com efeito não pode querer bem aos outros povos quem ao povo do seu próprio país quer mal.

política de A a Z

O discurso e o partido

No almoço comemorativo do 4.º aniversário da sua reeleição, o general Ramalho Eanes falou como Presidente da República, aos seus eleitores se explicando, e falou como portador de um mandato que com o exercício do cargo presidencial se não esgota. Para o cidadão Ramalho Eanes, e para o militar de Abril e de Novembro, existe, com o povo, um compromisso que não terá sido cumprido. Temos a liberdade, temos o formalismo democrático, não temos a Democracia Social, a Justiça.

Reconhecendo-o, no discurso do Presidente não faltam as observações críticas e as notas autocríticas, mas não deixam de estar presentes os acentos de esperança, as afirmações de confiança. O Presidente, no final do seu discurso, justificara-se: «Não quero eximir-me à quota-parte da responsabilidade que me cabe invocando a limitação dos meus poderes, mas não posso deixar de recordar que, no actual sistema constitucional, não pertence ao Presidente da República participar positivamente na definição das políticas, nem exigem a sua concordância e confiança política o programa, a investidura e a subsistência dos Governos.» Mas, seguidamente, afirmou: «Não desejo que tomeis estas minhas palavras como expressão de pessimismo ou de frustração, confio nos portugueses para que seja tornada realidade aquilo que dos propósitos da minha candidatura venha a ficar por ser executado, conto, terminadas as minhas actuais funções, poder continuar, em obediência a uma nova acção política, a prosseguir os valores que em 1980 nos reuniram.»

Não será especulativo ver nesta afirmação o propósito de prosseguir uma actividade política, uma vez terminado o mandato presidencial, nem na referência «aos valores que em 1980 nos reuniram» a intenção de manter com os apoiantes da sua recandidatura uma ligação privilegiada, organizada. E é o próprio Presidente Eanes que o diz: «Com o vosso apoio, com a ponderação e serenidade, e com o vosso trabalho organizado, tentaremos levar a sociedade portuguesa à defesa dos valores, dos objectivos, das mudanças que a tornem mais moderna, mais justa, mais pacífica.»

Nestas palavras, na decisão de continuar a prossecução dos valores da campanha presidencial de 1980, «em obediência a uma nova acção política», como afirmou, não é difícil adivinhar disponibilidade do Presidente Eanes para uma intervenção, com apoios organizados, na vida nacional. No sentido da renovação e das

mudanças que tornem a sociedade portuguesa «mais moderna, mais justa, mais pacífica».

No quadro «ex-CNARPE» no qual a comemoração nacional da reeleição foi promovida, e dada a coincidência entre organizadores do convívio comemorativo e organizadores do «partido» (de referência eanista), não será abusivo concluir, como muitos concluíram, que as palavras do Presidente da República deram, em público, e com alguma solenidade, luz verde para o lançamento do «partido» e confirmaram que os «partidários» contam, hoje, com o seu apoio moral e político, amanhã com a sua participação «em obediência a uma nova acção política».

Não tenhamos tendência para fugir à dificuldade que resulta do apelo directo do Presidente Eanes aos seus eleitores, aos que estarão dispostos «a prosseguir os valores que em 1980 nos reuniram». Nessa multidão de eleitores contavam-se os eleitorados de vários partidos que subsistem. Eleitorados que não estão empenhados na criação de um «novo partido», ou predispostos para ver no «eanismo» o caminho único de salvação nacional. A predisposição para convergências ou alianças, no quadro do pluralismo democrático, tem um sentido muito diferente, de o efeito de arrastamento que, eventualmente, o apelo directo aos eleitores de 1980 poderá suscitar.

Na constituição, na mobilização, e na decisão de voto, dos eleitores da «maioria de Esquerda», em 1980, interferiram as adesões e os empenhamentos partidários (dos «partidos velhos» democráticos). Com esta observação (oportuna) não se pretende apagar o relevo que teve Eanes nesse plano — o da campanha presidencial; nem se intenta diminuir a importância da sua personalidade política e do seu perfil moral como referência do movimento de opinião que vai, proximamente, converter-se em «partido político». Outro é o problema que nos preocupa: o da possível confusão entre renovação, ou aprofundamento da democracia, e um qualquer «messianismo», por mais democrata, progressista e bem intencionado que se proclame o protagonista da salvação messiânica.

Urge regenerar, moralizar, sanear a Democracia, mas a regeneração terá que revestir em nítido carácter democrático. A criação de um «novo partido», com as implícitas consequências na alteração da «correlação de forças», poderá ser um factor positivo.

Só será, contudo, esse factor positivo se, pela sua actividade concreta e o seu claro relacionamento (positivo e negativo) com as forças políticas existentes, produzir a renovação e a clarificação da prática política democrática.



As palavras perdulárias

José Manuel Mendes

CAI sobre ti o silêncio, eu sei: uma película de ferro frio.

Dia após dia, meticolosamente. Olhas a praça onde se nomeiam os deuses e, mesmo sabendo que escasso é o seu triunfo, que a glória te não embriaga, áridos vão ficando os campos da tua ilusão. Julgaste-te com direito à não discriminação, a ver a obra que trabalhas entre euforia e tormento aos sóis dum reconhecimento mínimo, justo, autêntico. Doem as espadas da invidiada, da mediocridade engalanada, do alarido a soldo? Esqueces, todavia, que o tempo é de conflito. Ou antes: a pressão da disforia íntima secundariza a realidade que não ignoras. A pugna aí está. E só não perece nem fraqueja quem for da estirpe dos que o desânimo não abate.

Já há umas semanas te ouvi, numa roda de amigos, falar, como escritor, do perdido investimento da esperança. Uma esperança legítima, claro. Recusam assinalar-te os livros enquanto fomentam burundanga. A mistura, para granjear um alguma credibilidade, com um outro título de mérito. Presentes uma espécie de conspiração muda à tua volta, excepção talvez pelo juízo daquele crítico de génio, num texto não assinado, que te condenou, certa

vez, em dez linhas solenes, ao perpétuo degredo da inferioridade. Entretanto, aqui e ali, apenas aplaudem o teu labor os abencerragens que porfiam em colocar-se acima de peralvilhismos e seitas. Para outros, quanto mais de plástico melhor, é o lugar público, a trombeta, o odor das rosas.

Conheço, A.M., o libelo acusatório. Solidarizo-me contigo exigindo-te que lutes. Como queiras que acolhessem seriamente a tua produção estética? Compete-lhes, porque a isso se prestam, o contrário. E promover o inócuo, exaltar a retórica da anti-ideologia (definida esta como de esquerda, contra-servi, transfiguradora), reduzir a audiência a quem escolhe diferentes latitudes da arte. Tivesses optado, A., por dar ares de progressivismo apartidário, pleno de compromissos com a mexerufada verbalística dos que apoiam o poder instalado, aparecesses tu na pele de um explorador, ainda que algo distante, do capital de anticomunismo de que tantos se nutrem, prosasses estorrazinhas idiotas, condimentadas de futilidade ou pretensiosismo, e outros galos cantariam. As colunas dos semanários (de especialidade ou não)

engrinaldavam-se para receberem os teus arrazoados, a TV e a Rádio procuravam-te, serias felicitado (suprema desgraça, meu caro) pelo Mário Soares, numa dessas sessões em que as «pessoas sensíveis» o veneram como campeão dos direitos humanos. Se, paralelamente, copiassem um pouco as novidades que cá chegam, velhas de longos lustres, das gôndolas europeias ou americanas de muito mundo trejeitar, os suplementos (quase, quase todos) genuflectiriam a teus pés, cacófagos literários que se prezam.

Não é essa a tua aposta. Por isso, em ti, o desalento é um erro e uma perfídia. Leio a carta que expediste de Nice, no meio de um Verão fosco: «Não é a consagração do futuro (redentora dos injustiçados) que almejo; menos, decerto, a do presente. Reclamo tão-só o direito a não me entapear a voz. Numa sociedade liberta do fascismo, que deve reger-se por normas de convivência não sectárias, sobretudo (?) nos domínios da arte, será reivindicar o absurdo? Evidente que não. Expropriado do que me pertence, valerá a pena berrar, pá?»

Obscuros correm os meses lentos. Os mandarins anicham papagaios amestrados nos

meios de comunicação de massas, decretam se ostracizam os rebeldes, prebendam seculares e discordantes mansos ou estratégicos. Proliferam, novamente, os corifeus da submissão, os escribas da chilridade emplumada. Terás que bater-te, teremos, A. Sem desfalecimentos, como ouvimos e proclamamos no passado de breu, como, desde que o mundo é mundo, se impõe a quantos não rastejam e apeteçam, germinam o devir desconstrangido.

Afinal, amigo, o silêncio de ferro não é tão estragante como parece. Tu próprio, com inúmeros de nós, o que — brarás. Lembra-te daquela manhã de libertação, em Caxias, ao cabo de décadas de tortura? Assim, A.M. Por exemplo assim. E, certamente, nem é sequer forçada a comparação que estabeleço. Coragem, homem! (Como o brado retorna ao emissor, ecoa e cresce dentro de mim também!) Aguardo o novo romance seguro de que nele te reveerei inteiro: lúcido, diligente, senhor de uma escrita pessoal, tensa, belamente construída.

Perdoa ter decidido responder-te nas **Perdulárias**. Um abraço fraterno. E até sempre

ponto a ponto



O vice-primeiro-ministro, Mota Pinto, desloca-se ao Brasil no final de Fevereiro ou início de Março. Mota Pinto desloca-se ao Brasil a convite de várias comunidades de emigrantes. Um porta-voz do vice-primeiro-ministro disse que a viagem poderá coincidir com a tomada de posse de Tancredo Neves, no dia 15 de Março.

O Primeiro-Ministro português manterá conversações com o presidente mexicano Miguel de La Madrid, na próxima sexta-feira, nos Açores. Mário Soares partirá para os Açores na próxima quinta-feira à noite, para no dia seguinte se encontrar com o chefe de Estado do México, que faz escala no arquipélago de regresso ao seu país, após ter participado na reunião internacional de Nova Deli. Assuntos de carácter internacional, tais como a situação na América Latina e América Central e as diligências do Grupo de Contadora, deverão fazer parte da agenda de conversações.

O Primeiro-Ministro, Mário Soares, recebeu, o embaixador de Portugal junto dos organismos internacionais, Fernando Reino. O embaixador informou o Primeiro-Ministro sobre a forma como decorreu processou o processo final de libertação dos cidadãos portugueses que se encontravam presos na Tanzânia e ainda do teor da audiência que manteve com o presidente Julius Nyerere.



A ex-secretária de Estado, Manuela Silva defendeu a procura de um modelo alternativo de desenvolvimento e organização da sociedade que permita superar a crise e criar as bases para uma sociedade mais justa e equitativa. Num encontro realizado pelo Centro de Estudos Pastorais de Lisboa sob o tema «Dias de Estudo Igreja-Mundo», participaram Sousa Franco e Manuela Silva, que de uma perspectiva política e económica analisaram a situação portuguesa. «Há falta de participação política dos cristãos na sociedade, parte-se muitas vezes da ideia que a actividade política e de fé não são compatíveis», disse por sua vez, Sousa Franco.

A Juventude Centrista considerou que a escolha da Comissão Nacional das Comemorações do Ano da Juventude e «demonstrativa da noção meramente clientelista e partidária do Governo». Ao tomar conhecimento da nomeação da referida comissão, criada já há mais de um mês, a JC afirma que ela traduz «a satisfação das clientelas dos partidos do bloco central, nomeadamente da Juventude Socialista e da Juventude Social-Democrata». «O Governo não visa mais do que partidizar o Ano Internacional da Juventude e as suas comemorações em Portugal, não dialogando com os jovens e as suas organizações partidárias e não partidárias, desprezando-as e a toda a juventude» — diz o comunicado.



O chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, general Lemos Ferreira, deslocou-se ao edifício da administração central da Marinha a fim de visitar uma exposição subordinada ao tema «A Instrução na Armada», onde foi recebido pelo CEMA, almirante Sousa Leitão. Com esta exposição, integrada na Expomar-84 até 25 de Novembro último, pretendeu a Marinha mostrar o contributo que pretende dar ao País nas áreas educacional, e técnico-profissional.



A visita de Estado do presidente norte-americano, Ronald Reagan a Portugal deverá ser anunciada brevemente, revelaram em Washington fontes da administração Reagan. O presidente norte-americano aceitou já o convite da Alemanha Federal e da Espanha para visitar oficialmente esses países, na sequência da cimeira económica em Bona a 2 e 4 de Maio — anunciou a Casa Branca.

Os participantes no Curso de Defesa Nacional de 1985 iniciaram uma visita de estudo à Região Centro. A visita começou pela zona de Abrantes e prolongar-se-á até ao próximo dia 1 de Fevereiro. Durante o dia de ontem os participantes no Curso de Defesa Nacional visitaram uma sociedade agrícola em Abrantes e integraram-se numa sessão solene do município local.

A delegação regional do Norte da Associação de Amizade Portugal-República Popular de Angola comemora em Fevereiro, com um conjunto de iniciativas, o vigésimo quarto aniversário do início da luta armada de libertação nacional em Angola. O programa, que se inicia a 1 de Fevereiro e que se estende até ao dia 10, compreende a abertura de uma exposição de pintura e artes gráficas de António P. Domingues e de desenho de José Rodrigues. No dia 4 abrirá no edifício da UNICEP uma exposição-venda de livros e artesanato angolanos e à noite haverá uma sessão político-cultural, no Auditório Nacional de Carlos Alberto.

PORTUGAL vai enviar para Moçambique uma ajuda alimentar, incluindo 44 mil latas de diversos produtos, anunciou a Secretaria de Estado da Cooperação. O envio é feito em resposta a um pedido de auxílio de emergência formulado pelas autoridades moçambicanas, junto do Governo português.

A política portuguesa vista por "Le Monde"

O duelo Eanes-Soares

O ano de 1985, que deve terminar em Dezembro com uma eleição presidencial, começou politicamente em Portugal com «destaque jornalístico». Na sua mensagem do Ano Novo, o Presidente Eanes quase acusou, com efeito, o chefe do Governo, o socialista Mário Soares, de ser desprovido de sensibilidade social. Não fustigou ele os «sacrifícios sem contrapartida» que os cidadãos suportam? Não denunciou o agravamento das injustiças no País?

A réplica do Primeiro-Ministro foi rápida. Soares acusou o Presidente de se comportar como chefe da oposição, de ter, em todo o caso, rompido com a «solidariedade institucional» necessárias em toda a democracia, «entre órgãos de soberania».

Todas as ambiguidades de Portugal, uma década, nove eleições e quinze governos depois da «revolução dos cravos», encontram-se resumidos nessa justa cuja vivacidade faz augurar um ano agitado e uma campanha eleitoral que não o será menos.

Um secretário-geral do Partido Socialista desprovido de sensibilidade social! Eis o que é um pouco forte e merece um exame. Quando no dia 19 de Junho de 1983, depois de cinco anos de «travessia do deserto», Mário Soares voltou ao Palácio de São Bento, encontrou um Portugal esmagado por uma crise que se instalara durante os três anos e meio do governo da coligação conservadora Aliança Democrática. Por um lado, a equipa dirigente constituída a 3 de Janeiro de 1980, fora privada de uma ferramenta para ela essencial quando o Conselho da Revolução (onde os oficiais progressistas do 25 de Abril de 1974 eram majoritários) pusera obstáculo a uma lei que autorizava os capitais privados a investir na banca, nos seguros e em certos sectores industriais nacionalizados em 1975. Por outro lado, a morte, num acidente de avião, do Primeiro-Ministro, Francisco Sá Carneiro e a incapacidade de quem se encontrou o seu sucessor, Francisco Balsemão, de se impor à testa da coligação e do Governo, paralisaram praticamente a acção dos poderes públicos durante dois anos.

Como é frequente foi a um primeiro-ministro socialista que caberia «por a casa em ordem». De resto, Soares já fizera isso muito bem, uma primeira vez, em 1977, quando Portugal estava economicamente exangue depois dos sobressaltos revolucionários de 1974-1975, e da difícil institucionalização de 1976. Ele fizera apelo ao Fundo Monetário Internacional e decidira um primeiro lote de medidas de austeridade. Num contexto internacional então favorável, a «poção» foi tomada sem grandes histórias, e a economia nacional arrancou em 1979.

Amargo pormenor para o PS: seria a direita a capitalizar, as eleições de Dezembro de 1979, os votos portugueses descontentes com a austeridade!

Sabe-se o que ela fez disto... Esta desventura não impediu Soares, quando regressou em 1983, desta vez aliado ao Partido Social-Democrata (centrista) de repetir de novo o cenário de 1977: apelo ao FMI, medidas de austeri-

dade draconianas para refrear o consumo e a inflação, e forte desvalorização do escudo para limitar as importações e estimular as exportações. Para mais, Soares fez o que a direita não tinha feito: quebrar o tabu revolucionário acerca do regime dos bancos e dos seguros. Estes dois sectores foram abertos aos capitais privados.

Alguns resultados foram notáveis. Em particular o défice da balança de pagamentos correntes trouxe consigo uma baixa espectacular, principalmente com uma forte reprise das exportações — para além dos objectivos fixados pelo FMI em 1983. Em contrapartida, 1984, foi um ano de recessão, de desemprego muito elevado e de queda vertical do poder de compra (9%).

Então, insensibilidade social? Por mais que Soares explicasse que o rigor era indispensável, tendo em vista a herança deixada pela direita. Ele também pode lembrar que até então o contravento do seu parceiro social-democrata, se opôs a uma revisão da legislação sobre as greves (que o PSD desejava limitar) e sobre os despedimentos (que o PSD desejava tornar mais fáceis); também — e neste ponto com o acordo pelo menos tácito do seu aliado — quase renunciando ao ordenamento de um sector público hipertrofiado e pesadamente deficitário, mas onde se partilhavam os lugares sem excessivos estados de alma. Por fim, Soares prepara-se sem dúvida para alargar os cordões à bolsa em 1985. Antes da eleição presidencial, serão simplificadas algumas dificuldades a fim de atingir um crescimento que, oficialmente, se desejava próximo dos 3%.

A reputação de insensibilidade social feita a Mário Soares, e não só pelo Presidente da República, não viria principalmente do comportamento um pouco olímpico que o Primeiro-Ministro adoptou desde o seu regresso aos «negócios»? «O Mário» como dantes lhe chamavam familiarmente em Portugal, parece, com efeito, ter-se deixado convencer pelos seus conselheiros de relações públicas que, para chegar ao Palácio de Belém — sua evidente ambição — deveria agora mostrar-se mais pausado, mais sério, logo mais distante. E, como tal atitude é a inversa da anterior, talvez ele inconscientemente continue na mesma linha. Na verdade, ao contrário de colegas europeus, por exemplo do espanhol Felipe Gonzalez, Soares deixou de se considerar obrigado a esses gestos, essas palavras, essas referências, que querem mostrar que o rigor imposto por um governo socialista não pode ser confundido com a austeridade pura e simples.

Uma democracia mal assegurada

A rápida resposta do Primeiro-Ministro acusando o general Eanes de ter, com a sua mensagem do Ano Novo, rompido com a necessária solidariedade «entre órgãos de soberania», acentua outro problema do momento, este político: a democracia ainda não encontrou em Portugal uma for-

ma precisa, e as suas sessões não são muito firmemente asseguradas.

Em 1982, a Assembleia votara, por maioria legal de dois terços, uma reforma da Constituição de 2 de Abril de 1976 visando por um lado a extinção do Conselho da Revolução e, por outro, uma redução dos poderes do Presidente da República em proveito do Governo. So o apoio dos votos do PS a maioria conservadora de então permitira a adopção destas medidas. O PC e a esquerda radical viram nisto um novo trabalho de sapa no edifício revolucionário.

Tratando-se da redução dos poderes do chefe do Estado, pode pensar-se que os deputados jogaram conveniente responder com uma reforma de estrutura a uma situação conjuntural. Para a Aliança Democrática no poder, tratava-se de «contornar» um grande obstáculo colocado no seu caminho: este Presidente, reeleito em 1980 com o apoio exclusivo da esquerda e contra o candidato da Aliança, o páldo general Soares Carneiro. Quanto a Mário Soares e de requear que ele tenha sobretudo querido responder a humilhação que em 1978 lhe infligira o general Eanes, ao destituí-lo das suas funções de chefe do Governo por ocasião de uma crise ministerial de limitada amplitude.

Não se duvide de que há em Portugal um problema não resolvido: a repartição das competências entre um chefe de Estado eleito por sufrágio universal e, no entanto, mais árbitro do que actor, e um Governo responsável a um tempo perante o Presidente e perante um Parlamento eleito também por sufrágio universal. Mas essa ambiguidade seria de fraco alcance se o chefe do Estado fosse o chefe de uma maioria claramente definida e que esta tivesse igualmente mais de metade dos lugares na Assembleia.

Ora se não é assim, é, largamente, um legado conjuntural do período anterior. O general Eanes foi escolhido em 1976, depois de um acordo entre a maioria dos partidos (as duas formações de direita e do centro, e o PS) e as Forças Armadas. Esta escolha reflectia, na altura, uma evidência: num país mal feito da com-moção revolucionária, a melhor maneira de consolidar a democracia era talvez colocar a frente do País um general considerado democrata e que tinha, apesar disso, devido aos seus serviços, o apoio de todos os seus colegas oficiais — putschistas de todas as cores!

Em 1980 houve, de novo, um consenso da quase totalidade das forças políticas para apresentar a presidência candidatos militares. O general Eanes, que tivera um certo sucesso durante o seu primeiro mandato, foi considerado um candidato satisfatório pela maioria das forças de esquerda. Foi reeleito com 57% de votos.

Um desvio para a aventura

Se em Dezembro próximo, como muitos indícios o fazem crer, Soares for candidato, e se, o que hoje parece mais incerto, ti-

ver a maioria dos sufrágios, o fato um pouco apertado que ele mandou talhar para o chefe do Estado, parecer-lhe-a certamente incómodo. O mesmo acontecera a um vencedor civil de direita.

O que hoje complica o jogo em Portugal, e aquilo a que temos que chamar a atitude ambígua do general Eanes. A Constituição impede-o de se apresentar imediatamente para um terceiro mandato. Ora, para não se arriscar e desaparecer da cena política, o chefe do Estado deixou que um partido «eanista» se lançasse na corrida. Se ele tivesse desencorajado a empresa, ela teria imediatamente parado. Não o fez, porém: o movimento está a constituir-se. Ele deve ter o seu peso, pelo menos no ano de 1985. Porque a intenção dos promotores deste partido é, naturalmente, apresentar um candidato à eleição presidencial de Dezembro. Os votos esperados são dos nostálgicos da revolução — esquerdistas sem partido, comunistas desejosos de dar um voto útil, socialistas em desacordo com a linha julgada muito conservadora de Soares. O perigo, no entanto, está no facto desta formação «eanista» atrair também a si gente desconsolada pela própria democracia: toda uma franja de portugueses modestos que acham «que as coisas não estavam tão mal no tempo de Salazar» e que «os politiquês de Lisboa só servem para encherem os bolsos», isto sem esquecer os numerosos emigrantes, desejosos de ver a casa arrumada, até porque não vivem nela. Em suma, o partido «eanista», apesar das intenções do seu fundador — homem de ordem mas legalista — podia facilmente derivar para a aventura.

Curiosamente, este perigo raramente é referido em Portugal. É certo que ele se abriga num rosto bastante tranquilizador, o de Maria de Lourdes Pintasilgo — chefe efêmera, em 1979, de «um governo da confiança do presidente», uma intelectual de fortes raízes católicas que descobriu a esquerda durante a «revolução dos cravos», e personalidade muito popular, como o mostram as sondagens que a apresentam em primeiro lugar.

Para um Mário Soares virado a direita mas em quem a direita não votara, como é evidente, a eventual candidatura de Maria de Lourdes Pintasilgo é uma preocupação. Porque as incertezas acumulam-se: o PC (18% dos votos) consentiria em votar por um velho rival? O PSD poderia apoiar a candidatura do secretário-geral do PS sem se renegar a si próprio? Qual é, em Portugal o peso exacto dos «desiludidos do socialismo»?

O no do problema é, evidentemente, a existência, no xadrez nacional (entre um CDS claramente conservador e um PC incuravelmente estaliniano) de uma enorme massa de cidadãos (mais de metade, sem dúvida) que não escolheu definitivamente o seu ancoradouro político. Ai reside a mais grave incerteza portuguesa. Em 1985, e, sem dúvida, mais tarde.

Jean-Pierre Clerc
Exclusivo «Le Monde» «DL»

comunicação social



Raul Junqueiro interveio, ontem, no seminário sobre tecnologia de informação

Raul Junqueiro

“As novas tecnologias desmassificam a iniciativa privada”

O secretário de Estado das Comunicações, Raul Junqueiro afirmou que «não adianta defender com cegueira o estatismo dos meios de Comunicação Social, quando a desmassificação tecnológica origina saudável e irreversivelmente a iniciativa privada».

Raul Junqueiro falava na sessão de abertura do seminário «A Informação face às novas tecnologias», presidida pelo representante do Presidente da República, almirante Silva Horta, que ontem se iniciou em Lisboa.

O secretário de Estado das Comunicações defendeu que não em qualquer sentido continuar a falar-se de monopólios estatais, quando os mesmos estão condenados pelas oportunidades da revolução tecnológica.

«Não vale a pena dificultar a atribuição de novos meios de comunicação, quando entramos e iremos viver uma era completamente nova, a era da informação» — acrescentou.

Raul Junqueiro sublinhou a importância do seminário, que «assume aspectos diferentes, combinando a análise teórica com a prática».

«O domínio das novas tecnologias e a sua aplicação concreta são condição fundamental para a gestão do presente e planificação do futuro» — explicitou Raul Junqueiro, que ainda considerou a evolução tecnológica a chave mestra do desenvolvimento.

Um dos organizadores do seminário, promovido pelo Departamento de Comunicações Social da Universidade Nova de Lisboa, Adriano Rodrigues, afirmou que «há indícios de que o actual modelo da técnica, da ciência e da sociedade compõem condições que permitem criar respostas, pronunciadas, a estas questões de novas formas de vida colectiva».

Adriano Rodrigues, coordenador do Departamento de Comunicação Social da Universidade Nova de Lisboa, explicou que o seminário se destina «a abrir um espaço de encontro ao maior número possível de especialistas dos mais diversos campos de pesquisa».

O seminário contará com a participação de cerca de 600 técnicos e cientistas portugueses com a colaboração de organismos nacionais e estrangeiros, e incluirá a realização de três video-conferências e de seis painéis simultâneos.

A primeira video-conferência será efectuada entre Mário Soares, em Lisboa, e o presidente francês, François Mitterrand, em Paris, que vão debater a cultura face aos novos «media» e as novas tecnologias e sobre o poder político do final deste século.

Relação do Porto

Freitas Cruz director “ilegal”

Fim para um caso que fez correr muita tinta: o Tribunal da Relação do Porto acaba de pôr termo, dando total razão à posição defendida pelo Conselho de Redacção do «Jornal de Notícias» e às alegações no mesmo sentido do Ministério Público, representado pelo procurador, dr. Azevedo Maia, ao diferendo surgido quando a anterior administração da empresa decidiu nomear ilegalmente o jornalista António de Freitas Cruz para director do jornal, sem o necessário voto favorável do CR, utilizando o expediente de classificar a sua direcção de «interina».

A Relação do Porto deu como provado que a anterior administração do «JN» (constituída pelos drs. José Serra e Lopes Cardoso e pelo jornalista Alberto Carvalho, além do próprio A. Freitas Cruz) «agiu dolosamente no caso».

Como é óbvio, o Conselho de Redacção do «JN» considera esta decisão judicial da maior importância.

Depois da análise da situação, o CR lamenta «que seja mais uma vez a empresa do «Jornal de Notícias» a suportar as consequências da actuação (que não hesitou em pôr-se à margem da lei) do CA, agora em resultado da multa imposta e das despesas do tão mal — sucedido patrocínio judicial do dr. Miguel Veiga» (advogado, como se presume, da parte contrária.)

Eanes almoçou com colaboradores

“Escolhi um caminho, serão bem vindos aqueles que me quiserem acompanhar”

Ramalho Eanes reafirmou, desta vez perante os seus colaboradores mais directos, que vai continuar na vida política para além do seu mandato, ao mesmo tempo que convidava, aqueles que quisessem, a acompanhá-lo.

O Presidente da República falava no decorrer do almoço que os seus colaboradores tradicio-

nalmente lhe oferecem, por ocasião do seu aniversário.

«Escolhi um caminho e aqueles que me quiserem acompanhar serão bem-vindos», disse o general Ramalho Eanes. Sublinhou todavia que a opção de cada um não deveria «ser considerada emocionalmente perante o cidadão Eanes, mas sim no plano das ideias e objectivos

concretos de cada um, perante a sua consciência e segundo aquilo que pensam deva ser o seu comportamento perante os seus filhos e perante a Nação a que pertencem e de cuja vida fazem parte».

Segundo um dos participantes, Eanes disse não considerar que aqueles que porventura o não acompanhem o tenham

abandonado.

Referiu por outro lado «os compromissos a que se sente obrigado perante o País e para as acções que considerou imperioso desenvolver, terminado que seja o seu mandato presidencial».

Participaram no almoço, que se realizou nas instalações da Força Aérea, em Monsanto,

cerca de 40 pessoas, que representam praticamente a totalidade dos seus colaboradores directos, excluídos os conselheiros, pessoas que normalmente não têm participado nestes convívios.

Conselho de Estado na quinta-feira

Entretanto, na próxima quinta-feira terá lugar, com início

às 10 horas, nova reunião do Conselho de Estado, convocada com base na mesma alínea e artigo da Constituição que fora invocada para a reunião da semana passada.

Esta reunião poderá ser considerada uma continuação da anterior mas versando agora essencialmente a parte económica.

Tancredo traz o "coração em festa"

Só vale a pena viver nos valores da democracia

—afirmou na AR o presidente eleito do Brasil

O presidente eleito do Brasil, Tancredo Neves, assumiu ontem o compromisso solene de fortalecer as instituições livres do Brasil e Portugal. Tancredo, que visita Lisboa a convite do Primeiro-Ministro, congratulou-se, logo após a sua chegada a Lisboa, por estar na «capital de toda a cultura lusiada no Mundo».

O presidente eleito foi recebido no aeroporto de Lisboa por Mário Soares, pelo chefe da Casa Militar da Presidência da República, almirante Silva Horta, e pelos ministros dos Negócios Estrangeiros, da Educação e da Cultura.

Ontem à noite, Tancredo participou num jantar que o chefe do Governo português lhe ofereceu em Sintra. Num breve improviso, o convidado afirmou que depois de tomar posse, convocará imediatamente a Assembleia Constituinte. Disse, também, no discurso, que para muitos observadores políticos foi o mais importante desta sua digressão europeia, que o mais importante do seu futuro mandato é estabilizar a democracia social. Numa intervenção recheada de referências a Portugal, o presidente eleito salientou que não adianta muito ser o Brasil uma grande potência mundial se é um dos países com a renda «per capita» mais baixa do Mundo. Concluiu o discurso, afirmando que Brasil e Portugal «têm um grande destino histórico a cumprir», principalmente quanto ao futuro.

Mário Soares falou depois, também de improviso, durante cerca de dez minutos, para felicitar Tancredo e lhe dizer que no Brasil, como em Portugal, a democracia vai marchar pacificamente. Para Soares, a vitória de

Tancredo Neves representa um facto importante para a democracia na América Latina e no mundo inteiro, constituindo, de resto, «um verdadeiro exemplo para várias nações». O Primeiro-Ministro disse, ainda, que a entrada de Portugal na CEE representa uma porta aberta e um aliado amigo para as necessidades do povo brasileiro.

Tancredo no Parlamento

O presidente eleito do Brasil aceitou a homenagem que a Assembleia da República lhe prestou ontem, à tarde, como dirigida a «um colega de além-mar», deputado e senador durante quase meio século, «e quase sempre na oposição». Recordando os processos de democratização do seu país e de Portugal, Tancredo Neves disse que nunca compreendeu «a distinção entre portugueses e brasileiros na luta pela democracia».

Repetidamente aplaudido, de pé, pelos deputados e membros do Governo e até mesmo o público que se encontrava nas galerias a assistir à cerimónia, Tancredo começou por dizer que a reconquista da democracia no Brasil «não foi uma liberalidade», já que «deu muito trabalho e luta». Disse, também, que «não vale a pena viver a não ser nos valores democráticos».

Dirigindo-se aos seus «colegas e irmãos portugueses», o orador afirmou que os brasileiros têm uma grande gratidão com Portugal «pela obra memorável» que fez permitir a construção de uma poderosa civilização nos trópicos. Tancredo comparou a epopeia da conquista dos mares a esse outro «feito grandioso» da História portuguesa que foi o da



Com Soares, à chegada a Lisboa

construção do Brasil. «Hoje não existe no meu país um só brasileiro que ao despertar pela manhã não tenha dois pensamentos: um para Deus e outro para Portugal», concluiu o presidente eleito do Brasil.

Deputados falam de Tancredo e do Brasil

A cerimónia efectuada no hemiciclo de S. Bento não foi longa. Nela discursaram os deputados em representação de todos os partidos com assento parlamentar para saudarem o novo presidente e a amizade entre os dois países.

Magalhães Mota, em nome da ASDI, foi o primeiro orador. A propósito da restauração da democracia no Brasil, o líder daquele agrupamento disse que «assim como há esperanças que tardam, também há esperanças que vêm» (citou António Vieira). Seguiu-se Lopes Cardoso, da UEDS, para afirmar que «os dias que agora se vivem no Brasil são para nós, portugueses, o reencontro com a esperança de Abril». José Manuel Tengarrinha, do MDP/CDE, disse, por seu turno, «que nada do que se passa no Brasil nos é indiferente» e que os dois países que ajudaram os exilados políticos um do outro, são separados apenas

«por este longo e azul abraço».

Adriano Moreira falou em nome do CDS e fez votos para que a divisa da bandeira brasileira («Ordem e Progresso») se transforme num lema para todos os que falam português no Mundo. Carlos Brito, em nome do PCP, afirmou também: «Vivemos com grande alegria esta oportunidade de o saudar tão poucos dias após sua memorável eleição e de ao mesmo tempo saudar o processo democrático brasileiro que simboliza». António Capucho, pelo PSD, lembrou a transição pacífica para a democracia, no Brasil, e, só por isso, «não deve ser esquecido o papel dos que cumpriram as promessas formuladas, especialmente o presidente João Figueiredo». Manuel Alegre, em representação do PS, fez na sua intervenção várias referências às «tentativas militaristas» que condenou, para enunciar «esse princípio base da democracia, que é a submissão do poder militar ao poder civil».

Após os deputados usarem da palavra, interveio o presidente da Assembleia da República, que começou por recordar a reacção do Parlamento à vitória de Tancredo. «O generoso povo brasileiro estava em festa e nesta Assembleia ressoaram então os aplausos que vitoria-

vam uma conquista que também fazíamos nossa». «Por isso, a Assembleia da República exprimiu a sua mais viva satisfação e formulou, solenemente, um voto para que tal facto representasse uma nova era de paz e de democracia para o povo irmão do Brasil», concluiu Fernando Amaral.

Todos os discursos proferidos na sessão foram aplaudidos, unanimemente, excepto os de Adriano Moreira e de Carlos Brito. Acetivamente estiveram presentes, além dos deputados, os ministros e secretários de Estado, altas patentes militares, governador civil de Lisboa, Provedor de Justiça, altos representantes judiciais. No exterior do palácio haviam sido hasteadas as bandeiras brasileira e portuguesa.

Chegada a Lisboa

Logo após a sua chegada a Lisboa, Tancredo Neves fez uma breve declaração à Imprensa a quem disse que tinha «o coração em festa» por visitar Portugal. A Lisboa, chamou-lhe «a capital de toda a cultura lusitana no Mundo».

Para Tancredo, «Portugal e Brasil encontram-se num momento secular da sua história como duas democracias na plenitude das suas prerrogativas». E concluiu: «Rendemos aos nossos antepassados, nas pessoas dos nossos contemporâneos, o preito da eterna gratidão de todos os brasileiros».

O presidente eleito do Brasil chegou ao aeroporto da Portela às 13 e 55, proveniente de Roma, em voo regular da Alitalia. Antes de se deslocar à Assembleia da República, aquele visitante teve breves encontros com Mário Soares e Jaime Gama. Enviou ainda um telegrama a Alberto João Jardim, respondendo assim a uma mensagem do presidente do Governo Regional da Madeira através da qual o convidava a integrar a ilha na sua deslocação a Portugal. Tancredo disse que «não faltarão oportunidades para mantermos um diálogo pessoal que contribua para um maior estreitamento dos laços que unem os nossos dois povos».

Tancredo Neves avista-se hoje com o Presidente da República, general Ramalho Eanes, com quem janta, e desloca-se amanhã a Coimbra para uma visita à cidade. Na quarta-feira, o presidente eleito do Brasil janta com o rei Juan Carlos e com o primeiro-ministro Felipe Gonzalez. Um avião da Força Aérea espanhola desloca-se a Lisboa, propositadamente, para transportar Tancredo a Madrid. Após o jantar, regressa a Lisboa para seguir, ao outro dia, para os Estados Unidos.

Português preso

em Bissau

Embaixador recebido pelo ministro Semedo

O embaixador português em Bissau, Barreiros Martins, debateu ontem com o ministro guineense dos Negócios Estrangeiros, Júlio Semedo, a prisão do cidadão português José Rocha, motorista da Embaixada brasileira. O ministro de Bissau terá dito — segundo a ANOP — que «segue atentamente a situação e que será possível obter, em breve, mais informações».

Rocha foi detido na passada quinta-feira, depois de ter sido ouvido sobre o assassinio de Paulo Cá, motorista também da Embaixada brasileira. Após o assassinio, em Outubro último, à facada, a polícia de Bissau deteve dois indivíduos portadores de avultadas quantias em dinheiro que teriam acusado José Rocha da autoria moral do crime.

«Consideramos um facto normalíssimo e nada de excepcional, que um cidadão estrangeiro, cometendo infracções, seja detido pelas autoridades competentes, agindo em conformidade com a lei», afirmou entretanto aos jornalistas o assessor da Presidência.

Acrescentou que «a detenção foi feita em condições legais, na sequência de investigações em curso, e através de um mandado de captura emitido pela autoridade judicial».

«Por excepção privilegiada — prosseguiu — e tendo em atenção as boas relações da Guiné-Bissau, com Portugal, foi comunicado quer à Embaixada portuguesa quer à do Brasil, onde José Rocha trabalha que este iria ser detido, muitas horas antes de tal ter acontecido».

Sublinhando que o seu país não pretende ver envenenadas as boas relações existentes com Portugal, a partir de empolamentos sobre o que classificou de «caso de polícia», Óscar Barbosa disse ser normal que, enquanto o detido estiver a ser ouvido, estejam condicionados os contactos com o exterior.

Empolamento excessivo

«É normal que enquanto dure a instrução preparatória o juiz possa proibir a comunicação do arguido com certas pessoas ou limitá-la, se necessário, para evitar perturbações à instrução» — considerou o assessor da Presidência.

Frisou que, dadas as boas relações existentes «não compreendemos muito bem o empolamento que o caso está a ter por parte de certa imprensa portuguesa».

«Já houve casos de guineenses presos em Portugal e até brutalizados, tendo a Imprensa portuguesa disso feito eco, e isso não mereceu da nossa parte empolamentos desnecessários», declarou Óscar Barbosa.

«A Guiné-Bissau continua a ser um Estado de direito, e onde os direitos de cada cidadão são de antemão respeitados: se não for provada a eventual culpa do detido, ele será posto em liberdade, retomando com toda a tranquilidade a sua vida normal no seio da sociedade guineense», concluiu o assessor presidencial.



Sessão solene no Parlamento

Estudantes guineenses queixam-se da sua situação em Portugal

— Em quinhentos não chegam a dez os que concluíram os cursos com bolsa

«Em mais de quinhentos estudantes da Guiné-Bissau que vieram para Portugal com bolsas de estudo desde 1975, não chega a dez o número dos que concluíram os seus cursos com essas bolsas», garantiu ao «DL» três representantes da associação dos estudantes daquele país em Portugal.

As dificuldades sentidas pelos bolsistas guineenses são de ordens diversas e reflectem-se não só nos seus resultados escolares mas também nas condições em que vivem entre nós. Condenados a uma certa marginalização no universo urbano onde são lançados sem qualquer apoio à sua integração, acabam por ser vítimas de uma situação sobre a qual não têm qualquer controlo.

Exemplo claro do tipo de consequências desta realidade parece ser o incidente que no passado dia 26 de Dezembro envolveu um estudante guineense e sua mulher e do qual resultou a morte de um agente da PSP da esquadra das Mercês, em Lisboa.

De acordo com Pedro Milaco e Albino N'Deque, dirigente da Associação dos Estudantes da Guiné-Bissau em Portugal, a relação entre a forma como são obrigados a viver aqueles bolsistas (cerca de 300 actualmente) e a criação de situações como a que se encontra na origem daquele lamentável incidente é «evidente».

Problemas começam no aeroporto

«Chegamos ao aeroporto e começamos logo as complicações», explicou Pedro Milaco ao «DL». «Não há lá ninguém que nos receba e temos de ser nós a resolver tudo numa cidade onde nunca estivemos.» O primeiro problema que surge é o do alojamento. «Os acordos de cooperação dizem que temos direito às residências universitárias mas só cerca de 1% de entre nós é que consegue entrar nelas.»

Depois é o dinheiro que falta imediatamente para as coisas mais essenciais. «De Bissau apenas trazemos dinheiro para os primeiros dias e a bolsa só nos começa a ser paga depois de feita a matrícula.»

A inscrição na universidade demora no entanto cerca de um mês e até lá os bolsistas têm que sobreviver. Andam da sua embaixada para a Direcção-Geral da Cooperação, desta para as escolas onde são colocados e os poucos escudos que trazem

esgotam-se rapidamente.

O primeiro ano de curso incide normalmente com um mês ou mais de atraso; alojam-se provisoriamente num quarto de um compatriota que por si já vive em condições precárias; sentem os primeiros rigores do Outono, frio para quem traz roupas próprias dos climas tropicais; aprendem os trilhos da cidade onde o dinheiro (mesmo quando a primeira mesada da bolsa já chegou) não basta para o passe social; começam a sentir o desfasamento entre o tipo de ensino a que vêm habituados e aquele que cá se pratica.

A mesada começa a vir, mas raros são os meses em que é paga a tempo e horas. São 13 contos 750 escudos: os cortes impõem-se na alimentação, na aquisição de livros e medicamentos, no tipo de alojamento procurado. Acabam por cair não raras vezes em autênticas «espolunhas» quase inabitáveis e têm quase garantida a reprovação no primeiro ano de curso.

No primeiro ano chumbaram 90%

«No ano passado vieram 130 e mais de 90% chumbou. Aqueles que voltaram a reprovar este ano perderam a bolsa e o dinheiro gasto acaba por não servir para nada», sublinham os dirigentes da associação dos estudantes

guineenses.

A culpa de tudo isto não a lançam automaticamente sobre as autoridades portuguesas. Consideram-nas grandemente responsáveis — «em dez anos nada se alterou e as dificuldades que agora sentimos são quase as mesmas que sentiam os primeiros a vir» — mas também reconhecem que da Guiné e da sua embaixada não lhes vem o apoio suficiente.

Segundo afirmam, este tipo de problemas não existe nos muitos países em que há também estudantes guineenses: «isto não acontece em Inglaterra, nos Estados Unidos, em Cuba, na União Soviética. Nem nos países ocidentais nem nos socialistas, só acontece em Portugal».

Por essa razão solicitaram ao governo de Bissau que não mande mais estudantes para Portugal «enquanto as condições dos que cá estão não melhorarem». O reflexo desta iniciativa, afirmam, já se traduziu este ano no facto de não ter vindo um único para Portugal. Quanto à sua inserção no meio estudantil e na sociedade portuguesa consideram que não são, em geral, vítimas de preconceitos racistas, mas acrescentam que por vezes surgem reflexos dessa natureza, sobretudo por parte das forças policiais.

Sublinham todavia que se trata de casos isolados e reco-

nhecem que raramente isso se nota entre os seus colegas portugueses e entre os professores. «As vezes apercebemo-nos de certas formas de racismo, mas trata-se mais de expressões encapotadas, indirectas», explica Pedro Milaco.

De acordo com os dirigentes estudantis guineenses, a única solução para todos estes problemas está na revisão do estatuto dos bolsistas e no respeito dos acordos de cooperação existentes.

«As coisas não se passam assim»

Para a Direcção-Geral da Cooperação, organismo dependente do Ministério português dos Negócios Estrangeiros e responsável por estas questões, o problema não se põe exactamente como os bolsistas guineenses o apresentam. Segundo fontes oficiais daquela Direcção-Geral as dificuldades que por vezes surgem têm sobretudo a sua origem no facto de não serem respeitados os canais previstos nos acordos entre Portugal e a Guiné para a vinda de estudantes.

«O que se passa é que por vezes eles pedem a inscrição através dos canais diplomáticos e depois chegam cá, ninguém sabe que eles vêm e não está nada preparado», explicou ao

«DL» uma responsável da cooperação.

Quando tudo corre os trâmites normais, a bolsa está pronta à sua chegada, acrescentou, e é-lhes dito imediatamente para que escola é que vão.

Quanto aos problemas de alojamento foi-nos dito que o acordo apenas concede aos bolsistas da Guiné as mesmas regalias que são dadas aos estudantes nacionais. «Ora se estes têm problemas de alojamento como é que eles não haviam de os ter», interroga a nossa fonte.

Finalmente, quanto ao insucesso escolar, a Direcção-Geral da Cooperação, apesar de não nos ter fornecido os números que considera exactos (por não dispor deles quando a contactamos), entende que há um «evidente exagero na taxa de reprovações indicada» pela Associação dos Estudantes da Guiné. A questão existe todavia, reconhece a Direcção-Geral, e tem a ver não só com a dificuldade de ambientação dos estudantes, mas também com a sua preparação anterior.

«O problema está a ser estudado entre as autoridades portuguesas e guineenses, e estão a ser procuradas soluções para superar essas falhas, sobretudo ao nível da formação básica», disse-nos a mesma fonte.

José António Cerejo

A morte do polícia na Rua da Horta Seca

Assassínio ou legítima defesa?

No dia 27 de Dezembro a Imprensa noticiava: *Agente da PSP esfaqueado mortalmente por uma mulher quando procedia à identificação dos ocupantes de um prédio degradado.* Como acontece frequentemente, a versão divulgada pelos jornais assentava essencialmente no relato da própria Polícia.

De acordo com essa versão, a vítima, Deodato António Pereira, tinha sido atingida à facada, sem motivo aparente, quando se encontrava no exercício das suas funções. A agressora era identificada como Maria José Robim Azevedo Magalhães, 26 anos, natural da Guiné-Bissau.

Na sua edição desse dia, o «Diário de Lisboa» levantava porém algumas questões pertinentes, designadamente quanto à *licitude da intervenção policial* no local do incidente. A dúvida que logo se levantou tinha obviamente a ver com as condições em que se desenrolou o drama e com a natureza oficial ou privada da acção dos homens da PSP.

Segundo o responsável do serviço de relações públicas da PSP, comissário Veríssimo Martins, os três agentes que se deslocaram à casa de hóspedes da Rua da Horta Seca estavam no cumprimento da missão que lhes cabe, ainda que não houvesse nenhum mandato específico nesse sentido. Na perspectiva da polícia, o incidente ocorreu num local público que por isso está sujeito à fiscalização diária da PSP.

Quanto às circunstâncias precisas que rodearam os acontecimentos a Polícia Judiciária tratará de apurar os factos, disse-nos a mesma fonte, do

mesmo modo que a PSP procederá — como é de norma — ao seu inquérito administrativo e disciplinar interno.

Policiais a soldo do «senhorio»?

Na opinião dos dirigentes da Associação dos Estudantes da Guiné-Bissau em Portugal, que não deixam de relacionar este caso com as condições em que vivem em Portugal, as coisas são porém bem mais claras e a atitude de Maria José Robim é considerada como um acto de legítima defesa. Conforme nos disseram, ela agiu na sequência da agressão de que estava a ser alvo por parte de um grupo de indivíduos que trajavam à civil e que nem se indentificaram como polícias.

Marcelino Baptista Sanca, 27 anos, finalista de economia do ISE e companheiro da agressora disse mesmo ao «DL» que a agressão o visou a ele em primeiro lugar e sem qualquer razão de ser.

Eles não se identificaram, eram sete ou oito e não três e vinham todos à paisana. Deram-nos ordem de abandonar o quarto até segunda-feira seguinte e disseram que nós não pagávamos a renda. Eu fui buscar uma pasta para lhes mostrar os recibos e para lhes explicar o que é que se passava; enquanto tentava abrir a pasta um deles atacou-me de repente, rebentando os botões da minha camisa. Logo a seguir deram-me um soco na boca que me abriu os lábios. Depois agarraram-me as mãos atrás das costas e desataram-me aos muros e pon-

tapés ao mesmo tempo que um deles fechava a porta do hall. Foi então que a minha mulher começou a gritar que me matavam e eles puxaram-na pelos cabelos até à cozinha dando-lhe murros e pontapés. Nessa altura ela pegou uma faca do armário da cozinha e quando um vinha para lhe bater ela defendeu-se.

Depois disso, acrescenta Marcelino Sanca, que é também responsável da Associação dos Estudantes guineenses e colaborador assíduo do CIDAC, ele e a mulher continuaram a ser agredidos e foram levados para a Esquadra das Mercês.

Aí só viram dois dos homens que os tinham interpelado em casa, o que leva a perguntar quem eram os outros indivíduos que os acompanhavam, visto que, segundo Marcelino Sanca e outras testemunhas ouvidas pelo «DL» na Rua da Horta Seca, o grupo que aí esteve era composto por sete ou oito pessoas.

Hóspedes contestatários

Na esquadra — sempre de acordo com Marcelino Sanca — a agressão prosseguiu, sobretudo quando chegou a notícia de que o guarda Deodato tinha falecido. Nessa altura foi atacado por uns dez polícias, simultaneamente. Posteriormente Marcelino foi libertado, depois de ouvido pelo juiz de instrução e Maria José foi levada para a cadeia das Mónica, onde ainda se encontra.

Na opinião de fontes ouvidas pelo «DL», independentemente do modo como as coisas se passaram, assume especial relevância o facto de os agentes terem ido à R. da Horta Seca

acompanhados por quatro ou cinco indivíduos que não eram polícias — visto que a versão policial só refere a presença no local de três agentes.

Este facto, associado às dúvidas expressas por alguns dos locatários do prédio quanto à legitimidade da diligência policial no sentido de intimar o casal a abandonar os quartos que ocupavam reforça a posição de Marcelino Sanca. Segundo este, que ali vivia há dezasseis meses com a mulher e, desde há sete meses com um bebé, filho de ambos, os indivíduos em questão obedeciam a ordens do locatário do andar — cujos quartos são por ele subalugados — no sentido de os obrigar a deixar a casa.

A razão de ser desta tentativa residiria no facto de Marcelino se ter revelado um hóspede «contestatário» desde que, juntamente com outros habitantes do andar e com o conselho de um advogado, tinha suspendido, há alguns meses, o pagamento da renda mensal de 9300 escudos até que o «senhorio» dotasse o quarto de condições mínimas de habitabilidade.

Saber se os três agentes da PSP foram à antiga «Pensão Santiago» no exercício da sua função ou em serviço do «senhorio» de Marcelino Sanca; averiguar se eles ou quem os acompanhava agrediram ou não o casal guineense (existe uma testemunha presencial e marcas ainda visíveis no corpo de ambos) e saber se foram identificar os locatários ou se os foram intimidar, eis a chave do drama sobre o qual o tribunal oportunamente se deverá pronunciar.

J.A.C.



A fachada da casa de hóspedes (ex-pensão Santiago) onde ocorreu o drama de 26 de Dezembro, que vitimou um guarda da PSP



Alguns dos milhares de livros que as populações de Santos, Alcântara e Santa Catarina têm ao seu dispor na biblioteca da Sociedade Geral

Milhares de livros à espera de leitores

Biblioteca da Sociedade Geral lança-se à conquista de três freguesias de Lisboa

Mais de cinco mil livros esperam na biblioteca da Sociedade Geral, à Rua das Janelas Verdes, n.º 13, 1.º andar, que o gosto de ler e aprender leve até eles as populações de Santos, Santa Catarina e Alcântara. A direcção da Biblioteca da Sociedade Geral, com uma história rica atrás de si, apenas exige que as juntas daquelas três freguesias desta vasta área da capital credencie os interessados. Ou melhor: confirme a sua residência.

Ler e aprender por pouco dinheiro é hoje relativamente fácil para as populações de Santos, Santa Catarina e Alcântara, através da proposta da Biblioteca da Sociedade Geral. A ideia nasceu há dias, quando alguns dos seus dirigentes constataram que os mais de cinco mil livros ali guardados poderiam ter melhor utilização, deixando de estar à mão apenas dos trezentos sócios da instituição.

«É uma pena ter todos aqueles livros apenas ao serviço dos sócios, que infelizmente não são muitos e grande parte dos quais está agora a passar por dificuldades com que nem eles nem nós contávamos. É o caso dos trabalhadores da CNN e da ENI, às quais a Sociedade Geral 'aderiu', pelo menos no primeiro caso, em 1971. Ora hoje, com salários em atraso, muitos dos nossos sócios nem se podem deslocar do outro lado do Tejo até às Janelas Verdes, pelo que cada vez os nossos livros têm menos serventia. Por isso surgiu a ideia de abrir a biblioteca às populações das três freguesias que já lhe referi», disse Armindo Duarte, o principal animador da biblioteca da Sociedade Geral, ao «Diário de Lisboa».

Há livros para todos os gostos

A média geral de quotização da Biblioteca da Sociedade Geral é de 15 escudos. Há sócios que pagam já 50\$00 e outros que continuam com os 10 escudos de há muitos anos. Por via das dificuldades que são publicamente conhecidas na CNN e na ENI, há também outros que não têm podido pagar as suas quotas.

A quotização mínima que agora a Biblioteca da SG cobra é de trinta escudos. Uma quota simbólica nos dias que correm permitem aos seus sócios levar para casa dois e três livros, por um prazo nunca inferior a um mês e que no Verão chega a ser de dois.

A variedade e pluralidade da biblioteca das Janelas Verdes salta facilmente aos olhos de quem lá for: há livros para e sobre tudo, desde religião a política, sociologia a desporto, economia a história, romance a ficção, poesia a banda desenhada. Os autores são também para todos os gostos e ideologias, «porque não há qualquer preocupação política da direcção. O que fundamentalmente nos preocupa — acrescenta Armindo Duarte — é a formação cultural das pessoas».

Dissemos atrás que a Biblioteca da Sociedade Geral tem uma história para contar. Uma história que data de 1 de Janeiro de 1947, quando alguns dos trabalhadores da empresa de comércio, indústria e transportes marítimos decidiram fundar a sua biblioteca para ocupar os seus poucos tempos livres, por um lado, e sobretudo para aprender, para ultrapassar a barreira do exame do 2.º grau, por vezes nem isso, habilitações máximas daqueles que iam para o escritório da Sociedade Geral, na doca de Alcântara.

A alfabetização que o Governo não quis

Muitos desses «privilegiados» de então, porque ser empregado de escritório equivalia a uma condição superior no mundo laboral, pensaram nos outros, naqueles que nem sequer ler sabiam, que não eram capazes de soletrar uma letra.

Foi esse, porventura, o período áureo da Biblioteca da Sociedade Geral, entre 1953 e 1955. Armindo Duarte disse esta semana, com visível orgulho, ao «DL» que a educação de adultos que o Estado Novo viria a desenvolver em força, e de forma apressada, atabalhoada, na década de 60, teve as suas raízes na Biblioteca da SG. «Fizemos campanhas de alfabetização

para os trabalhadores da empresa em moldes que o Governo não viria a copiar, porque o exame da quarta classe era obtido em quatro anos e depois de comprovado aproveitamento. Só passava quem aproveitava e sabia, o que não sucederia, mais tarde, na alfabetização oficial de adultos».

E que objectivos visaram com essas campanhas?

«Basicamente, a nossa preocupação foi abrir um novo mundo, digamos assim, a quem não sabia ler. É claro que subjacentemente a essa preocupação, tivemos também em vista permitir aos trabalhadores a sua própria promoção dentro da empresa», disse-nos Armindo Duarte.

Senhorio quer subir a renda

Tempos heróicos, esses, para os dirigentes da Biblioteca da Sociedade Geral. Não foi fácil criar os estatutos indispensáveis à sua existência, porque a repressão cultural tinha atingido o seu ponto máximo.

Mas os pioneiros da biblioteca não desistiram. E mais, lembrou Diamantino Duarte ao «DL»: «oficializámos a sua formação sem dependermos do C.A.T., ou Centro de Alegria no Trabalho, uma espécie de braço cultural da FNAT, na altura. Nunca quisemos entrar nisso, para escapar ao controlo desse serviço, e conseguimos-lo, mercê da intervenção de um engenheiro da empresa».

Já então a biblioteca estava instalada na Rua João de Oliveira Miguéis, em espaço cedido pela Sociedade Geral. A mudança coincidiu com a transferência do Grupo Desportivo da CUF para o Barreiro. Mais tarde, a biblioteca passou para a Rua das Janelas Verdes, onde ainda se encontra. Foi-lhe fixada uma renda mensal de 2 500 escudos pagos pela companhia.

A situação manteve-se até 1975. Presentemente, o arrendamento de cinco mil escudos/mês e constitui o maior problema da direcção da biblioteca. «E o pior é que o senhorio ainda quer subir mais a renda», lamenta-se Armindo Duarte.

Júlio Rodrigues: texto
José Tavares foto

V Congresso começa amanhã

Algarvios acusam Sousa Tavares e recebem o ministro do Turismo

O ministro do Comércio e Turismo fará amanhã à tarde em Alvor um balanço do que foi o turismo em 1984, na inauguração do V Congresso de Turismo do Algarve e VI Feira de Turismo, organizados pelo Skal Clube do Algarve.

A deslocação do ministro Ferreira Amaral coincide com a divulgação de uma moção aprovada em Armação de Pêra pela Comissão Regional de Turismo que considera «inexplicável» a demora verificada na libertação dos meios financeiros necessários à continuação das obras de saneamento básico na região.

Aprovado durante uma reunião que teve como principal objectivo a discussão do orçamento da Região de Turismo do Algarve, o documento traduz uma resposta indirecta daquele órgão turístico a declarações re-

centes do ministro da Qualidade de Vida e manifesta solidariedade para com «todas as autarquias e organismos oficiais» que se têm empenhado na resolução dos problemas infra-estruturais da região.

O texto sublinha ser de difícil compreensão que «possíveis questões de métodos de administração de verbas possam prejudicar os anseios fundamentais do Algarve e do País», acentuando que a região é um dos pólos de desenvolvimento mais importantes de Portugal».

Referindo-se em concreto às declarações há tempos feitas por Sousa Tavares, o presidente da Região de Turismo do Algarve afirmou que o ministro «confunde a importância do seu ministério com as tarefas específicas que o Algarve necessita de ver realizadas».

Luís Filipe Madeira realçou ainda que, «ao contrário do que o ministro da Qualidade de Vida pensa, os organismos existentes têm criado condições para que o minorar das carências da região em infra-estruturas tenha sido feito a um ritmo razoável», frisou.

O presidente da RTA salientou ainda que «o saneamento básico é uma questão fulcral no Algarve, neste momento», lembrando que no último ano «as baterias da crítica nacional e internacional estiveram sobre o Algarve».

«Sabendo e não recusando que havia lacunas nessa área, estamos a procurar resolvê-las. Mas, infelizmente, isso ultrapassa a capacidade financeira das estruturas regionais» — disse.

Moda 'retro' chega aos roubos de automóveis

Um velho Datsun ferrugento, cheio de buracos, meio cego (tem os «médios» fundidos e dos «minimos» só acende o do lado direito), com uma porta empenada e um diferencial que faz mais barulho do que a mó de pedra de um moinho de vento, desapareceu ontem, surpreendentemente, ao anoitecer, do parque de estacionamento do Saldanha.

O carro pertence a um nosso camarada de Redacção que, in-

consolável com o rapto do seu velho companheiro de 14 anos, atribui aos desvarios que a moda «retro» ultimamente vai causando o desaparecimento do vestuário corcel, já que mesmo ao lado se encontrava, inexplicavelmente incólume, um flamejante Porsche do último modelo. Enfim, quem o levou que tenha cuidado e não aperte com ele, não vá saltar-lhe alguma roda...

Se o leitor vir por aí uma coisa móvel, mas decrepita, vagamente parecida com um Datsun

1600, branco, matrícula EE-80-42, o nosso camarada agradece um aviso aqui para o jornal ou para o telefone 605180.

Quanto aos raptos, se pelo seu amor às velharias persistirem no sequestro do arqueológico veículo, agradece ao menos que enviem para cá, em nome de E. Sampaio, o bilhete de avião e a papelada que estava dentro do carro, sem valor para mais ninguém a não ser — inestimável — para o seu proprietário.



STAL SINDICATO NACIONAL DOS TRABALHADORES DA ADMINISTRAÇÃO LOCAL

O STAL MANTÉM A MANIFESTAÇÃO

DO DIA 30 DE JANEIRO

**Para eles os aumentos são de 50% mais 21%
O Governo aprovou para a Função Pública:**

- 21,2% para os salários;
- 20% para as pensões;
- 1 500\$00 para cada diuturnidade;
- 190\$00 por dia para subsídio de refeição;
- Mais 1% de desconto para a CGA e Montepio Geral;

A inflação de 1984 foi de 30% e já este ano o Governo aumentou os bens essenciais.

Por isso estão a retirar-nos mais 10% do nosso poder de compra.

Estes aumentos, que ficam à quem dos que reivindicamos, seriam inferiores se não fosse a nossa luta.

PORQUE MANTEMOS A MANIFESTAÇÃO?

- Porque o Governo pretende lançar no desemprego milhares de trabalhadores, embora diga o contrário.
- Porque o Governo pretende retirar direitos e regalias aos trabalhadores eventuais, conquistadas em 1974.
- Porque as autarquias e os trabalhadores das autarquias vão ser gravemente atingidos pelo Orçamento de Estado proposto pelo Governo.
- Porque o Governo não quer negociar com o STAL o projecto de carreiras apresentado já em Abril de 1984.

**ABAIXO ESTA POLÍTICA
PELOS NOSSOS POSTOS DE TRABALHO
EM UNIDADE VENCEREMOS**

Santarém, 29 de Janeiro de 1985

A DIRECÇÃO NACIONAL DO STAL

de ontem para hoje

Sargento de Lamego condenado por corrupção

No 1.º Tribunal Militar Territorial do Porto foi condenado a seis anos de prisão o sargento-ajudante António Luís Peixoto Martins, de 58 anos, acusado de livrar mancebos da tropa a troco de dinheiro. Aquele graduado, que prestava serviço no Distrito de Recrutamento Militar de Lamego, respondeu por 77 crimes de falsificação, 75 de infidelidade ao serviço militar na forma de corrupção e mais 83 crimes previstos na Lei do Serviço Militar.

Prémio Raul Lino em Sintra



A Câmara Municipal de Sintra vai iniciar o processo de candidaturas ao Prémio Anual de Arquitectura Raul Lino, instituído em 1983, segundo anunciou ontem uma fonte daquela edilidade. A primeira edição do prémio será destinada, com carácter excepcional, às obras de construção, reconstrução e preservação na vila de Sintra entre 1982 e 1984. O Prémio Raul Lino tem como objectivo mais relevante a defesa do património arquitectónico e urbanístico da vila de Sintra.

Assaltante alvejado na Malveira

Um dos elementos de uma quadrilha que se preparava para assaltar o Clube Recreativo da Malveira foi atingido a tiro de caçadeira por um dos sócios da instituição, tendo sido depois deixado pelos seus companheiros de aventura no Hospital de Santa Maria. O ferido, Carlos Manuel Soares de Abreu, de 24 anos, natural de Loures e residente em Odivelas, foi alvejado com um projectil na cabeça, encontrando-se em estado grave. Os outros participantes no assalto ainda não foram identificados.

Leiria: duas corporações de bombeiros

A cidade de Leiria passou desde ontem a contar com uma nova associação de bombeiros voluntários, constituída por escritura pública, apesar de alguma reserva da parte de sectores afectos aos «municipais». A exemplo de outras capitais de distrito, Leiria passou assim a dispor de duas corporações de «soldados da paz».

Jardineiro processado pela GNR

Acusado de conduzir sem carta e de ter tentado atropelar elementos de uma patrulha da GNR, na EN 356 entre a Batalha e Fátima, o jardineiro Jorge José da Piedade Custódio, de 23 anos, irá ser julgado no Tribunal da Comarca de Porto de Mós. Após a tentativa de atropelamento, Jorge Custódio, que exerce a sua actividade na Câmara Municipal da Batalha, abandonou a viatura, vindo a entregar-se mais tarde à GNR.

Casas solares à experiência

O Governo vai mandar construir cinco casas solares em Olhão (Algarve), Reguengos de Monsaraz (Alentejo), Guarda (Beira), Macedo de Cavaleiros (Trás-os-Montes) e Caminha (Minho). Os despachos dos ministros do Equipamento Social e da Indústria prevêem que essas construções-piloto sirvam para testes de materiais, tecnologias e potencialidades de aproveitamento de energia solar.

Contadores inutilizados em Trancoso

Cerca de um milhar de contadores e material acessório ficaram inutilizados em Trancoso no distrito da Guarda, devido ao congelamento da água nas canalizações de distribuição domiciliária. As baixas temperaturas que durante 15 dias assolaram o País chegaram a atingir 11 graus negativos em Trancoso.

Quadrilha desmantelada em Vila da Feira

Uma quadrilha constituída por sete elementos acaba de ser remetida a tribunal pela Polícia Judiciária do Porto, sob a acusação de ter participado em 75 assaltos a fábricas, residências e estabelecimentos comerciais na área de Vila da Feira. Nos assaltos foram roubados cerca de seis mil contos em dinheiro, objectos de ouro, sistemas de alta fidelidade, mobílias, uma pistola e outros artigos. Cinco dos assaltantes estão detidos em Custóias e os dois restantes aguardam o julgamento em liberdade.

PSP entrega objectos roubados

Provenientes de furto encontram-se à disposição dos seus proprietários na Secção de Justiça da PSP de Lisboa (Rua Capelo, 13), várias fronhas, «napperons», lençóis, maços de tabaco, 9um macaco próprio para viaturas e uma chave de rodas.

Ferido a tiro no Barreiro

Ainda não foi identificado o autor do disparo de pistola que no Barreiro atingiu com gravidade Sérgio Mendes Pereira. Também as circunstâncias em que ocorreu o incidente ainda não são conhecidas. Sérgio Pereira recebeu assistência no hospital local, tendo sido depois conduzido de helicóptero para o Hospital de Santa Maria.

Oito vezes apanhado sem carta no Funchal

Um homem foi detido no sábado à noite pela oitava vez por conduzir um automóvel sem possuir carta de condução no Funchal.

O indivíduo detectado ao volante na companhia de um outro e de uma mulher por motociclistas da Divisão de Trânsito da PSP que lhe bloquearam o andamento junto aos semáforos do cruzamento da ponte de Bettencourt, vinha da Rua 5 de Outubro, no centro urbano.

O homem que segundo a mesma fonte de informação tem mais de 30 anos e é o próprio proprietário da viatura, pagou já, até ao momento, cerca de 100 contos em multas aplicadas pelo tribunal por conduzir sem estar habilitado com o respectivo documento.

O infractor saiu em liberdade com notificação para se apresentar hoje ao julgamento do tribunal competente.

Morteiros contra NATO reivindicados pelas FP

—Ministério da Defesa: «É inadmissível a impunidade...»

As FP-25 reivindicaram em telefonema para a Rádio Comercial e para a ANOP o atentado perpetrado, ontem, contra navios da NATO.

Um alegado porta-voz da organização anunciou também a existência de um comunicado colocado num caixote de lixo em Campolide, mas o redactor da Rádio Comercial que ali se deslocou não encontrou nada, o que já aconteceu anteriormente.

O atentado de ontem de madrugada teve por alvo três navios da força naval permanente da

NATO no Atlântico que estavam fundeados no Cais da Rocha do Conde de Óbidos, tendo as granadas de morteiro caído à água, a grande distância das unidades navais.

Entretanto, uma fonte do Ministério da Defesa disse à NP ser «necessário apurar a autoria dos rebentamentos dos três engenhos explosivos contra os navios da NATO fundeados no Tejo, «extraindo todas as consequências morais desse acto».

«É inadmissível a impunidade com que organizações ou gru-

pos, aparentemente existentes, começam a actuar criminosamente contra instalações ou unidades de carácter militar integradas em organizações de defesa de que fazemos parte» — acrescentou.

A mesma fonte salientou que «urge impedir a repetição de tais acções e exige-se que os órgãos encarregados legalmente da investigação criminal cumpram o seu dever».

Considerou, ainda, que «os autores de tais actos devem ser procurados no lado dos inimigos da NATO».

Assaltos sextuplicaram em Leiria

Os assaltos à mão armada aumentaram no ano passado no distrito de Leiria de maneira vertiginosa: registaram-se dezanove casos contra os «apenas» três de 1983.

As «receitas» obtidas por essas acções atingiram 3500 contos, montante bastante su-

perior aos 445 contos do ano anterior.

Em contrapartida, baixaram os furtos e roubos, cujos «resultados» foram de 62 mil contos em 84 e de 67 mil contos em 83.

Segundo o Comando Distrital da PSP, a delinquência juvenil tem pouco significado em Leiria,

sendo atribuído a um único adolescente o acréscimo de crimes registados entre aqueles dois anos: de 108 para 138.

A polícia atribui grande número dessas acções marginais a um jovem que sofre de perturbações mentais.

O porta-voz de Fação

Afirmar-se alvo de agressão da GNR, ou de qualquer outra força policial ou paramilitar, e «dar a cara», está a transformar-se em autêntico «fenómeno» nos tempos que correm. As vítimas chegam frente ao jornalista e destilando coragem, reflexo de indignação e das chagas ainda em carne viva, narram as suas odisséias quase num só fôlego, mas quando o ímpeto se esvai na última palavra, fazem uma espécie de acto de contrição, avançam com mil desculpas, e acabam por assumir o anonimato ou a recusa em permitir (autorizar) que as suas histórias sejam transformadas em letra de imprensa. O receio de futuras represálias, ao nível da entidade agressora ou dos próprios patrões — o espectro do desemprego é já uma síndrome portuguesa, funciona, por regra, como justificação plausível para o seu silêncio. Mas tal como todas as regras também esta tem excepção e o último exemplo, bem vivo, chegou até nós através de Sérgio Garcia Mota, um jovem de 24 anos, casado, fun-

cionário numa empresa distribuidora de jornais, com sede no Bairro Alto.

Tudo aconteceu sábado passado, nos contrafortes da serra de Sintra, em Fação, freguesia de Montelavar. A chuva caiu com abundância, o ribeiro que atravessa o povoado extravasou bem para além das suas margens, alagando campos e casas. Como responsável mais directo pela inundação, o entulho lançado dia após dia, noite após noite, pelas pedreiras exploradas nas redondezas, cujos responsáveis, para além do mais, não curaram de suspender a laboração, durante o período de chuva mais intensa. A situação não era nova, a Câmara de Sintra já havia sido alertada para o facto, pelo que os moradores de Fação decidiram fazer ouvir a sua voz, cortando, por momentos, a estrada que estabelece a ligação com Pero Pinheiro e Sintra.

No local compareceu o presidente da Câmara de Sintra. Houve diálogo. O autarca prometeu que até quarta-feira (ama-



Sérgio Mota: porta-voz

nhã) o ribeiro seria desentulhado e que iria providenciar para que, de futuro, as pedreiras suspendessem a sua laboração sempre que as chuvas fossem mais fortes. A estrada foi desobstruída e o povo de Fação já começava a regressar às suas casas quando surgiu uma força da GNR (sete jipes com cerca de sessenta homens), sob o comando do capitão Gonçalves. Este dirigiu-se aos manifestantes e interpelou-os em tom jocoso: «Onde está o pessoal de Fação?» Escolhido como porta-voz dos seus conter-

râneos, Sérgio Mota deu a resposta: «O pessoal de Fação está aqui, senhor capitão! Todo molhado, com as casas alagadas. Se os senhores vieram para nos ajudar que sejam bem-vindos». Frase concluída e já Sérgio Mota tinha sido agarrado por dois guardas e conduzido num jipe para o posto da GNR de Pero Pinheiro, onde, ao que afirmou ao «DL», seria socado pelo menos seis vezes por um sargento que não soube identificar, pois não pertence à guarnição local, comandada por um cabo. Esteve detido cerca de hora e meia e no domingo teve de voltar, sob a ameaça (depois retirada) de se apresentar ontem no Tribunal de Sintra, a fim de ser julgado. «Como não pude dizer de minha justiça em tribunal — referiu Sérgio Mota — decidi denunciar a agressão de que fui vítima ao jornal, pois nada justifica que se sove impunemente um cidadão». Sérgio Mota: um porta-voz ainda disposto a «dar a cara», de que Fação se deve orgulhar!

Manuel Geraldo

MINISTÉRIO DAS FINANÇAS E DO PLANO COMANDO-GERAL DA GUARDA FISCAL CONSELHO ADMINISTRATIVO

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO PARA O FORNECIMENTO DE «FATOS FRIO/IMPERMEÁVEIS» — PROCESSO N.º 31/85.

1. Faz-se público que está aberto concurso público para o fornecimento à Guarda Fiscal de «FATOS FRIO/IMPERMEÁVEIS».
2. Serão recebidas propostas até às 17h30 do dia 4 de Março de 1985, procedendo-se à abertura às 10h00 do dia imediato, 5 de Março de 1985..
3. O Caderno de Encargos está patente no Conselho Administrativo do Comando Geral da Guarda Fiscal à Rua da Cruz de Santa Apolónia, 2 — 1100 LISBOA, durante as horas normais de expediente, podendo ser fornecido ao preço de 30\$00 cada exemplar.
4. A caução provisória a prestar será de 250 000\$00.

Também aqui NILFISK é indispensável



NILFISK - ASPIRADORES INDUSTRIAIS E DOMÉSTICOS, LDA
R. Cândido Figueiredo, 91 • 1500 LISBOA • Tel. 78 83 31 / 78 99 55 • (junto à C. Saúde da Cruz Vermelha Portuguesa)
R. Oscar Silva, 233 • 4200 PORTO • Tel. 40 34 24 • (junto ao Liceu António Nobre)



União dos Sindicatos afirma que não havia conflitos laborais

FP-25 reivindicaram autoria do atentado contra Cabanelas

Foi reivindicado por um alegado porta-voz das FP-25 o atentado à bomba que ontem vitimou Sidónio Cabanelas, de 30 anos, industrial de Vila Real, e o seu funcionário Vítor Tavares Vasconcelos Leite, de 28 anos. Sidónio Cabanelas era conhecido nos meios desportivos por deter o título de campeão nacional de velocidade em automobilismo.

A explosão deu-se ontem às 18 e 45, nos escritórios da empresa de viação Cabanelas, onde, segundo o empregado, tinha sido recebida uma encomenda (armadilhada) durante a tarde.

O ferido, Vítor Leite, que se encontra internado no Hospital Distrital de Vila Real e corre o risco de perder uma vista, garantiu

que a explosão se tinha verificado nas circunstâncias referidas. Ficou afastada a hipótese de o atentado ter resultado de alguma fuga de gás.

Um outro dos seis funcionários que se encontravam nos escritórios da empresa, Manuel Augusto Catarino, afirmou à Anop que desconfia de uma encomenda de pequenas dimensões (25 centímetros de comprimento por 20 de largura) e que estava amarrada com um fio «muito arranjadinho».

«Até estranhei» — confessou o empregado, recordando que na altura da explosão ia levar ao guarda-livros principal o dinheiro apurado durante o dia na bilheteira da empresa, quando Sidónio Cabanelas lhe pediu que pusesse

a encomenda no seu escritório.

«Levei-a e entreguei-a ao senhor Vítor Leite e saí» — acrescentou. Quando se aprestava a abandonar o trabalho, esta testemunha ouviu o estrondo que alarmou grande parte da cidade de Vila Real.

Sidónio Cabanelas teve morte imediata porque, segundo foi possível averiguar, a explosão deu-se mesmo junto à sua cara, motivo por que ficou completamente irreconhecível.

A Brigada de Minas e Armadilhas da PSP apresentou-se imediatamente no local, começando as investigações no sentido de apurar a origem da encomenda, as suas características e outros elementos.

«Não existiam grandes diferendos»

A União dos Sindicatos de Vila Real viria, ainda ontem, a repudiá-lo atentado, ao mesmo tempo que exigia «rigorosas investigações e apuramento das responsabilidades da explosão».

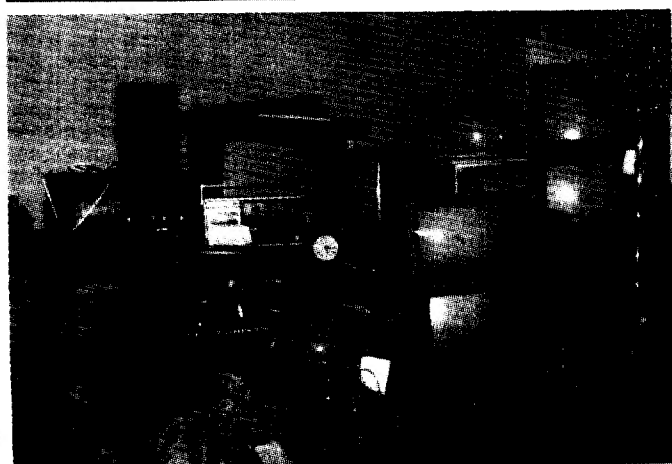
«Não existiam grandes diferendos entre os trabalhadores e a empresa Cabanelas e não conseguimos descortinar por que motivo foi cometido este atentado», afirmou o mesmo porta-voz da referida estrutura sindical.

Por outro lado, para um elemento da Comissão de Turismo da Serra do Marão, tratava-se de um «exemplar desportista no âmbito do automobilismo nacional»

e de «alguém exemplar da nova geração de empresários do País».

Sidónio Cabanelas tinha iniciado a sua carreira automobilística há três anos, depois de se ter dedicado ao motociclismo, durante muitos anos. Detentor de várias vitórias em provas de rampa e de pericia, Cabanelas era considerado como um dos grandes valores do automobilismo nacional.

A organização regional do PCP repudiou também o atentado, considerando que se trata de uma provocação «ao regime democrático e à luta dos trabalhadores pelos seus direitos». A mesma estrutura exigia que os esforços policiais se encaminhassem no sentido de descobrirem e castigarem os «criminosos e terroristas».



Parte do material apreendido pela PJ

PJ deteve cinco burlões do ramo electrodoméstico

Os cinco elementos de uma quadrilha de burlões foram detidos pela Polícia Judiciária, tendo sido recuperados cerca de metade dos artigos que tinham «comerciado». As suas actividades tinham sido desenvolvidas ao longo dos últimos quatro anos, em que concretizaram 219 burlas.

Segundo uma nota emitida pela 3.ª brigada da 8.ª Secção da PJ de Lisboa, responsável pelas investigações concluídas com pleno êxito, os detidos actuaram em diferentes áreas do País, como sejam: Almada, Cascais, Loures, Viana do Castelo, Leiria, Seia, Penamacor, Montijo, Setúbal e, principalmente, Lisboa.

O número de vítimas corresponde ao de burlas, pelo que ascendem naturalmente a 219, os lesados, na sua maioria comerciantes de electrodomésticos,

em valor que ascende a mais de 6 mil contos.

Operavam a partir de cheques e documentação individual furtadas em veículos, adquiridos aos autores dessa subtracção. Na sua posse faziam-se passar por emigrantes acabados de regressar e a montar casa.

Assim adquiriam diferentes artigos para equiparem as residências, liquidados, com os tais cheques, alguns dos quais seriam cobrados nos respectivos bancos apesar da falsidade, mas, na maioria, eram rejeitados.

A Judiciária não revelou a identidade dos burlões, cujas idades variam entre os 30 e 40 anos, sendo o cabecilha já de há muito conhecido da Polícia, mas difícil de encontrar dada a sua grande mobilidade em todo o território nacional e mudança constante de residência.

Escola do Cartaxo: ainda cinco feridos em «estado crítico»

Médicos não conseguiram salvar a jovem Carla Maria

• Seabra suspende Conselho Directivo antes de saber resultados do inquérito

Morreu ontem à tarde no Hospital de S. José uma das alunas da Escola Secundária do Cartaxo feridas na explosão que ali ocorreu na passada sexta-feira. Chamava-se Carla Maria Araújo Bruno, tinha 13 anos e era das mais credenciadas ginastas do Ateneu Artístico Cartaxense, que frequentava desde os quatro anos. Três outros feridos estão em estado crítico no Hospital de S. José.

Filha de um seccionista desta agremiação, Carla Maria Bruno era uma das esperanças do Ribatejo na ginástica nacional. Carla, denotando de ano para ano francos progressos na modalidade, vencera entretanto vários dos concursos em que participava e se especializara: trave, barra, movimentos livres, e saltos de tapete.

A explosão na Escola Secundária do Cartaxo, cujo Conselho Directivo foi ontem demitido por Seabra, ocorreu na passada sexta-feira à tarde, em consequência, ao que se presume, de deficiências na canalização de gás que abastece o laboratório da escola, segundo o comandante dos Bombeiros Voluntários locais. Provocou 34 feridos, seis dos quais em estado melindroso e por isso internados no Serviço de Queimados do Hospital de S. José.

De acordo com uma fonte hospitalar, três deles encontram-se «em estado crítico e em perigo de vida». O que não acontece com os outros três que, embora «em estado grave, não estão em estado crítico». A percentagem das suas queimaduras oscila entre os 20 e os 60 por cento, segundo um médico da unidade, na qual se encontram internados dez alunos da Escola Secundária do Cartaxo.

Os seis feridos graves, três deles «em estado mais crítico» são a professora Dália Belchior e os alunos Rui Pedro Violante, Helena Isabel Sereno da Silva, Paulo Renato Fernandes Tavares, Pedro José de Jesus Neves, e Anabela Arcanjo, cujos pais foram ontem chamados de urgência ao S. José.

FENPROF e professores contra suspensão

A presidente do Conselho Directivo da ES do Cartaxo reagiu

ontem à suspensão deste órgão por parte do Ministério da Educação, decisão que classificou de ridícula.

De acordo com a presidente do CD da Escola Secundária do Cartaxo, Hélia Correia, o «insólito da suspensão» deve-se tão só à circunstância de inquérito para apuramento de eventuais responsabilidades apenas hoje, terça-feira, se iniciar, pelo que a atitude do Ministério da Educação mais não configura que não seja a «atribuição prévia de culpabilidade» a este órgão, «no estilo de se encontrar a todo o custo um bode expiatório», acrescentou.

Enquanto esta manhã decorria na escola os preparativos para o início do inquérito, era opinião do CD daquela escola que «provavelmente está em causa uma tentativa de desculpabilização da Direcção-Geral do Equipamento Escolar e da Petrogal, entidades responsáveis pela instalação das canalizações de gás».

Entretanto, o Conselho Directivo da escola enviou à Direcção-Geral do Equipamento Escolar um comunicado exigindo garantias de segurança para a reabertura da escola. O CD exige ainda que a DGEE proceda à fiscalização periódica do equipamento de todas as escolas para «evitar acidentes como o ocorrido».

ME tenta acusar Conselho Directivo

O inquérito instaurado ao Conselho Directivo da Escola Secundária do Cartaxo e hoje iniciado, deverá ficar concluído na próxima terça-feira, segundo nota ontem divulgada pelo Ministério da Educação.

A suspensão ontem determinada por José Augusto Seabra foi já contestada não apenas pelo próprio CD, como pela Federação Nacional dos Professores. A suspensão do Conselho Directivo manter-se-á, diz o ME «enquanto não for concluído o inquérito à explosão ocorrida naquele estabelecimento de ensino».

O ministério afirma ainda no mesmo comunicado que «alguns testemunhos indicam o não cumprimento de normas que cometem aos conselhos directi-

vos», exemplificando a nota do ME «a obrigação de velar pela saúde física dos alunos, e pela segurança das instalações».

A comissão de inquérito indicada pelo ME é constituída pelo inspector-geral do Ensino, pelo director-geral do Pessoal, pelo director geral do Equipamento Escolar, pelo director-geral do Ensino Secundário e pelo director-geral do Ensino Básico. O inquérito compreende a consulta dos órgãos de gestão da escola, professores, alunos, pais, pessoal auxiliar, administrativo e técnico, autarcas locais e outras pessoas idóneas.

Entretanto, membros do Conselho Directivo, professores, pais e alunos da escola participam esta tarde numa reunião cujos temas incidirão sobre a explosão, feridos e a morte de Carla Maria Bruno, além da análise das formas de apoio e auxílio aos sinistrados e a intensificação das relações escola-encarregados de educação.

A Fenprof (Federação Nacional dos Professores) protestou, como atrás referimos, contra a suspensão do Conselho Directivo da Escola Secundária do Cartaxo pelo ministro da Educação.

A Fenprof, considera «inqualificável» a decisão ministerial e, a este propósito, enviou ao Presidente da República, ao Primeiro-Ministro e ao presidente da Assembleia da República um telegrama no qual contesta o facto de, «independentemente e antes do apuramento de responsabilidades, tem sido tomada decisão de suspensão do Conselho Directivo».

Para a Fenprof a medida visa — como também afirmou a directora Hélia Correia — expor aquele órgão dirigente da Escola Secundária do Cartaxo aos olhos da opinião pública como responsável do sucedido, «situação inadmissível à luz da moral e do direito», acrescenta a Federação Nacional dos Professores.

Já ao fim da manhã, uma fonte médica disse à NP que as cinco vítimas mais graves (por nós acima referidas, à excepção de Anabela Arcanjo), internadas na Unidade de Urgência do Hospital S. José, continuam em estado crítico, não tendo evoluído o seu estado.

ARTIGO DE FUNDO



MÁRIO CASTRIM

Alfacinha por condenação, com largo cadastro de alcatrão e carro eléctrico, de súbito me encontrei de regresso às origens.

Imaginem cá fora a chuva, o mau tempo, a incomodidade. Agora imaginem-me na bela cozinha da aldeia, o borralho, a lenha a estremeçar aos abraços do fogo que sobe pelo corpo negro das

panelas de ferro. O antifrão, o sr. Manuel dos Santos, disse-me as palavras justas:

— Se é amigo do meu filho, é meu amigo.

E tudo aconteceu naturalmente, como se de longa amizade se tratasse.

Ninguém avisara ninguém. E sempre eram cinco bocas a mais! Pois D. Rosa decidiu que onde comem dois, comem sete. E decretou que sempre no mundo tudo pudesse desaparecer menos a bondade que cria o milagre da multiplicação dos pães.

Então a mesa apareceu brandida de brócolos, de batatas cozidas, de carne assada e de uma travessa de linguças negras, purificadas pela creosota que circula nas veias do fogo.

D. Rosa, mãe perfeitíssima de todos, foi a última a sentar-se e bem se notava que toda a sua maior felicidade era ver-se rodeada de harmonia, essa estranha música.

Enquanto as linguças saboreadamente desapareciam, houve quem fiasse de animais. Aqui dona Rosa, com aquele sentido prático do gestor, declarou que, lá em casa, só queria fêmeas. Nem bois, nem cães, nada. Esclareceu:

— Não quero nada que não produza...

— É verdade, é, ela pensa assim — disse o sr. Manuel dos Santos enquanto se levantava para ir à adega, buscar mais um jarro.

— Desculpe, D. Rosa — perguntei eu — mas nem ao menos um galo?

D. Rosa contou como gostava dos galos. Achava-os lindos, vistosos, bons chefes de família. Às vezes ficava que tempos a vê-lo procurar na terra e chamar pelas galinhas quando encontrava uma semente.

— Mas já antes do 25 de Abril — continuou D. Rosa — os pus com dono porque atraíam os ladrões orientados pelo cocoricó...

A partir do 25 de Abril, dizia ela, os roubos desapareceram, os galos podiam cantar à vontade, não havia perigo para as capoeiras.

O sr. Manuel dos Santos vinha com o jarro cheio de uma vitoriosa espuma roxa.

— Mas agora — continuou D. Rosa — agora começa tudo a ficar diferente. Há para aí outra vez muitos vizinhos que já não

querem galos. Cada vez se querem menos, de noite...

Que escritor há aí para vir contar os novos verões de aldeia?

Total de acidentes foi de 26 846

Quatro mortos por dia nas estradas em 1984

Acidentes de trânsito provocaram uma média de quatro mortos por dia durante o ano de 1984 na área de actuação da GNR, indicam dados divulgados pela corporação relativamente à sua actividade no ano transacto.

Os 26 846 acidentes registados pela GNR no ano de 1984 provocaram 1546 mortos, 8715 feridos graves e 14 799 feridos ligeiros.

Dos acidentes registados, 19 566 foram por colisão, 4036 por despiste e 3182 por atropelamento.

Agosto foi, em 1984, o mês

que se verificou maior número de acidentes e em que morreu maior número de pessoas (159).

Em relação a 1983, registaram-se decréscimos em acidentes (menos 611) e mortos (menos 268) e um pequeno aumento de feridos (mais 53).

Durante o ano passado a Guarda Nacional Republicana fiscalizou um total de 3,7 milhões de condutores, dos quais 352 mil por controlo de velocidade.

A GNR realizou em todo o continente mais de um milhão de operações, o que dá uma média de cerca de 91 mil por mês.

24 horas

Mortos no Brasil

O número de mortes em três estados no Brasil flagelados por chuvas torrenciais há um mês eleva-se a 122, havendo ainda 45 000 desalojados, revelou a defesa civil em Brasília. Um porta-voz deste departamento acrescentou que a situação continua a ser grave nos estados de Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro. As chuvas fizeram vários rios galgar as margens, e as cheias atingiram 193 cidades e vilas.

Israel-URSS

Israel recebeu uma mensagem da União Soviética na qual se afirma que as relações com Israel dependem das relações do Kremlin com os Estados Unidos, anunciou a rádio israelita. O primeiro-ministro israelita, Shimon Peres, revelou a mensagem de que foi portador o magnata do

petróleo Armand Hammer, um judeu norte-americano. Peres não disse quando e como fora entregue a mensagem. Peres não mencionou a retomada das relações interrompidas por Moscovo em 1967. Mas a rádio israelita disse que a mensagem dizia respeito ao tema das relações.

Nobel soviético

O ministro espanhol da Educação e Ciência, Jose Maria Maravall, presidiu ao doutoramento «honoris causa» do Prémio Nobel soviético, Nikolai Basov, descobridor do Laser, e de Angel Jordan, professor espanhol naturalizado norte-americano. As bandeiras e os hinos da União Soviética e dos Estados Unidos juntaram-se aos símbolos da Espanha para o acto, celebrado na Universidade Politécnica de Madrid.

Ronald Reagan

O presidente norte-americano, Ronald Reagan, visitará a Espanha em 8, 9 e 10 de Maio, informou o Gabinete de Informação Diplomática de Washington. Reagan

visitará Espanha depois de participar em Bona na cimeira dos sete países mais industrializados do Ocidente, a decorrer na capital alemã de 2 a 4 de Maio.

Livro de Tchernenko

Decorreu na capital francesa a cerimónia de lançamento de uma recolha de textos de Konstantin Tchernenko, secretário-geral do PCUS, editada pela Plon. Estiveram presentes na cerimónia, que se realizou na Embaixada soviética, representantes dos meios políticos e parlamentares, franceses, do Ministério das Relações Exteriores, do corpo diplomático e uma centena de jornalistas. O livro tem um prefácio do próprio Tchernenko, escrito em Novembro último, e dirigido aos leitores franceses. Nele o dirigente soviético destaca a influência que o pensamento francês de vanguarda exerceu sobre o movimento democrático e revolucionário russo.

Mísseis na Bélgica

Os parceiros da Bélgica na NATO estão a instar para que se cimple a risca do calendário original para a instalação dos mísseis de «Cruzeiro» no país, anunciaram em Bruxelas fontes da Aliança. O governo belga «afirmara que, se não fosse

alcançado acordo entre os Estados Unidos e a União Soviética sobre a eliminação das forças nucleares de médio alcance (INF) na Europa, até ao final de 1987, seriam instalados na Bélgica todos os 48 mísseis de «Cruzeiro» previstos.

Assistência estratégica

O governo nipónico propôs oficialmente aos EUA criar um comité misto para coordenar a sua «Assistência Estratégica» a alguns regimes da Ásia, África e América Latina. O Japão deseja dividir as «funções» na assistência financeira ao Paquistão, Somália, Coreia do Sul, regimes pró-norte-americanos da América Central, rebeldes afgãos e khmers vermelhos. O jornal «Yomiuri» revelou que os dois países alcançaram já, por iniciativa de Tóquio, um «entendimento de princípios» a esse respeito.

Baixas de RENAMO

As Forças Armadas moçambicanas abateram 55 «bandidos armados», capturaram outros 40 e destruíram 321 acampamentos da RENAMO, durante o ano passado, no distrito do Buzi, província de Sofala, informaram fontes militares do Maputo. O jornal «Notícias» de Maputo, noticia que quatro elementos da RENAMO foram capturados, com as armas, na pro-

víncia de Inhambane, onde também foram apreendidas armas e munições e recuperado gado bovino e outros bens roubados às populações. Entretanto elementos da RENAMO atacaram e destruíram parcialmente duas unidades industriais, a 30 quilómetros de Maputo, na sexta-feira e no sábado; — confirmou a ANOP junto de fonte oficial.

Condenações na Turquia

Três militantes de esquerda foram condenados à morte e outros seis a prisão perpétua — informaram fontes oficiais turcas em Ancara. As condenações, sexta-feira, foram pronunciadas no fim do julgamento do movimento clandestino Dev Yol (Caminho Revolucionário), que se realizou em Elazig, cidade do Leste da Turquia.

Ofensiva do Iraque contra o Irão

O Iraque anunciou ontem ter lançado um grande ataque contra o Irão, que resultou na morte, ferimento ou captura de numerosos soldados iranianos.

Em contrapartida, o Irão afirma que foi «totalmente esmagada» a ofensiva fútil para reconquistar uma série de posições na ilha de Majnuna, tomadas pelas tropas iranianas em Fevereiro.

A agência noticiosa iraquiana, INA, citando uma porta-voz militar, disse que o Terceiro Exército do Iraque lançou a ofensiva domingo à noite e ocupou alvos preestabelecidos numa batalha-relâmpago no sector sul da frente.

«Cadáveres iranianos juncam o campo de batalha», afirmou o porta-voz militar citado pela INA, acrescentando que foram apreendidas grandes quantidades de armas e aprisionados numerosos iranianos, entre eles um oficial.

Pela sua parte, a agência iraniana, IRNA, afirma que o ataque iraquiano, lançado domingo à noite na extremidade sul da ilha de Majnuna, foi rapidamente controlado pelas forças islâmi-

cas, com pesadas perdas inimigas.

Segundo a IRNA, as forças iraquianas «não conseguiram alcançar os seus primeiros objec-

tivos». O porta-voz citado pela INA não precisou se as zonas que afirmou terem sido capturadas pelas forças iraquianas se encontram dentro do Irão ou se fazem parte dos territórios que Teerão diz ter tomado nos últimos dois anos.

O ataque foi a primeira ofensiva terrestre reivindicada pelo Iraque desde que retirou as suas tropas para a fronteira internacional, em Junho de 1982, a fim de enfrentar melhor as investidas iranianas.

O anúncio do ataque colheu de surpresa os observadores da guerra do Golfo, que previam uma ofensiva final do Irão para pôr termo ao conflito de 52 meses.

Entretanto, fontes marítimas do Golfo reagiram com alarme a um ataque de mísseis, presumivelmente iraquianos, contra um petroleiro grego, ao largo do terminal petrolífero saudita de Ras Tanura, no domingo.

Estas fontes receiam que o

incidente indique um alargamento dos ataques iraquianos a petroleiros, anteriormente restringidos às proximidades do terminal iraniano da ilha de Kharg.

Um barco holandês que navegava nessa zona foi atingido na semana passada por aviões não identificados, mas que também se crê que eram iraquianos.

O barco sofreu apenas danos materiais, tal como o petroleiro grego «Serifos», que se encontrava numa viagem regular entre os Emirados Árabes Unidos e o Kuwait.

A guerra do Golfo recrudescerá durante o fim-de-semana, quando o Iraque acusou o Irão de violar o acordo de Junho, patrocinado pelas Nações Unidas, para a suspensão de ataque contra alvos civis.

Bagdad convidou uma equipa da ONU para inspecionar uma escola primária, perto de Bassorah, que disse ter sido bombardeada pelos iranianos.

Segundo o Iraque, que ameaçou recommençar ataques com mísseis contra cidades fronteiriças iranianas, ficaram feridos nove alunos e um trabalhador.

Campos de Khmers atacados

Tropas governamentais kampucheanas e vietnamitas bombardearam ontem duas posições dos guerrilheiros khmers junto da fronteira tailandesa, informaram fontes militares de Banguecoque.

Projécteis de 130 milímetros foram disparados durante a noite de domingo e ontem de manhã contra os campos de Khao Din e Khao Ngok, a 55 quilómetros a Sul da localidade fronteiriça tailandesa de Aranyaprathet.

Depois do início do ataque, cerca de 10.000 civis kampucheanos dirigiram-se para a fronteira tailandesa, mas foi-lhes negada a autorização de entrar em território tailandês, informaram as fontes militares tailandesas.

Os dois campos estão situados a sudoeste do quartel-geral da guerrilha dos Khmers Vermelhos de Phnom Malai.

O Exército vietnamita está a concentrar milhares de homens na região de Phnom Malai e uma grande ofensiva contra esta posição é esperada para os primeiros

dias de Fevereiro, indicaram ainda os militares tailandeses.

Durante a primeira parte da actual ofensiva de Inverno, as tropas governamentais kampucheanas e vietnamitas atacaram e tomaram várias posições ocupadas por guerrilheiros não comunistas da Frente de Libertação Nacional do Povo Khmer, KPRLF, a Nordeste de Aranyaprathet.

Enquanto isto, a rádio tailandesa anunciou que o secretário-geral das Nações Unidas, Javier Perez de Cuellar, visitou ontem o Vietname para negociar com as autoridades vietnamitas o fim da guerra no Kampuchea.

Na chegada a Hanói, Cuellar foi recebido pelo ministro vietnamita dos Negócios Estrangeiros, Co Thach, que manifestou a esperança de que a visita de Cuellar contribua para o estabelecimento da paz e estabilidade na Indochina.

Cuellar avistar-se-á com o primeiro-ministro vietnamita, Phan Van Dong, com quem analisará o tema da intervenção do Vietname

no Kampuchea.

O secretário-geral da ONU visitou o Vietname durante 48 horas, depois de uma visita relâmpago a Viçiana, capital de Laos, e de uma visita de três dias à Tailândia.

Cuellar chegou à Tailândia na passada sexta-feira e manteve encontros com as autoridades deste país com quem debateu o problema dos refugiados kampucheanos.

Meios políticos tailandeses manifestam-se cépticos quanto à obtenção de um acordo.

O ministro dos Negócios Estrangeiros do Vietname afirmou, em declarações à Imprensa, antes da chegada de Cuellar, que «as Nações Unidas têm as mãos sujas de sangue», porque apoiam a Frente Nacional de Libertação do Povo Khmer.

«Os acampamentos de refugiados mantidos pelas Nações Unidas ao longo da fronteira com a Tailândia são uma fachada para encobrir os crimes dos guerrilheiros» — acrescentou Thach.



O ex-tenente Leszek Pekala no tribunal de Torun (Telefoto UPI/NP/DL)

Julgamento de Torun

Acusados tentam passar culpas

Três dos quatro agentes da Polícia secreta polaca acusados do assassinio do padre Jerzy Popieluszko discutiram ontem no tribunal de Torun e tentaram assacar a responsabilidade uns aos outros.

Um dos quatro réus, Leszek Pekala, confessou ter atado pedras aos pés do padre Popieluszko, juntamente com o co-réu Waldemar Chmielewski, antes de lançarem o sacerdote para um reservatório do rio Vístula, onde o cadáver foi encontrado em 30 de Outubro.

«Agimos automaticamente e não por nossa própria iniciativa», afirmou Pekala. Mas Chmielewski

disse ter fugido em vez de cumprir as ordens.

O réu principal, ex-capitão Grzegorz Piotrowski, declarou que os três agiram juntos e que seria errado que o tribunal acreditasse ter havido «um instigador e dois robots», como Pekala queria fazer crer.

A audição das testemunhas terminou ontem e espera-se para hoje o requerimento da acusação.

Desde o início do julgamento, a 27 de Dezembro, o tribunal de Torun ouviu 20 testemunhas e recebeu 26 depoimentos escritos de outras pessoas que desejaram prestar declarações.

Declaração de Deli

Veem à não n

Dirigentes de seis países, representando quatro continentes, apelaram ontem em Nova Deli para o fim imediato da corrida às armas nucleares e da militarização do espaço.

Os presidentes da Tanzânia, México e Argentina e os primeiros ministros da Índia, Grécia e Suécia, reunidos por um dia na capital indiana para debater o desarmamento nuclear, condenaram a actual situação mundial que colocou a humanidade «na antecâmara da morte, aguardando o momento incerto da execução».

Julius Nyerere, Miguel de La Madrid, Raul Alfonsín, Rajiv Gandhi, Andreas Papandreu e Olof Palme reuniram-se ontem de manhã em sessão à porta fechada no Palácio da Ciência, rodeado de rigorosas medidas de segurança, e, à tarde, em sessão pública, aprovaram um documento intitulado «Declaração de Deli».

Nesta declaração, a segunda do «Grupo dos Seis» em menos de um ano, os signatários pedem a adesão de outros países à sua iniciativa e exprimem a vontade de efectuar uma missão conjunta às potências nucleares, para sublinhar a urgência da sua posição.

Afirmando que «para todos nós é um pequeno grupo de homens e máquinas em cidades distantes que podem decidir da nossa sorte», os seis dirigentes

Equador é a segunda eta

Papa tern visita à V

O Papa João Paulo II concluiu hoje a visita de três dias à Venezuela almoçando com trabalhadores siderúrgicos na cidade de Guayana, centro da indústria pesada venezuelana.

Ontem, na cidade de Merida, João Paulo II dirigiu-se a centenas de milhares de fiéis da região andina para reiterar a necessidade para os católicos, de reafirmar a «fidelidade a Jesus Cristo, inseparável da fidelidade ao Evangelho, com todas as suas exigências».

O Papa regressou a Caracas para reunir com cerca de 3.000 padres freiras, e religiosos, representantes de todas as congregações que trabalham na Venezuela.

No encontro, realizado no teatro «Teresa Carreno», e na presença de toda a hierarquia católica venezuelana, João Paulo II ratificou as orientações dos sínodos de Medellín e Puebla, que recomendavam uma dedicação preferencial da Igreja latino-americana aos pobres.

Provocada pela recepção

Crise na c

A coligação governamental austríaca enfrenta hoje a sua maior crise, quando discute o futuro do ministro da Defesa, que provocou um incidente internacional por ter recebido pessoalmente o criminoso de guerra nazi Walter Roder, no aeroporto de Graz.

O governo do chanceler Fred Sinowatz tem que escolher entre demitir o ministro da Defesa, co

ente apelo dos "Seis" militarização do Espaço

salientam que «a guerra nuclear pode ser evitada se as nossas vozes se unirem num coro universal em defesa do nosso direito à vida».

Os signatários congratulam-se com o Acordo de Genebra entre os Estados Unidos e a União Soviética para o reinício das negociações sobre armas nucleares.

Expressam a sua esperança em que as duas primeiras potências nucleares cumpram, de boa fé, os seus propósitos nas negociações para alcançarem, o mais cedo possível, resultados significativos, e consideram que essas negociações seriam facilitadas pela «suspensão total das experiências, produção e instalação das armas nucleares e seus sistemas portadores».

A declaração julga «imperativa» a travagem da corrida aos armamentos atômicos enquanto decorrerem as negociações e considera que essa travagem, em vez de «ser um fim em si», deve prosseguir com reduções substanciais «que conduzam ao objectivo final do desarmamento completo e geral».

Em alusão ao conceito da «Guerra das Estrelas» do presidente norte-americano Ronald Reagan, o documento pede a proibição do desenvolvimento, ensaio, produção, instalação e emprego de qualquer arma espacial».

«O Espaço exterior deve ser

utilizado para benefício da humanidade no seu conjunto e não como campo de batalha para o futuro» — frisa.

Os seis dirigentes sublinham que «centenas de bilhões de dólares, equivalente a cerca de um milhão e meio por minuto, são anualmente gastos em armas, em «dramático contraste com a pobreza, e em alguns casos a miséria, em que vivem dois terços da população mundial».

É urgente e necessário — declaram — transferir os preciosos recursos hoje delapidados em gastos militares para o desenvolvimento social e económico».

O primeiro-ministro indiano, Rajiv Gandhi, que presidiu à conferência, na sua primeira participação numa cimeira internacional, declarou que um exemplar da declaração será entregue aos embaixadores das cinco potências nucleares (Estados Unidos, União Soviética, França, Grã-Bretanha e China) em Nova Deli.

Acrescentou que representantes do «Grupo dos Seis» vão avistar-se com os chefes das delegações norte-americana e soviética antes do início das suas negociações sobre controlo de armas, marcadas para Março, em Genebra.

Paralelamente, os presidentes Raul Alfonsín, da Argentina, e Julius Nyerere, da Tanzânia, e os primeiros-ministros Olof Palme, da Suécia, e Andreas

Papandreu, da Grécia, transmitirão o documento no dia 31 em Atenas às organizações não governamentais e ex-mandatários do mundo inteiro.

No seu apelo «aos povos, parlamentos e governos de todo o Mundo para que prestem apoio decidido» à «declaração de Deli», os seis dirigentes afirmam que «o progresso no desarmamento só se conseguirá com a forte pressão dos governos».

Em mensagem enviada aos participantes na Conferência de Nova Deli, o secretário-geral da ONU, Javier Perez de Cuellar afirma que a eliminação da ameaça de aniquilação nuclear da Humanidade é um imperativo da consciência e da razão e as potências nucleares têm uma responsabilidade muito especial de eliminarem essa ameaça.

Na sua mensagem, divulgada em Lisboa pelo Centro de Informação das Nações Unidas o secretário-geral da ONU afirma: «A vossa reunião visa uma causa que é a da própria Humanidade, independentemente de raça, religião ou ideologia. O objectivo é a sobrevivência e o desvio de recursos da corrida aos instrumentos de morte para os da vida, em condições de dignidade e justiça a que toda a Humanidade tem direito. Eliminar a terrível ameaça da aniquilação nuclear é um imperativo da consciência e da razão. Nisso reside a melhor esperança de sobrevivência do

Homem. Os dirigentes mundiais têm cada vez mais tomado consciência do que é ditado pela razão: numa guerra nuclear não pode haver vencedores. A nossa consciência diz-nos que não existe remédio para a destruição de todas as realizações humanas».

Reunião de Estocolmo

«Há premissas para que o Encontro de Estocolmo avance pelo caminho do trabalho construtivo contribuindo deste modo para o saneamento na Europa», escrevia ontem o jornal «Pravda», em vésperas do reinício hoje da Conferência sobre Medidas de Reforço da Segurança, Confiança e o Desarmamento na Europa.

O órgão do CC do PCUS volta a reafirmar a validade das propostas apresentadas pela URSS logo no início da conferência, em Janeiro de 1984, nomeadamente no que se refere ao compromisso de não usar as armas nucleares em primeiro lugar e da conclusão de um tratado de não-agressão entre a NATO e o Tratado de Varsóvia.

As propostas formuladas pelos países neutros e não-alinhados são encaradas positivamente pelo «Pravda» que afirma terem elas «muitos pontos em comum» com as posições dos países socialistas.

As novas "reformas" de Botha desmascaradas por Desmond Tutu

Os africanos repudiam os planos de novas «reformas» na África do Sul, apresentados pelo presidente Pieter Botha na primeira sessão do chamado «Parlamento de Três Câmaras» — afirmou, em Haia, o bispo sul-africano, Desmond Tutu, Prémio Nobel da Paz.

Este conhecido combatente do «apartheid», falando em conferência de Imprensa após o termo da sua visita aos Países Baixos, criticou asperamente a intenção de Pretória de substituir a concessão dos direitos políticos legítimos aos africanos pela criação dum «foro não oficial».

Como se deduz das declarações de Botha, este órgão privado do poder real só «examinará os problemas da população africana». Simultaneamente, mantém-se a fidelidade de Pretória à política de «apartheid».

«As autoridades jamais forçarão os africanos a conformar-se com a ausência de direitos por meio de 'concessões' do tipo do 'foro' proposto por P. Botha» — acentuou Desmond Tutu, que acrescentou:

«A África do Sul pertence, de direito, ao povo que luta pela erradicação do «apartheid».

Desmond Tutu condenou a repressão de Pretória em relação aos africanos e apelou à comunidade internacional para exigir decididamente que os dirigentes da África do Sul ponham em liberdade todos os presos políticos.

Entretanto, de acordo com o «Sunday Times», a proposta de Botha visa criar a aparência da participação africana na vida política da RAS. Pretória projectou novas «reformas», por medo ao crescente protesto da população africana, reconhece aquele jornal britânico.

ANC anuncia incremento de actividades

O Congresso Nacional Africano, movimento clandestino dos militantes negros sul-africanos, vai incrementar em 1985 a sua campanha militar e política contra o Governo de minoria branca, anunciou em Accra o secretário-geral do ANC.

Alfred Nzo apelou à comunidade internacional para intensificar a sua oposição e condenação à política do «apartheid» seguida pela África do Sul e disse que as reformas irão depender da pressão a que for submetido o Governo de Pretória por parte dos seus aliados, particularmente os Estados Unidos.

Atacou também o Grupo da Consciência Negra e a Organização dos Povos Azanianos (AZAPO) por terem levado a cabo manifestações «mal orientadas» contra o senador norte-americano, Edward Kennedy durante uma visita que este efectuou à África do Sul, no princípio deste mês.

Referindo-se aos apelos de grupos norte-americanos para os Estados Unidos cessarem os seus investimentos na África do Sul, Nzo disse que a visita de Kennedy terá um «impacte mais positivo se os legisladores adoptarem posições que foram claramente expressas durante manifestações nos Estados Unidos».

«A visita de Kennedy teve um imenso valor de propaganda em apoio da luta sem tréguas que os sul-africanos movem contra o «apartheid» — afirmou.

No disse ainda que a visita convenceu os negros de que podiam conquistar aliados para a sua causa em países como os Estados Unidos, aliados tradicionais da África do Sul racista.

etapa terminou Venezuela

«São os pobres os que o reclamam a vossa dedicação preferencial em nome do Evangelho e em vista de uma libertação total», disse o Papa, que lembrou a existência de graves desigualdades sociais e o facto de, em certos sectores da sociedade «o progresso social e o bem-estar se traduzirem num luxo egoísta, enquanto outros sectores permanecem na miséria, marginalização e analfabetismo».

O Papa disse que «a Igreja comprometida com os homens e em especial com os mais pobres e marginalizados, não pode ignorar (estas realidades) nem resignar-se passivamente, deixando que as coisas fiquem como estão».

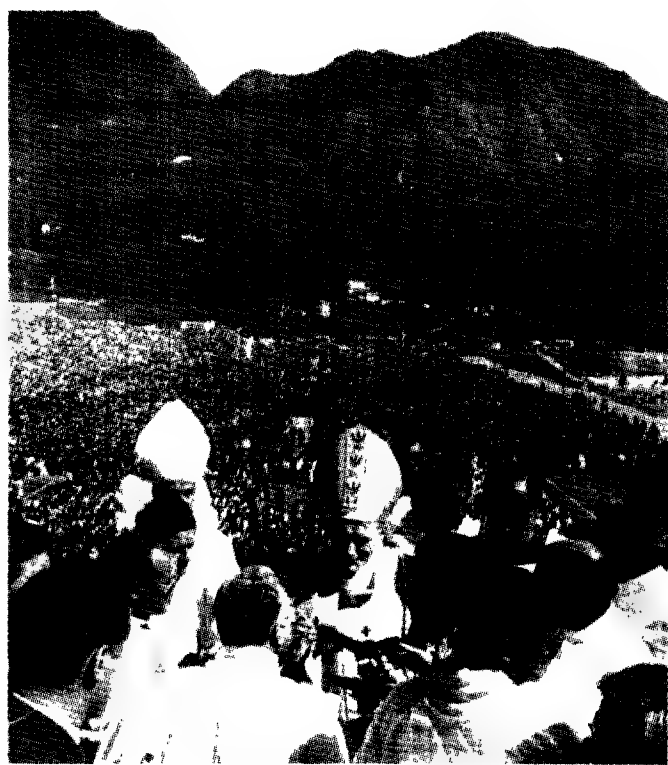
Na catedral de Caracas, o Papa recebeu representantes da Confederação Latino-Americana (CELAM), dos jornalistas e direcções, dos sindicatos e associações patronais venezuelanos. O último acto público da segunda jornada do Papa Venezuela realizou-se no Estádio Olímpico da

capital onde dirigiu a palavra a 36.000 jovens provenientes de todas as regiões da Venezuela. João Paulo II é esperado hoje no aeroporto de Quito, segunda etapa da sexta viagem do Papa para a América Latina, para uma visita de três dias ao Equador.

Interferência

Uma reportagem em directo da visita do Papa à Venezuela foi interferido, durante cerca de quatro minutos tempo durante o qual se podia ver a imagem do Papa, enquanto à sua voz foi sobreposta uma outra, que dirigia acusações à Igreja Católica e defendia o credo protestante. A TV venezuelana afirmou-se alheia ao acontecimento e as autoridades anunciaram que procederiam a investigações.

Entretanto, os vendedores de sanduíches e bebidas que se instalaram nas imediações do local onde foi celebrada missa campal, em Caracas, consideram que o seu negócio foi um «desastre»,



O Papa João Paulo II é saudado por membros do clero local à sua chegada ontem ao local onde celebrou missa nos Andes da Venezuela. (Telefoto UPI/NP/DL)

pois em lugar de anunciada presença de mais de um milhão de pessoas, ela cifrou-se em seis-

centas mil, grande parte delas munidas de suas marmitas, no temor das especulações.

Igreja salvadorenha teme escalada de crimes políticos

A Igreja Católica salvadorenha manifestou a sua preocupação pelo incremento da violência política nas semanas que precedem as «eleições» legislativas e municipais de 31 de Março, em referência implícita à actividade dos «esquadrões da morte». A mesma preocupação foi manifestada domingo pelo bispo auxiliar de San Salvador, Gregorio Rosa Chavez, que disse «temer nos próximos dias uma escalada de crimes políticos e de violência irracional no âmbito da campanha eleitoral».

Desde o início do ano, pelo menos 15 pessoas de vários partidos foram assassinadas em diferentes pontos do país pelos «esquadrões da morte».

A maioria das vítimas pertencia aos partidos Democrata-Cristão, no Poder, e à direita Aliança Republicana Nacionalista (ARENA), principais forças rivais desde as «eleições» para a Assembleia Constituinte organizadas sob os auspícios de Was-

hington.

O líder máximo da ARENA Roberto D'Aubuisson, declarou recentemente que «o terrorismo político que o nosso partido está a sofrer é obra dos esquadrões da morte-verdes», numa referência à cor oficial da democracia-cristã.

Esta acusação foi rejeitada pelo presidente salvadorenho, Napoleon Duarte, que, em contrapartida, acusou D'Aubuisson de contribuir para a desestabilização do país.

Duarte disse que «D'Aubuisson quer dizer democrata-cristão quando diz esquadrões verdes, mas o povo salvadorenho sabe perfeitamente que os democratas-cristãos jamais pegaram em armas, e D'Aubuisson sabe perfeitamente o que fez».

O nome do líder direita tem sido vinculado diversas vezes aos clandestinos «esquadrões da morte», responsáveis pela morte de milhares de salvadorenhos.

Manifestações nas Filipinas

A Polícia filipina utilizou ontem batões e gás lacrimógeno para dispersar centenas de manifestantes que ergueram barricadas nas principais ruas de Manila em apoio de uma greve nacional de transportes devido aos aumentos dos preços da gasolina. Pelo menos 50 pessoas ficaram feridas e 200 foram detidas em incidentes relacionados com a greve, dez polícias ficaram feridos.

Segundo as autoridades, os transportes na maioria das áreas urbanas do país estavam a funcionar normalmente, excepto na cidade de Davao — 965 quilómetros a sul de Manila — que se encontrava paralisada pela greve indefinida que ali teve início no sábado.

A maioria dos detidos na capital foram jovens e motoristas dos transportes públicos que ergueram barricadas nas ruas e aspedrejaram alguns autocarros por desafiar a greve convocada para pressionar as exigências para redução dos preços da gasolina.

A greve foi convocada pela Aliança militante das organizações de transportes, que diz possuir a nível nacional 90 mil filiados.

A Aliança pretende com a greve que os preços dos combustíveis desçam para níveis praticados antes de uma determinação governamental que elevou os preços em 12 por cento, em Outubro.

peço a criminoso nazi

coligação austríaca

Friedhelm Frischenschlager, o que poderia provocar a queda da coligação, ou mantê-lo no posto e tentar apagar a má imagem internacional que daí vem para a Áustria. Frischenschlager, na segunda-feira, interrompeu uma visita oficial ao Egipto, depois de ser chamado de urgência a Viena pelo chanceler Sinowatz que considerou a acção do ministro da Defesa como um grave erro político.

Os pedidos para a demissão de Frischenschlager partiram de altos funcionários do Partido Socialista, de Sinowatz, mas o ministro é apoiado pelo seu pequeno partido de direita, o Partido da Liberdade (FPO), que tem na sua mão o fiel da balança do poder, e conta com três ministros na coligação!

Robert Steger, líder do FPO e vice-chanceler, disse já que, se Frischenschlager for demitido, «isso implicará o fim deste gover-

no, pois os meus outros ministros também pedirão a demissão».

O gabinete reúne-se hoje e Frischenschlager afirmou que não pedirá a demissão, embora reconheça que cometeu um erro político ao encontrar-se pessoalmente com o criminoso de guerra nazi.

Reder, antigo major da SS, foi condenado a prisão perpétua por um tribunal italiano em 1951, pelo

assassinio de 600 civis como represália por um ataque da Resistência. A sentença foi reduzida em 1980 e ele saiu na semana passada em liberdade.

A acção de Frischenschlager, descrita pelo seu líder partidário como «somente um erro de estimativa na situação», lançou a coligação austríaca na sua pior crise desde que subiu ao poder, há 20 meses.



NATURA

FOI POSTO À VENDA O N.º 364
REFERENTE A JANEIRO

Se deseja evitar a doença e curar-vos dos vossos males, pelos meios puramente naturais, assina já esta utilíssima revista de Higiene Geral e alimentar de Saúde e Cultura Integral podendo estar certos que pelos ensinamentos recuperas mais bem-estar e alegria de viver.

Director e Proprietário: Dr. INDIVERI COLUCCI

DO SUMÁRIO DESTACAMOS OS SEGUINTES ARTIGOS:

- 1 — A véspera do 105.º Aniversário do Dr. Colucci teve honras televisivas
- 2 — Um Homem — Um Exemplo
- 3 — Saúde Equilíbrio e Longevidade
- 4 — Perda do equilíbrio da Tensão Arterial e da Colesterina do sangue
- 5 — A Família da Vitamina B
- 6 — Efeitos da Alimentação sobre a Pele
- 7 — Antibióticos O problema da resistência
- 8 — Os Minerais na nossa Alimentação
- 9 — Alimentos Cancerígenos e Anticancerígenos
- 10 — Frutos e Vegetais
- 11 — Vantagens do Jejum
- 12 — Página de Cozinha etc., etc., etc.

RUA ANTERO DE QUENTAL, 35-1.º (ao Intendente)
Telefone 55 64 88
Assinatura anual: 600\$00 - Semestral: 380\$00
Estrangeiro: 1020\$00 - Avulso: 80\$00



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA

É DITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no "Diário da República", o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Departamento Periférico Vale do Tejo, a que se refere o processo n.º 1/6115, arquivo 9, para o estabelecimento no concelho de Torres Vedras, de uma linha mista a 10 KV, n.º 354/R-33 com 1312 metros (parte aérea com 1252 metros e parte subterrânea com 60 metros), do poste n.º 13 da linha n.º 354/R-10, no PT n.º 289, do Departamento Periférico de Torres Vedras, em Santa Cruz.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 17 de Janeiro de 1985

O ENGENHEIRO DIRECTOR,
Joaquim Gonçalves dos Santos



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA

É DITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no "Diário da República", o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção e Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/6110, arquivo 9, para o estabelecimento na freguesia de Cacilhas, concelho de Oeiras, de uma linha aérea a 10 KV, n.º 1120/R-6, com 590 metros, do poste n.º 7, da linha n.º 1120, ao PT n.º 3112-C, da ENGL - Sociedade de Construção Civil, S.A.R.L. (estaleiros de obras), em Cacilhas.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 17 de Janeiro de 1985

O ENGENHEIRO DIRECTOR,
Joaquim Gonçalves dos Santos

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE CRÍTICOS DE TEATRO

Certifico que, por escritura de 28 do corrente mês, exarada de fl. 2, v. a fl. 3 do livro n.º 157-E de escrituras diversas do 1.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo da notária Zulmira da Natividade Martins Neto Lino da Silva, foi constituída uma associação por tempo indeterminado denominada Associação Portuguesa de Críticos de Teatro, com sede na Avenida Duque de Loulé, 31, freguesia de São Jorge Arroios, em Lisboa.

A Associação tem por objectivo dignificar, estruturar e responsabilizar a actividade crítica relativa à teoria e prática do teatro.

Para a realização dos seus fins, a Associação propõe-se:

a) Promover a defesa profissional, jurídica e moral dos seus membros e do exercício da crítica;

b) Premiar, se considerar oportuno, individualidades, agrupamentos ou realizações artísticas;

c) Promover, por si ou em conjunto com outras entidades, manifestações de carácter cultural ou associar-se às que forem organizadas por outrem;

d) Exercer outras actividades necessárias à prossecução dos mesmos fins.

Haverá 2 categorias de associados efectivos e honorários.

Serão associados efectivos:

a) Os críticos que exerçam regularmente, com o mínimo de 12 meses seguidos ou intercalados, a actividade crítica na imprensa, na rádio, na televisão, ou em qualquer meio de Comunicação Social;

b) Os ensaístas que mantenham uma actividade regular, quer nos meios de Comunicação Social quer em livro.

Serão associados honorários os indivíduos que, tendo deixado de exercer a crítica ou o ensaísmo crítico, pelo significado da sua obra, se distinguiram nessas actividades.

A admissão dos associados efectivos

será precedida de proposta apresentada por 2 sócios no pleno gozo dos seus direitos a direcção, que sobre ela se pronunciará definitivamente.

A proclamação dos associados honorários será feita em assembleia geral, sob proposta da direcção.

A exclusão dos associados e da competência da assembleia geral, sob proposta da direcção.

Está conforme.

1.º Cartório Notarial de Lisboa, 30 de Novembro de 1984 - O Ajudante, Alberto Vila Rodrigues

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da Patente de Invenção n.º 72 486 para «Processo para a preparação de derivados de ácido acético».

TRATA: CLARKE, MODET & C.ª, LDA.
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201 - 3.º Esq.
1000 LISBOA

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DA FIGUEIRA DA FOZ

ANÚNCIO

FAÇO SABER que no dia 27 do próximo mês de FEVEREIRO pelas 14 horas, no Tribunal Judicial desta comarca, em face do ordenado nos autos de carta precatória vindos do 5.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa - 3.ª Secção, extraída dos autos de execução de sentença n.º 2494 em que é exequente Banco Pinto & Sotto Mayor, S. A. R. L. e executado CIPRIANO GIL LOUREIRO, casado, residente na Rua dos Bombeiros Voluntários, nesta cidade de Figueira da Foz, será posto em praça pela primeira vez, para ser arrematado ao maior lance oferecido acima do valor abaixo indicado e seguinte imóvel:

— 3/4 de uma casa de habitação e logradouros, sita no lugar de Murteira, freguesia de Oulhalos, concelho de Figueira da Foz, descrita na respectiva conservatória do Registo Predial sob o n.º 39 496 a folhas 108 do Livro B-102, que confronta do norte com Luís Cardoso Neto, do sul com Benedita Gomes Luisa, do nascente com Manuel Cardoso Neto e do poente com arreios do mar, pelo valor mínimo de 200 000\$00.

Do referido imóvel é depositário Judicial o Sr. Henrique Baitão, casado, solicitador nesta cidade de Figueira da Foz.

Figueira da Foz, 15 de Janeiro de 1985

O Juiz de Direito,
Ass. Ferreira da Cunha

A Escrivã adjunta,
Ass. Ana Bárbara
«DL» 29/1/85 - 2.ª pub.

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da Patente de Invenção n.º 66 919 para «Processo e produto para a conservação e a valorização de vegetais em verde e subprodutos húmidos das indústrias agro-alimentares».

TRATA: CLARKE, MODET & C.ª, LDA.
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201 - 3.º Esq.
1000 LISBOA

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE OEIRAS

ANÚNCIO

PROC.º n.º 77/82

1.ª Secção

3.º Juízo

Faz-se saber que correm editos de 20 dias, contados da 2.ª e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do Executado MANUEL HENRIQUES SOUSA PEREIRA, com domicílio na Estrada Nacional 6/5, Torre Solteira, r/c, Nova Oeiras para, no prazo de dez dias, posterior ao dos editos, reclamarem o pagamento de seus créditos pelo produto dos bens penhorados sobre que tenham garantia real, na Execução Ordinária que lhe instaurou Portugal Previdente, Companhia de Seguros, S.A. Oeiras, 10 de Janeiro de 1985.

O JUIZ DE DIREITO
(Luís Flores Ribeiro)
O ESCRIVÃO DE DIREITO
(António Lopes Henriques)

DL 29/1/85 - 2.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

SEGUNDO JUÍZO

ANÚNCIO

Pela 2.ª secção do 2.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa, correm editos de 30 dias contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os executados abaixo indicados para, no prazo de cinco dias posterior ao dos editos, pagar à exequente a quantia de Esc. 269 000\$80, proveniente de dívida, deduzir oposição ou nomear bens à penhora suficientes para esse pagamento sob pena de se considerar devolvido à exequente o direito de tal nomeação.

PROC. 4820 — EXECUÇÃO SUMÁRIA — 2.ª secção, em que são:

EXEQUENTE — Banco Pinto & Sotto Mayor, E.P.

EXECUTADOS — VIFRIO — Produtos Alimentares Congelados, Lda., com última sede conhecida na Rua do Alvide n.º 342, Fontainhas-Casais e JOSÉ VITORINO DE JESUS MARQUES, com último domicílio conhecido na morada acima indicada.

Lisboa, 23 de Janeiro de 1985

O Juiz de Direito

(legível)

O Escrivão adjunto

(legível)

«DL» 29/1/85 - 2.ª Pub.



Caminhos de Ferro Portugueses

2/85

Aviso ao Público CONCURSO

Até às 17 horas do dia 11 de Fevereiro de 1985, estes Caminhos de Ferro aceitam propostas para a exploração do bar da estação de Portalegre.

A anuidade mínima a oferecer pela ocupação das instalações é de 45 000\$00 e os concorrentes devem depositar em qualquer estação da CP a quantia de 7500\$00 e as respectivas propostas deverão ser feitas com base no programa do concurso e condições contratuais que os interessados poderão consultar nas seguintes estações e locais:

- Portalegre
- Região Centro — Secção Comercial ABRANTES
- Torre das Vargens
- Serviço Comercial da Região Centro LISBOA (Santa Apolónia)
- Serviço Comercial de Passageiros Estação de Santa Apolónia, 1.º andar LISBOA

As propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida ao Serviço Comercial de Passageiros dos Caminhos de Ferro Portugueses, EP, Apartado n.º 2733, 1118 LISBOA CODEX, acrescentando-se aquele endereço, no sobrescrito, o seguinte:

«Proposta para a exploração do bar da estação de Portalegre.»

ALTERAÇÃO DE TERMINAIS EM LISBOA

A Rodoviária Nacional, E.P. informa o público que a partir do próximo dia

2 DE FEVEREIRO

e em consequência das novas medidas de trânsito que têm estado a ser implementadas em Lisboa pela Câmara Municipal, irá alterar na Cidade os terminais das carreiras **Ericeira/Lisboa (via Mafra)** e **Ericeira/Lisboa (via Algueirão)**, as quais passarão a ter o seu início / término na Estação sita na

AV. SANTOS DUMOND N.º 57-A (à Praça de Espanha)

1. **Ericeira / Lisboa (via Mafra)**

- Não servirá as paragens situadas na Av. Casal Ribeiro (junto ao Saldanha) e na Av. da República próximo do Campo Pequeno.
- Mantém os horários de passagem a partir de Entre Campos

2. **Ericeira / Lisboa (via Algueirão)**

- Mantém os horários de passagem a partir da paragem situada no início da Av. Columbano Bordalo Pinheiro (junto a Praça de Espanha).

A expedição de despachos de mercadorias para estas carreiras poderá ser realizada na Av. 5 de Outubro, n.º 75-C e o levantamento na Av. 5 de Outubro, n.º 54-C.

Para quaisquer esclarecimentos contacte os nossos serviços de informação ao público, através dos telefones:

725807 / 725832 / 725854

(dias úteis, das 8H00 às 20H00)



RODOVIÁRIA NACIONAL

UMA GRANDE EMPRESA DE SERVIÇOS



Os "dez" não chegaram a acordo entre eles

Negociações com a CEE fracassam mais uma vez

Os ministros dos Negócios Estrangeiros dos «Dez» separaram-se ao fim da noite de ontem, em Bruxelas, depois de fracassarem mais uma vez na obtenção de um acordo sobre posições a apresentar à delegação portuguesa, na sessão de negociação prevista para esta manhã. Tudo indica portanto que esta reunião se venha a saldar por mais um adiamento de todas as questões e discussões.

Os ministros tentaram definir novas posições sobre pesca, agricultura e assuntos sociais.

No domínio da pesca, alguns Estados membros (Reino Unido, França e Dinamarca) propuseram que o tema fosse objecto de uma negociação final durante o dia de hoje.

A Comissão Europeia tem defendido que o fecho do «dossier» só poderá ocorrer depois de Portugal e da Espanha se entenderem quanto à questão dos direitos históricos espanhóis em águas territoriais portuguesas. Esta posição é contestada pelos responsáveis portugueses.

Durante a tarde, o ministro das Finanças e do Plano, Ernâni Lopes, fez diversas tentativas no sentido de convencer a República Federal da Alemanha e a França de que não há quaisquer direitos históricos a discutir, razão pela qual nada impede o

encerramento do «dossier».

No entanto, segundo fontes do Conselho a tese da negociação final no sector da pesca não teria obtido consenso.

Os ministros dos «Dez» procuraram também, igualmente sem sucesso, melhorar as suas posições em matéria de acesso dos produtos competitivos portugueses aos mercados comunitários.

No campo dos assuntos sociais, finalmente, a República Federal da Alemanha continuou a manter uma posição inflexível relativamente à questão dos abonos de família e outras prestações familiares (defendendo o seu pagamento segundo as regras do país de origem do emigrante).

Por outro lado, o Luxemburgo manteve também a sua posição quanto à liberdade de circulação dos trabalhadores portugueses, solicitando um período transitório de dez anos ao contrário dos sete defendidos pelos restantes Estados membros.

O insucesso dos ministros dos Negócios Estrangeiros dos «Dez» faz antever uma reunião de negociações com Portugal, durante a manhã de hoje sem qualquer conteúdo.

Na sessão de negociações com a Espanha, que ontem teve lugar em Bruxelas, o único resultado obtido tem a ver com uma

tentativa de aceleração do procedimento, de forma a concluir as negociações antes do final do mês de Março.

Moran decepcionado

O ministro espanhol dos Negócios Estrangeiros, Fernando Moran, manifestou-se ontem «decepcionado, mas paciente» perante a «inoperante» sessão de negociações que teve com os 10 ministros da CEE.

«Os ministros dos Negócios Estrangeiros dos 10 mostraram-se, uma vez mais, incapazes de defender posições comuns», sublinhou.

Moran declarou que está prevista a realização de um «Conselho Extraordinário», para 7 e 8 de Março, antes da cimeira europeia que terá lugar nos finais de Março.

Ao referir-se à próxima sessão de negociações, prevista para 18 e 19 de Fevereiro, Moran disse que «será necessário fazer um esforço ilimitado para concluir os temas básicos, sobre os quais, não se chegou ainda a acordo — frutas, hortaliças, vinho, azeite, pesca e assuntos sociais».

Moran sublinhou que «os ministros da Comunidade mantêm o seu empenho em concluir as negociações a 8 de Março, para permitir a ratificação do tratado de adesão, prevista para 1 de Janeiro de 1986».

Portugal recusa acordo sobre o vinho

A delegação portuguesa, chefiada por Ernâni Lopes, apresentou ontem em Bruxelas uma declaração negocial sobre o sector do vinho onde recusa a aplicação a Portugal de certos aspectos do compromisso obtido pelos «Dez» em Dublin sobre o controlo da produção vinícola.

Os negociadores portugueses reclamam, nomeadamente, a definição dos níveis de produção que darão direito a garantias plenas aos produtores, com base, em períodos de referência diferente dos adoptados em Dublin.

Segundo o compromisso de Dublin, a produção excedendo a média das quantidades produzidas nas campanhas de 81/82, 82/83 e 83/84 seria obrigatoriamente destilada a baixos preços.

De acordo com os negociadores portugueses esse período corresponde a anos de reduzida produção em Portugal razão pela qual deveria ser escolhido um referencial diferente, por exemplo o da média dos últimos 10 anos.

Essa média seria de 10 milhões de hectolitros em comparação com os 8,4 milhões que a aplicação do compromisso de Dublin daria a Portugal.

De nome «Atlântica»

Primeira seguradora privada vai nascer no Porto

A primeira companhia seguradora privada com capitais exclusivamente portugueses garantiu os 200 mil contos necessários ao pedido de autorização ao Governo para iniciar a actividade e terá sede no Porto.

Olimpio de Magalhães, eleito presidente, director-geral da futura Companhia de Seguros Atlântica, explicou que esse pedido irá ser feito a curto prazo, agora que foi garantido o capital mínimo estabelecido pelo decreto-lei que abre o sector aos investidores privados.

«Continuaremos com a subscrição aberta ao público, mas quarta-feira dos sócios já garantiram os 200 mil contos», disse.

Ao mesmo tempo que entregar o dossier do requerimento — que deverá ser objecto de um parecer do Instituto Português de Seguros — a nova empresa indicará como interlocutor para o diálogo com a Administração o próprio Olimpio Magalhães, um corrector de seguros do Norte do País, antigo director comercial da União.

«Seremos a muito curto prazo, assim o esperamos, a primeira seguradora privada com capitais portugueses» — prosseguiu.

A Atlântica tem na sua génese alguns quadros ligados ao sector e investidores a dizer que ela corresponde ao «espírito» da legislação, por não estar ligada a grupos económicos.

É objectivo da nova empresa ter sede no Porto e uma filial em Lisboa, dedicando-se a todos os ramos de seguros com excepção do ramo vida.

Jardim fixa o preço mínimo: insularidade custa 1,5 milhões

Uma proposta do Governo Regional Madeirense, apresentada à Secretaria do Orçamento, defende que as transferências de verbas para a Região pelos «custos de insularidade» não sejam inferiores a 1,5 milhões de contos em 1985.

A proposta foi apresentada pelo Secretário Regional do Plano e preconiza que para a definição dos montantes sejam considerados, como factores prioritários, as características próprias da Região, a insularidade, a distância, a dimensão reduzida e a dispersão (factores inerentes à insularidade).

O documento divulgado pela ANOP refere que o montante relativo à cobertura dos custos de insularidade a transferir pelo orçamento geral do Estado para o Orçamento Regional deverá ser encontrado considerando aqueles factores e «enquanto não existir definição adequada e justa».

A proposta do governo madeirense preconiza que o limite para a contracção de empréstimos pelas Regiões Autónomas deverá situar-se, em 1985, nos cinco mi-

lhões de contos, tal como havia sido acordado no ano anterior, em vez dos três milhões de contos que o OGE propõe.

O gabinete de João Jardim defende que a repartição do Fundo de Equilíbrio Financeiro pelos municípios das Regiões Autónomas deve ser de 3 por cento para a Madeira e Açores.

O executivo madeirense alega que a sua região tem uma população superior à dos Açores, para além do facto dos indicadores socioeconómicos serem sensivelmente idênticos.

A proposta de Orçamento Geral do Estado atribui inicialmente 3 por cento do Fundo de Equilíbrio Financeiro das Autarquias aos Açores e apenas 2 por cento à Madeira, critério que não é aceite pela administração madeirense.

Bica mais cara

Entretanto, a bica começou ontem a ser vendida mais cara na Madeira — entre 20 escudos e 27\$50 — e o garoto conheceu também novos preços — entre 17\$50 e 22\$50.

Os aumentos são consequência de uma Portaria do Governo Regional, publicada no sábado no jornal oficial da Região, a qual liberaliza os preços de café, bebidas e outros produtos de cafetaria.

Desacordo na OPEP sobre baixa do petróleo

Os ministros do Petróleo da OPEP terminaram ontem uma reunião à porta fechada, num hotel de Genebra, sem terem conseguido qualquer acordo sobre uma eventual redução dos preços do petróleo.

Os 13 ministros discutiram várias propostas de preços as quais se tivessem sido adoptadas levariam à redução do preço de base estipulado pelo cartel o que aconteceria pela segunda vez na história da Organização dos Países Exportadores de Petróleo.

O presidente da Conferência, o ministro indonésio do petróleo, Subroto, disse aos jornalistas à saída da reunião, que a Nigéria e a Arábia Saudita tinham submetido duas propostas distintas no sentido de diminuir as diferenças de preços entre as ramas de melhor qualidade e as de qualidade inferior produzidas pelo cartel.

A Nigéria defende uma diferença de dois dólares em vez dos quatro dólares actuais, enquanto a Arábia Saudita pretende um diferencial de 2,90 dólares.

Em ambos os casos espera-se uma descida do preço do «light» Saudita que é a qualidade de referência da OPEP — referem especialistas na questão.

Os ministros vão reunir-se de novo hoje.

«Não especulemos sobre o que vai acontecer pois existem ainda muitas possibilidades» — disse Subroto aos jornalistas.

ORGANIZAÇÕES ZIPE-ZIPE

PUBLICIDADE, LIMITADA

Certifico, para efeitos de publicação que, por escritura de 14 de Dezembro de 1970, lavrada de fls. 11 a 12v.º do livro de notas para escrituras diversas número sessenta e cinco-F, do 12.º Cartório Notarial de Lisboa, então a cargo do Notário Lic. Manuel da Silva Jordão Curado e hoje da Notária Lic. LIDIA RODRIGUES MAIA DEVESE, os únicos sócios entre quem ficou a existir a sociedade comercial por quotas, de responsabilidade limitada, com a denominação em epígrafe e sede em Lisboa, JOSE MANUEL BASTOS FIALHO GOUVEIA, RAUL AUGUSTO DE ALMEIDA SOLNADO, CARLOS PEREIRA CRUZ e FRANCISCO JOSÉ DE OLIVEIRA SANTOS, elevaram o capital social da referida sociedade, de SESENTA CONTOS para OITENTA CONTOS, mediante o aumento de VINTE CONTOS, todo subscrito e realizado a dinheiro, pelo dito FRANCISCO JOSÉ DE OLIVEIRA SANTOS, que assim deu entrada na sociedade, como novo sócio, tendo também sido nomeado gerente.

Que, em consequência, do referido aumento, foi substituída a redacção do artigo terceiro do pacto social que passou a ser a seguinte:

TERCEIRO

O capital social e de OITENTA MIL ESCUDOS, encontra-se totalmente realizado em dinheiro e nos restantes valores activos da sociedade e corresponde a soma de QUATRO QUOTAS de vinte mil escudos cada uma, pertencendo uma a cada sócio.

Esta conforme — LISBOA E DÉCIMO SEGUNDO CARTÓRIO NOTARIAL, AOS VINTE E UM DE JANEIRO DE MIL NOVECENTOS E OITENTA E CINCO.

O 3.º Ajudante

Ilida Metreles Lopes de Carvalho Esteves

«D.L.» — 29-1-85

Orçamento

Discussão na especialidade começa hoje

Toda a parte respeitante às despesas da proposta de Lei do Orçamento do Estado para 85 vai ser apreciada em pormenor na Comissão Parlamentar de Economia em reuniões que começam hoje e deverão terminar no dia 8 de Fevereiro.

Nestas reuniões deverão participar ministros, alguns secretários de Estado, e ainda responsáveis do Ministério das Finanças.

Os debates nesta reunião da Comissão serão gravados e a presidência será ocupada pelo deputado Almerindo Marques (PS), vice-presidente da Comissão Parlamentar de Economia, que substitui João Salgueiro, desde que este pediu a suspensão do mandato.

Assim, de acordo com o calendário fixado, está previsto que a Comissão de Economia receba

hoje, sucessivamente, os ministros da Cultura, da Qualidade de Vida e da Agricultura.

Para quarta-feira estão previstos debates sobre os capítulos Defesa e Comércio e Turismo, com a presença dos respectivos responsáveis governamentais.

As questões das verbas a atribuir às autarquias e outras questões relativas à Administração Interna são discutidas na quinta-feira durante todo o dia.

Para sexta-feira estão neste momento agendados os temas Segurança Social (de manhã) e Trabalho (à tarde).

Administração Pública e Condição Feminina são assuntos cuja discussão na comissão de Economia, a propósito das verbas que lhes são reservadas pelo Orçamento, foi marcada para segunda-feira próxima, à tarde.

Na terça-feira, dia 5 de Fevereiro, deverão ser debatidos os temas Saúde (de manhã) e Educação (à tarde), enquanto as verbas para os Ministérios do Mar e dos Negócios Estrangeiros são discutidas no dia seguinte, quarta-feira.

Indústria e Energia (de manhã) e Equipamento Social (à tarde) são os ministérios cujas verbas são discutidas na quinta-feira seguinte.

Finalmente, para o último dia, sexta-feira, estão previstas, apenas, discussões sobre os montantes atribuídos ao Ministério das Finanças.

Após estes debates na Comissão de Economia, o Orçamento sobe de novo ao plenário do Parlamento para votação da parte referente aos impostos e aprovação final global.

Taxa de cobertura baixou para 40%

Comércio com a Espanha piorou

O comércio com a Espanha, que em 1983 dera alguns indícios de melhoria para as contas portuguesas, voltou a aumentar os seus défices no ano passado baixando, inclusive, a taxa de cobertura das importações pelas exportações para 40 por cento. Em 1983 ela fora de 45.

As exportações portuguesas para Espanha, no conjunto do ano passado, aumentaram, mesmo assim, 46 por cento atingindo os 36 milhões de contos. Mas como as importações espanholas para Portugal (90 milhões de contos) cresceram a um ritmo ainda mais rápido o défice comercial entre os dois países aumentou, fixando-se em 54 milhões.

Os intercâmbios comerciais entre os dois países, durante 1984, foram caracterizados pelo «crescimento e normalização», embora as exportações espanholas tenham aumentado a um

ritmo superior ao das portuguesas.

«O que seria interessante era manter este ritmo de crescimento, mas é desejável e necessário que o ritmo das exportações portuguesas seja superior de modo a conseguir uma taxa de cobertura mais aceitável para Portugal um maior equilíbrio nas trocas» — comentou o delegado do Instituto de Comércio Externo Português, em Madrid, António Liz Dias.

O delegado do ICEP destacou o aumento de trocas durante o ano passado para as duas partes, mas assinalou que é necessário resolver as dificuldades em alguns sectores, que impedem o crescimento de vários produtos portugueses muito procurados em Espanha.

Entre estes produtos, liberalizados em termos oficiais, mas sobre os quais se exercem medidas restritivas de carácter administrativo, citou o caso das ce-

râmicas, cutelaria e têxteis, embora estes por problemas de contingência.

A normalização das trocas comerciais pode facilitar o aumento das exportações portuguesas para Espanha, acrescentou António Liz Dias.

Em sua opinião, o «equilíbrio da balança comercial deve fazer-se através do aumento das exportações de produtos portugueses e não propriamente pela redução das exportações espanholas».

A taxa de cobertura das exportações portuguesas tem sido bastante variável nos últimos anos.

Em 1978 foi de 48 por cento, para passar para 36 por cento no ano seguinte e 35 por cento em 1980. Em 1981, desceu para 22 por cento e em 1982 passou para 26 por cento.

Em 1983, atingimos 45 por cento e, no ano passado, desceu, de novo, para 40 por cento.

CIP critica os cortes nas Obras Públicas

A Confederação da Indústria Portuguesa (CIP) discordou do Orçamento do Estado (OE) para 1985 quanto à dotação prevista para obras públicas, que é inferior em termos reais à de 1983.

Em comunicado, a CIP assinala que a dotação do Ministério do Equipamento Social para a habitação e obras públicas é de 42 milhões de contos, o que, «atenta à forte retracção verificada em 1984, não será sequer suficiente para repor tal dotação ao nível de 1983 em termos reais».

A CIP calcula que a manutenção do nível de investimento de 1983 em termos reais implicaria uma dotação de 68 milhões de contos em 1985.

Salienta que o investimento em obras públicas é factor fundamental de dinamização do mercado interno, não só directamente mas também pelo efeito sobre outras actividades e não faz perigar o equilíbrio externo, uma vez que a sua dependência do exterior é praticamente nula.

A CIP salienta que «tal situação é tanto mais grave quanto se prevê um crescimento real das despesas públicas da ordem dos 3 por cento em detrimento deste tipo de investimento».

Acrescenta que «a quebra brutal do investimento em obras públicas, aliada à falta de condições para a saída da crise ao nível da construção civil, obrigaria à dinamização do investimento público e paralelamente à eliminação das obstruções à indústria de construção civil, sobretudo no que respeita à habitação».

Salários mínimos

Açores vai decidir a sua aplicação

O Governo Regional dos Açores deverá decidir na sua próxima reunião plenária a aplicação local dos novos salários mínimos nacionais — declarou uma fonte da Secretaria Regional do Trabalho.

Para que as novas tabelas vigorem nas ilhas basta que o Governo decida em conformidade — referiu o mesmo informador.

Os valores dos novos salários são de 19 200 (indústria e serviços), 16 500 escudos (trabalhadores rurais) e 13 000 escudos (domésticos).

As novas tabelas poderão não ser aplicadas a empresas que fundamentalmente, nos termos da lei, impossibilitam, de pagamento, à semelhança do que tem acontecido.

Até 31 de Dezembro, cerca de 60 trabalhadores não beneficiavam nos Açores dos salários mínimos, pois as suas empresas estavam isentas da aplicação das tabelas então em vigor, adiantou a fonte, contactada pela ANOP.

Queixa da CGTP-IN à OIT

A queixa apresentada pela CGTP-IN contra o Governo português relacionada com salários em atraso quanto a alegações de trabalho forçado foi mandada arquivar pelos peritos da OIT, informa a NP.

O Comité de Peritos da Organização Internacional de Trabalho encarregue de elaborar o projecto do relatório final para ser presente ao Conselho de Administração da OIT já concluiu os seus trabalhos recomendando o arquivamento da queixa quanto à alegação de trabalho forçado por inexistência de matéria condenatória contra o Governo português.

A queixa será apreciada em Fevereiro pelo Conselho de Administração da OIT.

Após audiência em Belém

Trabalhadores da Marinha Mercante vão desconvoar greve

A Presidência da República demonstrou uma grande «receptividade e conhecimento» dos problemas da Marinha Mercante, ao contrário do que aconteceu com o Governo — afirmou Ruben Rolo, do Secretariado da Federação dos Sindicatos do Mar.

Os representantes sindicais, que foram recebidos por Lopes Vieira, um dos assessores do general Ramalho Eanes, «aguardam que o Presidente da República se pronuncie em relação à constitucionalidade do di-

ploma de extinção das empresas Companhia de Transportes Marítimos e Companhia Nacional de navegação (CTM/CNN).

A Federação dos Sindicatos do Mar (FSM) vai convocar para amanhã um plenário de trabalhadores onde será proposta a suspensão da greve no sector marcada para o dia 1 de Fevereiro.

O facto de «termos podido expor livremente os nossos problemas — o que não tem acontecido em relação ao Governo — e a Presidência da República ter-se mostrado receptiva em relação a

eles é motivo suficiente para a suspensão da greve», afirmou Ruben Rolo.

Para este sindicalista, o «Governo nomeou um ministro que nada sabe acerca dos problemas no sector da Marinha Mercante» e em relação à afirmação de que os desempregados ficariam abrangidos por um seguro de desemprego, «é preciso lembrar que este seguro garante 60 por cento do ordenado, e os nossos não são revistos desde 1981».

Ruben Rolo disse que as propostas sindicais em relação a «contratos com continuidade»

entre empresas carregadoras e transportadoras foram «aproveitados pelo ministro, mas aplicando-as ao sector privado».

Prazos

A Presidência da República considera que só a partir de ontem começaram a contar os prazos constitucionais para promulgação, veto ou pedido de fiscalização preventiva da constitucionalidade dos diplomas de extinção da CTM e CNN.

Os diplomas chegaram na passada sexta-feira ao Palácio

de Belém, mas para os prazos constitucionais só contam os dois úteis, disse uma fonte presidencial.

Nestes termos, o prazo para o Presidente da República solicitar a fiscalização preventiva só termina no dia 1 de Fevereiro.

O prazo para a promulgação ou veto, caso Eanes não utilize a figura da fiscalização preventiva, termina no dia 8 de Março. Se exercer o direito de veto, o Presidente da República, terá de comunicar o seu sentido ao Governo.

CGTP critica proposta do OGE

Aumento das receitas do Estado essencialmente à custa dos trabalhadores

Um trabalhador que receba o salário médio de 1984 (24.500 escudos) triplicará a taxa de imposto profissional se for aumentado 22 por cento — segundo um estudo elaborado pela CGTP-IN.

A central assinala que o ordenado médio de 1984 corresponde a um rendimento de 243 contos, que paga dois por cento de IP, seguindo a nova tabela prevista no Orçamento de Estado (OE) para 1985. Um acréscimo de 20 ou 22 por cento sobre aquele ordenado fará com que ultrapasse os 400 contos, a que corresponde uma taxa de 6 por cento.

A CGTP critica a proposta governamental de OE, salientando que o aumento das receitas do Estado se faz fundamentalmente à custa do crescimento dos impostos, e, dentre estes, os que mais aumentam são aqueles que incidem sobre os trabalhadores.

Salienta que o Governo prevê obter mais 35,9 por cento de receitas do imposto profissional do que em 1984, superior ao aumento de salários para 1985, o que, a verificar-se, provocaria uma redução significativa do poder de compra dos trabalhadores.

A CGTP assinala a incoerência entre o aumento previsto para o imposto profissional e a previsão de aumento de receitas de 18 por

cento das contribuições para a Segurança Social e de 15,5 para o Fundo de Desemprego, rubricas que também estão relacionadas com o aumento da massa salarial no país.

A Intersindical observa que o Governo prevê no OE um aumento de apenas 4,3 por cento nas receitas do imposto complementar, mas que esse aumento reduzido resulta principalmente de um «importante desagregamento fiscal concedido às classes de rendimento mais elevadas».

A CGTP precisa que o aumento da contribuição industrial previsto no OE é 20,7 por cento, inferior ao aumento médio global que é da ordem dos 30 por cento.

Relativamente ao imposto de capitais, observa que o aumento de receitas é de 62,6 por cento previsto no OE resulta fundamentalmente do alargamento deste imposto aos juros de depósitos a prazo de emigrantes (taxa reduzida de 10 por cento) até agora isentos.

Quanto ao imposto de transacção mais imposto sobre valor acrescentado, a CGTP assinala que a proposta de OE prevê obter 62,1 milhões de contos do IVA em quatro meses, pelo que «não é de excluir que tal facto de um importante contributo ao agravamento da inflação».

Critica o artigo 13 da proposta de OE que prevê a publicação de normas que conduzam à contenção de encargos com a saúde (...), nomeadamente no sentido de desestimular o sobreconsumo de medicamentos, o que — para a CGTP — só poderá ser interpretado como a intenção de introduzir novas taxas moderadoras ou «baixar ainda mais a comparticipação no preço dos medicamentos».

Para a Intersindical, a revisão do sistema de financiamento do ensino público, nomeadamente o regime de propinas, bolsas e acção social, estipulado no artigo 15 de proposta de OE, «só pode ser interpretado como desejo de tornar mais caro o acesso ao ensino».

A CGTP afirma que a percentagem global das despesas do OE para cálculo do fundo de equilíbrio financeiro (transferências para as autarquias) é em 1985 de 13,6 por cento, contra 17 por cento no ano passado.

A Intersindical critica ainda a distribuição desigual entre os municípios dos aumentos das transferências, salientando que as câmaras do distrito de Setúbal têm um aumento médio de 14,9 por cento e as de Faro 31 por cento, não indo o concelho de Loures além de mais 8,4 por cento.

Aumentos de 22,4 por cento

Acordo na CP suspende greve

A Federação dos Sindicatos dos Ferroviários suspendeu, esta madrugada, a greve iniciada às zero horas na CP, por ter chegado a acordo com o CG quanto ao aumento da tabela salarial, que será de 22,4 por cento.

Agostinho Bernardes, da direcção da FSTFP, afirmou que foi aceite a tabela salarial negociada já com os sindicatos afectados à UGT.

A empresa «tratou-nos de forma discriminatória, negociando com os sindicatos afectados à UGT, e mantendo para a federação um aumento de 21,5 por cento na tabela», disse Agostinho Bernardes, que acrescentou que a proposta foi aceite com um acordo de princípio e que será agora posta à aprovação dos trabalhadores.

O acordo consagra também aumentos para o clausulado, de 1470 escudos de diuturnidades, 230 escudos de subsídio de alimentação e 76 escudos de prémio de produtividade.

Durante as quatro horas em que vigorou a greve, verificou-se a paralisação da totalidade dos comboios da zona sul, mas não foi afectada a circulação nas linhas do Norte, Sintra e Cascais.

Os barcos da CP que fazem a ligação Terreiro do Paço — Barreiro, também não circularam.

Na linha de Sintra, os comboios de mercadorias paralisaram, mas os de passageiros circulavam, normalmente, entre as zero e as 2.30 horas, o mesmo acontecendo na linha de Cascais, segundo informaram os

funcionários das respectivas estações.

**Covina: aumentos
de 24,5 por cento**

Também a greve da Covina, marcada para ontem, foi suspensa pela comissão de trabalhadores, por ter chegado a um acordo de aumentos de 24,5 por cento.

O acordo obtido na revisão do clausulado pecuniário do AE foi conseguido durante o fim-de-semana em reuniões com a administração e foi ontem mesmo submetido à apreciação do plenário de trabalhadores, antes da sua aceitação definitiva pela CT — disse um dos representantes dos trabalhadores.

O porta-voz da CT disse ainda que o acordo obtido prevê um aumento médio de 23,91 por cento na tabela salarial, e, com os aumentos conseguidos noutras cláusulas pecuniárias, ultrapassa os 24,5 por cento de aumento global.

**Moagens: aumentos
de 21 por cento**

Os trabalhadores de escritórios da indústria de moagens, por sua vez, obtiveram um aumento da tabela salarial de 21 por cento.

A federação esclarece que os aumentos são retroactivos a 1 de Janeiro e foram conseguidos em reunião de conciliação, considerando «significativa» a alteração da posição patronal.

Sindicalistas preocupados

Postos de trabalho em risco no sector de montagem automóvel

O possível encerramento das várias linhas de montagem de veículos estrangeiros estabelecidas em Portugal está a preocupar sindicalistas do sector.

O ramo da montagem de veículos emprega directamente cerca de 18000 pessoas, em cerca de 20 empresas, mas tem vindo a reduzir de ano para ano o número de assalariados, quer não renovando contratos a prazo, quer através de rescisões por mútuo acordo.

É o que tem acontecido na linha de montagem da Ford — que reduziu a sua produção de 25

veículos/dia — e que se prevê que venha a dar-se com a Renault onde «há 200 despedimentos à vista», disse um informador da Federação dos Sindicatos da Metalurgia.

Sindicalistas portugueses participarão em Março, na cidade inglesa de Liverpool, numa conferência mundial de responsáveis sindicais da Ford para estudar uma resposta a eventuais encerramentos que venham a ser decididos para a Europa.

Linhas que montavam marcas como o BMW e Volkswagen estão praticamente encerradas,

enquanto se admite que o mesmo possa verificar-se com as da Fiat e British Leyland.

A marca francesa irá este ano reduzir em 50 por cento a sua produção para a exportação e poderá dispensar 200 contratados a prazo, segundo a federação sindical.

Esta tendência levará ao despedimento de trabalhadores de indústria que trabalham na dependência directa da montagem de veículos, assim como ao aumento das importações.

Segundo a federação, «a situação é mais grave nas empre-

sas de montagem de veículos ligeiros».

A federação justifica a sua preocupação pelos eventuais despedimentos dizendo que as empresas de montagem têm vindo a reduzir os postos de trabalho sem que apresentem planos de reconversão.

«Se isto continuar, mesmo que o Estado faça acordos para manutenção das linhas após a entrada na CEE, dentro em pouco não haverá empresas com as quais os firmar», disse um sindicalista da federação.



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA

É D I T O S

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Paçoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho da Amadora, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º PS/6228-1/1, arquivo 9, para o estabelecimento no concelho da Amadora, de uma linha mista a 10 KV, n.º 129/R-16 (2.º Troço) com 555 metros, parte aérea com 435 metros parte subterrânea com 120 metros, do poste n.º 1 da linha n.º 129/R-16 ao PS n.º 6228 anexo ao PT n.º 3092-C da EAPL, no Alto de Carénque.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 18 de Janeiro de 1985.

PELO ENGENHEIRO DIRECTOR
Joaquim Gonçalves dos Santos

DESPORTO

Atletismo

“Caso Canário” agita relações Sporting-Federação

O Sporting poderá vir a estar ausente da XXII Taça dos Campeões Europeus de Corta-Mato na pista das Açoteias (Algarve) se a Federação Portuguesa de Atletismo não se pronunciar até lá sobre a inscrição do atleta Ezequiel Canário.

A decisão foi revelada num comunicado da direcção do Sporting Clube de Portugal, que aguarda a decisão da FPA há mais de três meses.

O atleta Ezequiel Canário encontra-se suspenso pela FPA, em virtude de ter sido inscrito por dois clubes, Sporting e FC Porto. Se a decisão da FPA que se aguarda for contrária aos interesses do Sporting, contra o que está legislado e contra a razão que nos assiste, o Sporting não comparecerá no Torneio dos Campeões Europeus de Corta-Mato, diz o comunicado.

A mesma nota da direcção «leonina» afirma que o clube encara ainda seriamente a possibilidade de extinguir a sua secção de atletismo se a resolução da FPA for desfavorável às pretensões daquela colectividade.

Ezequiel Canário tem-se manifestado insatisfeito com a morosidade da decisão federativa, tendo declarado publicamente

que o seu interesse é representar o Sporting.

A Taça dos Campeões Europeus de Corta-Mato realiza-se domingo na pista das Açoteias.

Cova já chegou

O campeão olímpico Alberto Cova chegou ontem a Faro para participar na Taça dos Campeões Europeus de Corta-Mato.

A equipa do Sporting é a favorita, pois é um conjunto muito forte, se bem que a minha turma (Pro Patria Freedent) este ano tenha fortes aspirações e conte com atletas de valor — disse Cova à chegada ao Algarve.

Cova, medalha de ouro nos 10000 metros dos Jogos Olímpicos de Los Angeles, salientou que não sabe qual a actual forma dos atletas portugueses pelo que não se arisca a fazer prognósticos sobre o vencedor. Não sei se tenho hipóteses de ganhar, o certo é que me encontro em boa forma, acrescentou.

O seu compatriota Panetta, vencedor do Crosse de Chartres (França) e outro dos favoritos ao triunfo final, integra também a equipa Pro Patria Freedent. A equipa transalpina classificou-

-se na segunda posição na última edição da prova.

Entre os atletas que se encontram já a estagiar nas Açoteias destaca-se o recordista europeu dos 30 metros, o francês Joseph Mhamoud, que disse acreditar no sucesso dos portugueses, apostando na vitória individual de Carlos Lopes ou de Fernando Mamede. Não excluo ainda a hipótese de ser o italiano Panetta o vencedor, disse Mhamoud, acrescentando que não tem grandes ambições pessoais pois não é um especialista em corta-mato.

Carl Lewis apupado em Nova Iorque

Os norte-americanos Carl Lewis e Mary Decker e o irlandês Eamon Coghlan foram os atletas mais em evidência, sexta-feira à noite, no Madison Square Garden de Nova Iorque, durante os jogos «Millrose» em atletismo.

Carl Lewis venceu com facilidade o salto em comprimento, fazendo 8,50 metros, enquanto o segundo classificado não chegou aos oito metros. No entanto, os 18.328 espectadores apuparam o vencedor de quatro medalhas olímpicas. Os protestos dos

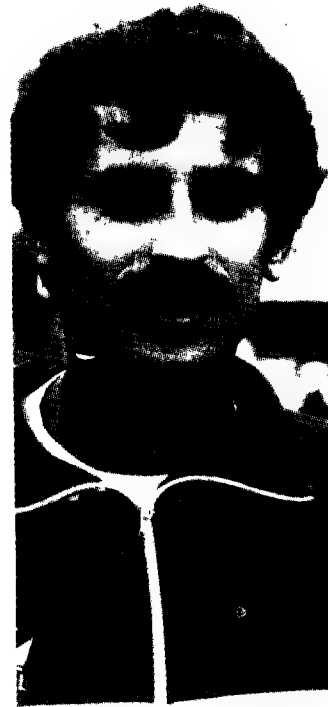
espectadores do Madison Square Garden, tal como em Agosto se registara no Coliseu de Los Angeles, visavam a atitude de Lewis, que decidiu não completar as seis tentativas possíveis no salto, ficando no quarto ensaio. O atleta afirmou que estava lesionado num pé, mas não ser nada de importante.

«Senti a lesão nos primeiros metros da corrida para o quinto salto e decidi não agravar as coisas, pois não havia razão para fazer mais tentativas», afirmou Lewis.

Mary Decker, que também não foi bem recebida pela assistência, percorreu a milha no terceiro melhor tempo de sempre em recinto coberto, mas não conseguiu melhorar a sua própria melhor marca mundial de 4.20,5, sendo cronometrada com 4.22,01 minutos, e cerca de 80 metros de vantagem da segunda classificada.

Bubka vence Bubka

O soviético Sergei Bubka, recordista mundial do salto com vara, foi batido pelo seu irmão Vasilii Bubka nos campeonatos britânicos de atletismo em pista coberta, em Cosford.



Ezequiel Canário: duplo compromisso gera confusão e fomenta agitação

Bubka (21 anos) que há uma semana conquistou o título mundial em pista coberta, em Paris, transpôs a fasquia a 5.40 metros, mas o seu irmão Vasilii conseguiu 5.60 metros. Em 3.º lugar ficou o chinês C. Goumin com 5.20 metros.

O recorde mundial de Bubka ao ar livre é de 5.94 metros e foi estabelecido o ano passado.

URSS: cinco milhões de árbitros

Na União Soviética não há árbitros desportivos profissionais. Realmente, são operários e jornalistas, professores e militares, médicos e engenheiros, alguns dos profissionais que, na prática, exercem a arbitragem desportiva. Trata-se, portanto, de pessoas para as quais a arbitragem não passa de uma pura actividade social de lazer. Contudo, recebem o vencimento das empresas onde trabalham, por inteiro, mesmo que sejam forçadas a ausentar-se para longe, a fim de arbitrar quaisquer provas.

Para além disso, os organizadores das competições pagam, quando tal é necessário, obviamente, as passagens de ida e volta dos árbitros, garantindo-lhes igualmente alimentação e alojamento gratuitos durante o período indispensável.

A base de preparação dos árbitros, cuja actividade é na URSS muito apreciada, é lançada nos núcleos de educação física existentes nas empresas, nos estabelecimentos de ensino, unidades colectivas (sovkhoses) e cooperativas (kolkhoses). Nesses núcleos organizam-se, várias vezes por ano, grupos especiais para os que desejam obter a respectiva qualificação.

Segundo informações divulgadas pelas diversas federações desportivas soviéticas, as competições nacionais são servidas sistematicamente, por 300 mil árbitros de basquetebol, 536 mil de atletismo, 270 mil de futebol, 18 mil de pugilismo, 41 mil de desportos náuticos, entre outras modalidades. No total, mais de cinco milhões de juizes prestam os seus serviços ao movimento desportivo do país.

As mais elevadas categorias de árbitro são, naturalmente, atribuídas aos que possuem mais experiência de arbitragem de competições importantes pelo Comité Cultura Física e Desporto da URSS por indicação das respectivas Comissões de Qualificação.

Compreensível é, entretanto, que haja entre os árbitros soviéticos antigos desportistas famosos. Exemplificando: Alexei Gurichev, que, tendo sido um dos melhores avançados na história do hóquei sobre o gelo do seu país, é hoje um juiz reconhecidamente imparcial em jogos de alta responsabilidade não só do Campeonato da URSS como de provas internacionais; Boris Chakhline e Valentin Muratov, que, tendo sido dois ginastas excelentes, são hoje dois árbitros de elevada categoria internacional.

Ténis de mesa em Arruda dos Vinhos

Evidência para Casa Pia e Sporting das Caldas

Arruda dos Vinhos foi palco para mais um torneio aberto (o 6.º) organizado pelo C.R.D. Arrudense, que se cotou em bom nível, a exemplo dos anteriores. Apesar de algumas ausências de vulto (o torneio não conta para a classificação nacional) assistimos a despiques muito interessantes, nomeadamente nas classes mais jovens. Em seniores femininos Odete Cardoso não teve grande oposição e em masculinos a vitória coube ao casapiano Artur Raimundo que, não sendo favorito à partida, se desenvencilhou muito bem na final, do categorizado João Portela. Colectivamente, Casa Pia e Sporting das Caldas impuseram-se claramente (3 vitórias cada) mas a vitória global foi para os «gansos» que tiveram ainda um 2.º e um 3.º lugares colectivos.

Classificação dos primeiros: SENIORES MASC.: — 1.º, Artur Raimundo (Casa Pia); 2.º, João Portela (individual); 3.º, José Pedro (Fanhões); 4.º, Pedro Libório (São Martinho).

Equipas — 1.º, Casa Pia; 2.º, Fanhões.

JUNIORES MASC.: — 1.º, António Aires (Arrudense); 2.º, Gabriel Fernandes (Sp. Caldas); 3.º, Pedro Ceia (Alhandrense); 4.º, Mário Feliciano (Sp. Caldas).

Equipas — 1.º, Sp. Caldas; 2.º, Arrudense.

CADETES MASC.: — 1.º, Nuno Ribeiro (Sp. Caldas); 2.º, Rogério Alfai (S.L. Águias); 3.º, Ricardo Sedas (Kapas); 4.º, Carlos Martinho (Alhandrense).

Equipas — 1.º, Sp. Caldas; 2.º, Casa Pia.

VETERANOS: — 1.º, Eduardo Moura (Sp. Caldas); 2.º, José Louro (Casa Pia); 3.º, Carlos Soares (Casa Pia); 4.º, Eleutério Silva (Paço Arcos).

Equipas — 1.º, Casa Pia; 2.º, Paço Arcos.

SENIORES FEM.: — 1.º, Odete Cardoso (Ramiro José); 2.º,

Helena Lopes (Palmeiras Montijo); 3.º, Ana Plácido (Ramiro José); 4.º, Maria Vitória (Palm. Montijo).

Equipas — 1.º, Palm. Montijo; 2.º, R. José.

JUNIORES FEM.: — 1.º, Carla Patriarca (Sp. Caldas); 2.º, Susana Macedo (Sp. Caldas); 3.º, Isabel Caeiro (Ramiro José); 4.º, Alexandra Pereira (Palmeiras Montijo).

Equipas — 1.º, Sp. Caldas; 2.º, Palm. Montijo.

CADETES FEM.: 1.º, Marta Alexandra (Casa Pia); 2.º, Carla Vaz (Casa Pia); 3.º, Maria João Godinho (Casa Pia); 4.º, Susana Oliveira (Kapas).

1.º, Casa Pia; 2.º, Kapas.

Uruguai: Federação abre bolsa

Cada elemento da selecção uruguaia de futebol receberá o equivalente a 2.500 contos como prémio no caso de a equipa se qualificar para a fase final do «Mundial-86» — anunciou a federação.

Esta verba foi acordada entre jogadores e a federação após negociações. O Uruguai enfrenta Chile e Equador na fase de qualificação. Apesar de serem campeões sul-americanos de selecções os «celestes» não conseguem passaporte para uma fase final do «Mundial» (que ganharam em 1930 e 1950) desde 1974, quando estiveram na Alemanha Federal.

Suborno da Bélgica: casos prosseguem

Dois futebolistas internacionais belgas foram banidos da selecção em virtude de terem movido acções judiciais contra a Federação Belga de Futebol (BBF).

Walter Meeuws e Jos Daerden haviam movido um processo contra a decisão da BBF de os suspender por nove meses na sequência dos seus envolvimento no escândalo de suborno do Standard de Liège, em 1982. «O executivo da BBF está convencido que não pode confiar mais em jogadores que agiram contra a Federação» — disse Louis Wouters, porta-voz da BBF.

Meeuws e Daerden ainda não se pronunciaram contra a nova decisão da BBF, sendo de prever que venham a recorrer da mesma.

MICROSCOPIO

Esgrima: espada

João Pedro Faria (Grémio Literário) venceu a 3.ª prova de preparação de espada (esgrima), disputada nas instalações da Associação Cristã da Mocidade, em Lisboa. João Pedro Faria bateu na final Roberto Durão (Sporting) por 10-5. Para a atribuição do 3.º lugar, Luís Mesquita (Grémio Literário) superou o seu colega de equipa Grave dos Santos, por 10-8.

Boxe: título mundial

O norte-americano Rocky Lockridge manteve o título mundial de superplumas (versão Associação Mundial de Boxe) ao bater por KO técnico o tunisino Kamel Bou Ali no 6.º «assalto», na localidade italiana de Riva Del Garda. O combate terminou quando o «segundo» de Bou Ali atirou a toalha para o ringue, para evitar o massacre do pugilista tunisino.



Cooperativa de Consumo dos Sócios do Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública da Zona Sul

CONVOCATÓRIA

Assembleia Geral Eleitoral

Ao abrigo do art.º 59.º dos Estatutos, convocam-se todos os membros da Cooperativa no pleno gozo dos seus direitos a reunirem em Assembleia Geral Eleitoral, no dia 22 de Fevereiro de 1985, das 10.00 às 20 horas, na sede da Cooperativa, Avenida Miguel Bombarda, n.º 91-A.

O caderno eleitoral pode ser consultado na sede da Cooperativa, devendo as reclamações ser dirigidas à Mesa da Assembleia Geral, nos três dias seguintes à publicação desta convocatória.

A apresentação de listas de candidatura deverá ser feita até 15 dias antes do dia das Eleições.

Lisboa, 22 de Janeiro de 1985

O Presidente da mesa da Assembleia Geral
Maria D'Aires Mendes Aleluia



NOME	Profissão
Idade	Profissão
Morada	
Localidade	Cod. Postal
Telefone	
Freguesia	Concelho
Tem televisor?	N.º Licença
ACOMPANHANTE	
Idade	Profissão

IMPORTANTE: Preencher em letras maiúsculas, recortar pelo tracejado, colar em postal dos Correios e enviar para Concurso Um, Dois, Três, Apartado 4315 - 1508 Lisboa Codex.

DESPORTO

ponça esquerda

Walsh: quatro "borrachinhos"



O futebolista internacional irlandês Mike Walsh, ao serviço do F.C. Porto, tornou-se ontem pai de quatro bebés-proveta, depois de a sua mulher Christine ter dado à luz num hospital de Londres.

teve de ser submetida a uma cesariana para o nascimento dos quatro bebés-proveta, três raparigas e um rapaz. Walsh e Christine estão casados há dez anos e há muito tempo que esperavam poder ter um filho.

O parto teve lugar no hospital londrino de Hammersmith, sendo esta a segunda vez desde Maio de 1984 que nascem quatro bebés-proveta na Grã-Bretanha. «O casal está muito feliz», revelou um porta-voz do hospital, acrescentando que os médicos fertilizaram o embrião mais de uma vez para que as possibilidades de êxito aumentassem substancialmente.

Segundo o relatório médico do hospital, os quatro bebés encontram-se de boa saúde, não tendo sido, contudo, mencionados os seus pesos.

V. Setúbal: impasse directivo

O ex-vice-presidente do Vitória de Setúbal, Fernando Oliveira, já não se candidata à presidência do clube, disse à ANOP o presidente da assembleia geral, Henrique Soudo.

Fernando Oliveira resolveu cancelar o jantar em que se devia encontrar com o actual presidente do clube sadino, Fernando Pedrosa. Recorde-se que Fernando Oliveira havia afirmado que caso Pedrosa se recandidatasse não apresentaria uma lista própria e uma vez que a possumível apresentação de uma lista encabeçada por Pedrosa começa a ganhar forma, Oliveira decidiu não se candidatar.

Fernando Pedrosa, contudo, afirmou não ter a intenção de se recandidatar. «Venho dizendo isto há meses, não me quero recandidatar», sublinhou o actual presidente do clube sadino. «Sempre procurei uma solução de consenso com o senhor Fernando Oliveira e o jantar acordado era para conversarmos sobre a vida do clube», disse.

Pedrosa pensa que «deveria haver somente uma lista que congregasse as boas vontades», recordando o actual momento do clube e o déficit que vem aumentando mensalmente.

Barreirense: Câmara dá terreno

A Câmara Municipal do Barreiro ofereceu recentemente ao «velho» e prestigiado Barreirense terreno para a construção de um pavilhão ginnodesportivo, localizado na parte sul do campo D. Manuel de Melo, portanto bem no centro da cidade. A decisão da autarquia veio ao encontro da grande necessidade que o popular clube tem num pavilhão para poder alargar a expansão de algumas modalidades desportivas. Agora resta somente que outras entidades prestem o indispensável auxílio para a concretização da obra.

Coimbra concede galardões

A Associação de Desportos de Coimbra (ADC) revelou recentemente a lista das personalidades do desporto coimbricense em destaque no ano de 1984.

Em conferência de imprensa, o presidente da ADC revelou que o atleta masculino do ano foi o basquetebolista Paiva, do Olivais, e em femininos foi eleita Camila, também do mesmo clube. O treinador do ano foi Alfredo Robalo, da equipa de basquetebol da Associação Académica de Coimbra, e o seccionista do ano, Artur Caetano, do Olivais. Adriano de Sousa, da secção de voleibol da Associação Académica, foi eleito o director do ano, e Galamba Marques, do Ginásio Figueirense, a dedicação da época. Por fim, para árbitro do ano, foi escolhido António Ribeiro (andebol). O governador civil de Coimbra, Santana Maia, vai também ser alvo de homenagem.

Os galardões serão entregues em sessão solene integrada nas comemorações do 44.º aniversário da ADC a realizar no dia 30 de Abril.

Golos na Europa

Os futebolistas portugueses foram os quintos mais realizados entre os campeonatos europeus realizados este fim-de-semana.

Com 18 golos em oito partidas, os nossos jogadores fizeram uma média de 2,250, não muito longe dos gregos e irlandeses, os de melhor pontaria esta semana, com uma média de 2,875 golos (23 em 8 jogos). Os italianos continuaram sendo os mais pobres marcadores entre os campeonatos europeus. Belgas e franceses já regressaram esta semana aos estádios, enquanto os holandeses voltaram a ver adiada a jornada, devido ao mau tempo. Ingleses e escoceses não tiveram campeonato, dando lugar a jogos das taças dos dois países.

O quadro da semana em golos foi o seguinte:

	GOLOS	JOGOS	MÉDIA
Grécia e Irlanda	23	8	2,875
Bélgica	25	9	2,777
França	21	9	2,333
PORTUGAL	18	8	2,250
Espanha	17	9	1,888
Turquia	16	9	1,777
Itália	12	8	1,500



Fernando Gomes e seus companheiros chegam alegremente à sede federativa

Seleccção sem problemas para o jogo com a Roménia

Os 17 futebolistas convocados por José Torres para a «operação Roménia» apresentaram-se ontem na sede federativa e, porque todos (mesmo Inácio, Futre e Frasco) se apresentaram em perfeitas condições físicas abalaram até ao Estádio Nacional onde realizaram uma «peladinha».

Esta tarde, Torres e seus adjuntos farão o teste final em sessão a realizar novamente no Jamor. Recorde-se que foram convocados os seguintes elementos: do FC Por-

to: Pinto, Lima Pereira, Eurico, Inácio, Jaime Magalhães, Frasco, Quim, André, Futre e Gomes; o Sporting viu serem escolhidos Damas, Virgílio, Oceano e Jordão e pelo Benfica lá estão os «barreirenses» Bento, Carlos Manuel e Diamantino.

Deste modo José Torres surpreendeu-nos com a escolha dos «caloiros» Oceano, Quim e André ainda que as suas exibições tenham aconselhado a «eleição» do responsável.

Naturalmente que surpresa também tivemos pelo «esquecimento» de outros particularmente Pinto e João Alves que se tem cotado como futebolistas em excelente apuro de forma. Questão de critério que naturalmente não discutimos.

Quanto ao onze inicial, vá lá este palpite: Bento, João Pinto, Lima Pereira, Eurico e Inácio; Jaime Magalhães, Carlos Manuel, Frasco e Quim; Gomes e Futre.

Futebol internacional

Platini anuncia retirada

Platini afirma em declarações ao jornal desportivo francês «L'Equipe» que pode abandonar o futebol em 1986. Há grandes possibilidades, digamos 80 por cento, de abandonar definitivamente o futebol em 1986, afirma Platini, «capitão» da selecção francesa e considerado o actual melhor jogador da Europa. No entanto, salvo imponderáveis de última hora, estarei no México em 1986, para disputar a Taça do Mundo com a selecção francesa, sublinhou Platini, centro-campista da Juventus de Turim.

O contrato de Michel Platini com a equipa italiana termina no fim desta temporada, referindo o jogador que existem poucas possibilidades de assinar com um clube inglês, ou de ingressar no Cosmos de Nova Iorque. Não me considero o melhor jogador do mundo. Actualmente somos cerca de 30 os que podemos aspirar a essa distinção, afirmou Platini ao «L'Equipe».

Comparado com Alfredo Di Stefano, o melhor jogador francês admite que tem uma forma de jogar idêntica à do antigo futebolista argentino. «Não tenho o sprint de Cruyff, nem o pé esquerdo de Maradona, mas posso defender, recuperar a bola, organizar jogo e marcar golos», salienta Platini, para quem o ser considerado o melhor da Europa se deve aos jogos de Junho de 1984 no «Europeu», «em que marquei nove golos em cinco encontros».

Especialista na marcação de livres, Platini recorda no «L'Equipe» que Di Stefano foi o



Platini: «não sou o melhor jogador do Mundo»

primeiro treinador estrangeiro que tentou contratá-lo, em 1975, para o Valência.

Referindo-se a Diego Maradona, Platini salientou que o jogador do Nápoles «faz o que quer com a bola», embora o seu rendimento em campo dependa muito do conjunto.

Melhor desportista francês em 1984, ano em que foi condecorado com a legião de honra (maior condecoração francesa), Platini sublinha nas declarações ao jornal parisiense que «quando me retirar do futebol não serei treinador». «Tive tantas alegrias jogando futebol que me conside-

ria frustrado desempenhando outra função», concluiu o futebolista.

Sócrates não tem espírito de emigrante

O futebolista internacional brasileiro Sócrates, a militar na Fiorentina de Itália, está arrependido de ter deixado o Brasil, confessando ter muitas saudades da sua terra e do futebol do seu país.

As afirmações foram colhidas pelo jornal brasileiro «O Globo» que publicou uma extensa reportagem com Sócrates que se mostra pouco satisfeito com a sua carreira em Itália. Nunca mais deixarei o meu país, pois é lá que estão as minhas raízes — disse o jogador brasileiro.

Sócrates declarou que ainda não sabe se deixará a Fiorentina em Maio próximo quando o campeonato transalpino terminar, adiando contudo, que sente dificuldades em adaptar-se ao seu novo estilo de vida. Não consigo suportar a solidão que um estrangeiro sente longe da sua terra, comentou Sócrates que acusou alguns jogadores do seu clube de criarem um clima de hostilidade em seu redor. Ainda não decidi se permanecerei na Fiorentina. Tudo vai depender da minha capacidade de adaptação ao futebol italiano e adiantou que a sua imagem pública poderia ser melhor se ele fosse «simpático e diplomático», mas que sempre se habituou a dizer as coisas frontalmente e terminou com um lamento: Existem muitas pessoas dentro do clube que se opõem à minha presença.

Ultima hora

Portugal-Roménia será em Alvalade

No final da manhã de hoje obtivemos a informação da Federação Portuguesa de Futebol (dada pelo sempre amável secretário-geral César Grácio) de que por razões de ordem publicitária ficou comprometida a realização do encontro Portugal-Roménia marcado para as 21 horas de amanhã no Estádio de Bonfim, em Setúbal pelo que os dirigentes federativos surpreendidos pela inesperada anomalia procuram resolver a questão e como primeira alternativa contactaram a direcção do Sporting no sentido de transferirem o encontro para o Estádio Alvalade. As negociações decorreram rapidamente e em escassas horas a FPF tinha a concordância do Sporting pelo que o encontro terá como palco o tapete verde do clube «leão».

Ficam deste modo os sadinos impedidos de ter um espectáculo futebolístico de nível internacional no seu estádio à semelhança de outros que ali já se efectuaram e, contrariamente, «lucrará» a Federação porque certamente que o «solar dos leões» irá registar maior afluência do que a que seria registada em Setúbal.

Entretanto os responsáveis pelo organismo federativo não terão cuidado muito do aspecto financeiro mas bem mais no propósito de levar os encontros de carácter internacional a zonas geográficas diferentes.

Sobre a eventual transmissão televisiva do jogo contactámos as partes interessadas e obtivemos estas respostas; da RTP: não está prevista a transmissão nem para tal a Federação nos contactou. Da FPF: não está nada decidido mas há alguma possibilidade.

Sem «chicotada»

Mourinho regressa ao Varzim



A equipa de futebol do Varzim passa a ser orientada, a partir da tarde de hoje, pelo treinador Mourinho, revelou à ANOP uma fonte do clube.

O anterior responsável pela equipa, José Alberto Torres, continua no clube, formando a dupla com Mourinho, sublinhou a mesma fonte.

Mourinho, antigo treinador do Rio Ave, deslocou-se na segunda-feira desloca-se para Setúbal à Póvoa, onde esteve em reunião com os dirigentes do Varzim, reunião em que estiveram o presidente Lúcio Marques, o vice-presidente para as actividades desportivas José Reina e o chefe do departamento de futebol, António Amorim, ficou decidido que a equipa de futebol do Varzim ficaria entregue à dupla Mourinho José Torres, com o primeiro como técnico principal.

"Tristão e Isolda" no S. Carlos

Jean-Claude Riber, que dirige o Teatro Municipal de Bona, diz pretender elevá-lo da categoria de teatro de província à categoria de teatro «digno de uma capital europeia». Mas a sua encenação do **Tristão e Isolda**, agora apresentada no S. Carlos como produção de Bona, é «imprópria para consumo» de qualquer teatro de província alemão de terceira categoria.

Para além da ausência de uma concepção, que se baseasse numa dramaturgia consistente, e do completo esvaziamento do discurso cénico como «linguagem», é conflagradora a direcção de actores, a indiferenciação das personagens, a incoerência dramática do seu percurso.

Parece que Riber julga compensar tudo isso, que vai contra as tradições de rigor dos palcos alemães (onde por via de regra prevalece o teatro de repertório com as suas exigências de coerência do todo), através do vedetismo, ou seja, através da contratação de elencos sensacionais. O que se perderia em aproximação à obra — por falta de tempo suficiente para amadurecimento de uma concepção — ganhar-se-ia na realização vocal. Mas isto é precisamente o regresso ao conceito de ópera ao serviço do virtuosismo vocal, a sua desnaturalização como teatro, o abandono das tradições mais criativas da ópera alemã, de que Wagner foi precisamente um dos maiores expoentes. De resto, o virtuosismo da realização vocal não é incompatível com as exigências teatrais bem pelo con-



«Tristão e Isolda» segundo Audrey Beardsley

trário: só haverá que utilizá-lo como meio ao serviço destas.

A tendência para isolar do todo os rendimentos dos cantores e sobretudo das suas vozes é, no

entanto, a regra entre nós, condicionada, aliás, não poucas vezes, por factores de natureza publicitária, exteriores à própria representação. O público do S. Carlos entusiasmou-se ao rubro

com Jeannine Altmeyer (Isolda) — e teve toda a razão para isso — mas a desmedida do seu critério, relativamente à forma como recebeu os outros intérpretes, mostra que na ópera «à nossa maneira» ainda é sobretudo a aura de vedeta o que mais conta. Particularmente chocante foi a atitude para com o tenor Tomaselli (Tristão) — vaiado por sectores do público apesar de ter cumprido com profissionalismo e dignidade o que lhe era requerido e ser até um dos cantores que mais se esforçou pela clareza da dicção.

Saliente-se finalmente o sólido suporte artístico que hoje já constitui no S. Carlos a sua orquestra sinfónica, que respondeu com elevado rendimento à direcção de Hans Wallt, a tender para os tempos largos, por vezes talvez até um tanto «arrastados».

Mário Vieira de Carvalho

Ficha artística

Tristão e Isolda de Wagner. Intérpretes: Daniel Tomaselli (Tristão), Erich Knott (Rei Marke), Jeannine Altmeyer (Isolda), Leif Roar (Kurwenal), Vasco Gil (Melot), Reinhold Runkel (Brangäne)? Fernando Serafim (Pastor e Marinheiro), José de Freitas (piloto). Coro e Orquestra do Teatro de S. Carlos. Direcção musical: Hans Wallt. Encenação: Jean-Claude Riber. Cenários e figurinos: Wolfgang Gusmann. Produção do Teatro Municipal de Bona.

Casa da Cultura das Caldas

Concerto pelo "Choral Phidellius"

A assinalar a passagem do 10.º aniversário da sua constituição, a Casa da Cultura das Caldas da Rainha realiza no próximo dia 2 de Fevereiro, pelas 21.30 horas, um concerto pelo «Choral Phidellius», agrupamento que, em 1975, esteve também presente no espectáculo inaugural desta instituição.

Este concerto marca o início de uma série de iniciativas com que, ao longo do ano, a Casa da Cultura pretende assinalar os seus 10 anos de constante actividade.

Choral Phidellius

Foi em 17 de Maio de 1957, que o Choral Phidellius, ensaiou os primeiros passos, mercê da união e vontade de sete jovens, que encetaram uma obra que poucos julgariam perdurável.

Nos primeiros quatro anos da sua existência, dedicou-se exclusivamente à interpretação de Música Sacra, apenas como coro masculino.

Em 1961 passa a actuar como coro misto ampliando assim os seus horizontes musicais sofrendo transformações sucessivas que o moldaram num estilo impar em Portugal.

A partir de 1971 e até à actualidade, mercê do impulso artístico dado pelo maestro — José Robert — o Choral Phidellius, caminha para o aprofundamento do seu estilo particular, a que também não são alheias as qualidades de trabalho dos seus elementos.

Sobre as múltiplas actuações do Choral Phidellius, que muito têm contribuído para o Movimento Coral em Portugal, julgamos sobejamente conhecidas as repercussões do acerto e simpatia espalhados generosamente por todos os coralistas; dessas actuações sobressaem: 1.º Encontro de Grupos Corais em Coimbra; 1.º Encontro Interna-

cional de Grupos Corais em Évora; 1.º e 2.º Encontros de Coros do Ribatejo em Santarém; nos cinco Festivais de Três Coros, já realizados conjuntamente com o Coro da Academia dos Amadores de Música de Lisboa e com o Coro D. Pedro de Cristo de Coimbra; 2.º Festival Nacional de Folclore; 1.º Festival de Vozes na Planície, em Évora; 100.º Aniversário do Orfeão Académico de Coimbra; 1.º Encontro de Coros de Tomar; 1.º Encontro de Coros de Portalegre; VII Festival de Coros do Algarve, entre muitos outros. A convite do FAOJ, tem actuado em diversas localidades tais como: Santarém, Guarda, Viseu e Bragança. Naturalmente, temos percorrido todo o concelho de Torres Novas, procurando de certo modo preencher a grave lacuna sócio-musical de que o nosso concelho enforma.

A convite do Chorale Populaire, de Lyon, o Choral Phidellius deslocou-se a França entre 6 e 12/4/81, dando 5 concertos dos quais mais se destaca o realizado na «Salle Molière», do Conservatório Nacional de Música de Lyon e que mereceu destacados elogios da imprensa local.

Ao longo da sua existência, o Choral tem actuado em vários programas para a Rádio e Televisão, assim como já gravou vários discos, o último dos quais inclui a «Segunda Cantata de Natal» de Fernando Lopes Graça.

Em Torres Novas, desde 1975, mantemos aberta a todas as crianças, desde os 4 anos de idade, uma Escola de Música, frequentada por mais de uma centena de alunos, subsidiada pelo FAOJ, procurando deste modo quebrar a passividade dos contemporâneos, com o dinamismo dos vintouros.

Por encomenda do Ministério da Cultura, o Choral Phidellius,

organizou já 5 Cursos intensivos de Direcção Coral, em Torres Novas, orientados pelo maestro José Robert.

Maestro José Robert

Desde muito cedo a actividade musical de José Robert, incidiu no estudo e prática da Música Coral pois que, simultaneamente com os seus estudos musicais, integrou e chefiou até vários agrupamentos corais infantis.

Após ter concluído o Curso de Canto Gregoriano, estudou harmonia e composição com o dr. Manuel Luís, praticou Direcção Coral e Música de Câmara com Viçoso Freire, dirigindo a Schola Cantorum do Seminário dos Olivais durante vários anos.

Foi co-fundador do Coro da Fundação Gulbenkian, onde permaneceu oito anos. Posteriormente, depois de dirigir o Orfeão Scalabitano, assumiu a Direcção Artística do Choral Phidellius, cargo que ocupa desde 1971, dirigindo também desde 1974, como adjunto de Fernando Lopes Graça, o Coro da Academia de Amadores de Música.

Frequentou vários cursos e seminários de Direcção Coral e Orquestral no país e estrangeiro. Nomeadamente trabalhou com Pierre Koelin, Heinz Hennig, Arnaudof da Bulgária e, em Berlim, frequentou o Curso Internacional para Directores de Coros Mistos, sob a orientação de Gertrich-muth, de Leipzig.

Ultimamente, desde 1980 e com regularidade, dedica parte da sua actividade à formação técnica e artística de Directores Corais, orientando, a convite do Ministério da Cultura, diversos cursos e seminários de Regência em várias zonas do País.

É diplomado com o Curso Superior de Educação pela Arte, do Conservatório Nacional de Lisboa.

Teatro das Portas

Uma companhia profissional na Amadora

A primeira companhia de Teatro Profissional da Amadora — «Teatro das Portas», cuja direcção artística está a cargo do encenador José Gil, acaba de receber do Ministério um primeiro subsidio de montagem.

A «Comédia Mosqueta», de Ruzante, tem estreia marcada para 15 de Fevereiro, pelas 21.30H, na Sociedade Filarmónica Recreio Artístico da Amadora (Av. Elias Garcia, 142, Amadora).

«Mosqueta» é um espectáculo interpretado por Baião Santos — «Ruzante», Valentina Grácio — «Bétia», Fernando Lobo — «Menato» e António Pais — «Tonim». Este espectáculo será repetido no mesmo local nos dias 16 às 15.30, 23 às 16.00 e 21.30 e 24 às 16.00 e 21.30H. Os bilhetes podem ser marcados para o telefone 903208, depois das 20.

Espectáculo popular com características itinerantes, «Mosqueta» será apresentada em bairros e vilas, colectividades e clubes desde que para tal as entidades interessadas entrem em contacto com a Companhia, para Av. da República, lote C 63.º dt.º Buraca — 2700 AMADORA, telef. 903208.



PARQUE DE BOTHO STRAUSS

Encenação de STEPHAN STROUX
3.ª feira a sáb. às 21h.
Domingo às 16h.



A MELHOR ASSISTÊNCIA AO SEU TELF-VISOR E VIDEO
GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIENCIA
ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE
T. 88 27 86 — 89 98 26

Av. S. Joao de Deus, 13 B • R. de Macau, 8-1.º LISBOA

Hoje

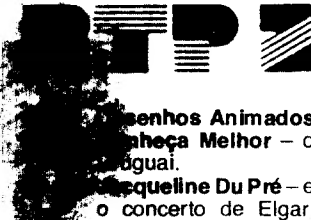


Exibe-se na RTP-1 o 8.º episódio de «Cagney e Lacey»

18.17 Notícias; 18.22: Tempo dos Mais Novos
20.00 Telejornal
20.27 Boletim Meteorológico
20.30 Tempo do Governo — entrevista do ministro da Justiça, dr. Rui Machete.
20.35 Direto de Antena — CDS.
20.45 «Chuva na Areia» — 17.º episódio.
21.25 Actual — entrevista ao presidente do CDS
22.15 «Cagney e Lacey»
23.05 Último Jornal



Hoje na RTP-2 poderemos ver um documentário sobre a vida da violoncelista Jacqueline Du Pré



Desenhos Animados: «A Raposa e o Cordeiro» — 17.º episódio.
22.00: «A Sucessora» — 17.º episódio.

Amanhã



13.35 Ciclo Preparatório TV: 18.17: Notícias; 18.20: Tempo dos Mais Novos; 18.55: «Yakari»; 19.00: Teleregiões; 19.20: Rios de Portugal; 19.40: Vamos Jogar no Totobola; 20.00: Telejornal; 20.27: Boletim Meteorológico; 20.30: «Chuva na Areia»; 21.05: Noite de Cinema — «Amor à Italiana»; 23.55: Último Jornal



20.00: Desenhos Animados; 20.30: Adejo; 21.00: Filmoteca TV: 22.00: Jornal da Noite; 22.30: «A Sucessora»

GRUNDIG

a segurança de um grande nome seleccionou para si...



«Cagney e Lacey» (22.15)



Jacqueline Du Pré (20.45)

CHUVA NA AREIA

A Guida Nunes passeia-se na vila. Alguns dos habitantes não a reconhecem. Ela dirige-se à praia e aprecia a paisagem e a natureza que a rodeiam.

Helena Fontes recebe a modista em sua casa. Esta pede-lhe conselho para o modelo de um vestido de uma cliente cujo nome não pode revelar.

Mimoso discute, ao telefone, com alguém; chega, entretanto, Maganão, e este não o pode atender.

A amizade entre Vilela e os alemães é cada vez maior e é sempre celebrada com umas cervejas na esplanada. O Graxa atende Peralta e conta-lhe como decorreu a festa de aniversário do Nunes.

Assistência Técnica Grundig NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraca 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

Go Graal Blues Band, depois de "Dirty Brown City"

Temos tudo o que toda a gente ambiciona ter de bom

«Dirty Brown City» é o novo disco dos Go Graal Blues Band. Um tema que reflete o clima actual de uma «Lisboa suja e escura em que até as pessoas são feias de manhã, devido ao 'capacete' que paira sobre nós». Diz a banda que afirma ter «tudo o que toda a gente ambiciona ter de bom».

«Go Graal Blues Band» é hoje um grupo com quase nove anos de idade, um percurso sólido e evolutivo na base dos blues, influenciados por bandas norte-americanas resistiram a todas as modas e editam agora mais um disco, intitulado «Dirty Brown City».

E Paulo Gonzo, um dos dois alicerces da banda, que fala da sua persistência em cantar em inglês. «Canto em inglês e a banda fez um som em função disso. Habitámo-nos a responder a uma certa responsabilidade. Não gosto que me chamem nomes e se cantasse em português talvez o fizessem. É uma atitude, podemos não vender muito em função disso, mas culpo as pessoas pelo seu chauvinismo».

A verdade é que «se as pessoas compram discos importados porque não hão-de comprar-nos e o facto de hoje haver tendência a dar importância à língua portuguesa, no nosso panorama musical, não quer dizer que Paulo Gonzo se queie por este tipo de raciocínio. Um certo público está virado para a MPP. Aqui há uns anos só

se ouvia o Sérgio Godinho e outros por razões que se conhecem. Hoje há uns que ouvem porque sentem, outros porque é moda».

Do seu público afirmam ser aquele que abrange «dos 7 aos 77, como diz o outro. Nós somos profissionais, organizados, persistentes e gostamos de música. Quando a qualidade existe as pessoas confiam em nós e ouvem-nos quer tenham 20, 40 ou 50 anos. Muita gente diz que o rock é só tam-tam-tam, se fosse isso muitos músicos de jazz não tocavam rock. Na nossa banda já estiveram pelo menos 27 músicos, muitos eram de jazz».

Produtor precisa-se

Dos primórdios do grupo até agora tem havido uma evolução constante e um trabalho competente. «Procuramos uma certa estabilidade sonora. Qualquer coisa que nos saia muito bem. Já aprendemos a não cometer erros técnicos, que são esses que ajudam a fazer um bom ao mau som».

A principal preocupação de Paulo Gonzo neste momento é a necessidade de um produtor. «Precisamos de um bom produtor. Neste disco fui eu que fiz a produção e sai-se sempre um bocadinho frustrado do estúdio. Gostava de arranjar um produtor a sério, mas cá não há. Existem apenas curiosos que acham que

são produtores. Queriam alguém que conhecendo o som da banda e utilizando o que temos de mais natural o oferecesse melhor às pessoas».

Para o músico as funções de intérprete e de produtor tornam-se incompatíveis. «Como músico sinto-me um bocadinho apinhado se tenho de produzir. Pode haver várias maneiras de cantar e não sei qual resulta melhor em termos comerciais. Gostava de deixar essa responsabilidade e alguém que o subbesse».

O que vende um disco é a sua produção. «Isso ao mesmo tempo vai com uma certa ética musical. Não se pode ir para o estúdio e tocar apenas o que se gosta, tem de se juntar o útil ao agradável».

Para o futuro, Os Go Graal Blues Band ainda não sabem o que vão fazer. «Nunca penso no que vou fazer a seguir. Uma coisa que seja melhor e que não fira as pessoas ou que se as ferir seja no bom sentido».

Cair no goto

Seja qual for o próximo trabalho do grupo terá de ter mais técnica e cair no goto às pessoas, ou uma coisa com sintetizadores, embora à partida não goste muito de os utilizar. Talvez utilize a secção de cordas da Gulbenkian com ritmos de funky».

As influências que os têm guiado indirectamente vêm fundamentalmente da música norte-americana, de Bowie, Al Jarreau, Zappa, Clapton, todos os clássicos dos blues. «Somos influenciados a nível técnico. Procuramos não esquecer o rigor técnico. Desafinações não entram lá em casa. Tocamos muito e ouvimos coisas de que se gosta».

De «Fast Flirt», a primeira música do disco, Paulo Gonzo expressa ter «uma carga romântica. Apesar de tudo sou um romântico. Às vezes, tenho desvarios mentais». Quanto ao tema título, «Dirty Brown City» é «mais agreste e agressivo».

«Para determinado tipo de pessoas que gostam mais de ouvir o som da banda, o solo da guitarra. «Wild Beat Blues» está entre o som funky o rock'n'roll e o romantismo».

«Dirty Brown City» um tema que reflete bem Lisboa. «Isto está a tornar-se uma cidade suja e escura. O Presidente da Câmara não vê os estragos que faz. As pessoas são feias de manhã e isso deve-se ao capacete que paira sobre nós».

De si próprios dizem ser «actuais, jovens, bem dispostos, divertidos, inteligentes, perspicazes. Tudo o que toda a gente ambicionava ter de bom nós temos. Somos invejados».

Edite Martins de Carvalho

A dança: panaceia de todos os males

A dança pode ser um meio de ocupação dos tempos livres e de educação estética dos homens mas; fundamentalmente, ajuda a resolver os problemas de saúde.

As pessoas mais velhas condenam com frequência as danças ritmadas e rápidas dos tempos mais modernos: «quando eramos novos, as danças eram belas e nobres: tango, fox-trot, valsa. E hoje? As pessoas já não sabem dançar, limitam-se a mexer-se freneticamente».

Mas por que razão as danças rápidas se tornaram moda nos tempos que correm? Será que foi apenas por acaso? Repare-se no seguinte: em meados do século XIX, 94 por cento da energia produzida e gasta na Terra provinha da musculatura do homem. Hoje, esse índice desceu para 1 por cento.

Assim, as danças rápidas dos nossos dias não são apenas uma moda, mas também uma necessidade fisiológica do organismo que exige esforço físico e movimento.

Os antigos afirmavam que a dança era um sinónimo de saúde. Não é por acaso que sempre gozou de grande popularidade entre todos os povos do mundo; ela é, não só um ritmo e um elemento cultural, mas também um treino físico.

Investigações científicas realizadas durante vários anos levaram à conclusão de que a dança mobiliza as forças físicas e intelectuais. Depois de dançarem, os irritáveis ficam mais calmos, os preocupados vêem as suas apreensões diminuídas, os nervosos sentem-se melhor.

A dança não se limita a desenvolver a graciosidade e o sentido do ritmo, também aperfeiçoa a coordenação dos movimentos, reforça o sistema muscular, melhora a respiração e a circulação do sangue. Os movimentos da dança intensificam o fluxo de

sangue aos pulmões e asseguram uma oxigenação mais rica. O coração funciona com maior intensidade e o organismo liberta-se mais facilmente dos resíduos tóxicos. O trabalho desenvolvido pelos músculos abdominais contribui para o bom funcionamento do estômago e dos intestinos. A dança ajuda os magros a engordarem e os gordos a emagrecer. Chama o sono com maior facilidade do que qualquer calmante.

Por outro lado, a dança é acompanhada por um grande dispêndio de energia: até 750 quilocalorias por hora. A quantidade de energia despendida numa hora por um dançarino seria suficiente para 9 a 10 rounds de boxe, num ringue.

É importante assinalar também o efeito benéfico da música sobre o organismo humano. O homem «soa» com a música como uma corda de instrumento. A sua «corda» é o sistema nervoso. A música (ou seja, as melodias que lhe são agradáveis) e a dança dão bom humor e provocam emoções positivas.

A ideia de que a música é um privilégio dos jovens é errada. Leão Tolstói, por exemplo, com oitenta anos, dançava perfeitamente todas as músicas do seu tempo. Não se pode esquecer o trabalho exigido pela dança e o ritmo dos movimentos. Muitas vezes as pessoas deixam de se mover activamente porque se consideram muito velhas para isso. Mas, na realidade, se essas pessoas envelhecem antes de tempo, é justamente porque abandonaram o desporto e esqueceram a dança. Por isso, se pode afirmar com muita razão que a dança se seria do número de anos de cada um. (NOVOSTI)

GUILHERME VASSALO CORREIA DA MOTA

Viúva e família participam o falecimento do seu ente querido, no passado dia 21, e agradecem a todos que o acompanharam.

POUPE COMBUSTÍVEL

Partilhe o seu automóvel com outras pessoas que façam habitualmente o mesmo percurso.



DIRECÇÃO-GERAL DE VIAÇÃO

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS

	(Por unidade)	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	65\$30	71\$30	
ALEMANHA FED (marco)	53\$95	55\$05	
ÁUSTRIA (xelim)	7\$55	7\$75	
BÉLGICA (franco)	2\$538	2\$738	
BRASIL (cruzeiro)	\$034	\$064	
CANADA (dólar — notas de 1 a 2, notas de 5 a 1000)	129\$30	131\$30	
DINAMARCA (coroa)	129\$80	131\$80	
ESPAÑA (peseta)	15\$10	15\$50	
EUA (dólar — notas de 1 a 2, notas de 5 a 1000)	\$925	\$045	
FINLÂNDIA (marka)	171\$60	173\$60	
FRANÇA (franco)	171\$40	173\$40	
HOLANDA (florim)	25\$70	26\$30	
IRLÂNDIA (libra)	17\$65	18\$35	
ITALIA (lira)	47\$75	48\$75	
JAPÃO (iene)	168\$70	172\$70	
NORUEGA (coroa)	\$080	\$090	
REINO UNIDO (libra)	\$647	\$682	
SUECIA (coroa)	18\$65	19\$15	
SUIÇA (franco)	190\$95	194\$95	
VENEZUELA (bolivar)	18\$90	19\$50	
	64\$25	65\$35	
	11\$40	12\$40	

Observações:

- 1 - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 5 por mil.

rádio

Antena Um

16.00: Musicomania; 18.00: A gaita dos sete foles; 19.00: Informação e música; 20.00: Musical; 20.20: No estúdio e no estúdio; 20.30: A voz da solidariedade; 21.00: Movimento; 21.30: Noites de luar. Notícias a todas as horas.

Programa 2

15.55: Hoje ainda pode ouvir...; 16.00: Música do século XX; 16.30: Coral n.º 3, em lá menor, de César Franck; 16.45: Trechos de óperas; 17.00: Ciclo Beethoven; 17.45: Dois prelúdios, de Debussy; 17.55: Esta noite no Programa 2...; 18.00: Um poema...; 18.05: Música vocal; 18.40: Música de tecla; 18.55: Incidentes; 19.00: Música de Johannes Brahms; 19.30: Memórias das palavras; 20.00: Música de câmara; 20.30: Hoje pode ouvir no Programa 2; 20.40: «Danças Eslavas», de Dvorak; 20.50: Antologia de músicos portugueses; 21.30: Os caminhos do homem; 22.30: O gosto pela música; 23.00: A tribuna internacional dos compositores 1983; 23.45: Grandes intérpretes; 00.50: Pode ouvir no Programa 2, a partir das 8 horas...; 01.00: Fecho. Notícias de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Matinée; 17.00: Rápido das cinco; 19.00: Futebol Clube do Porto; 20.00: Conta corrente; 21.00: Quando o telefone toca; 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Programas religiosos; 22.30: Tempo de desporto; 23.00: 24.ª hora; 01.00: O passageiro da noite; 02.00: No calor da noite. Notícias de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; 16.00: O som da frente; 17.00: Ondas lusitanas; 18.00: Circulo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Nova geração; 21.00: Jazzofone; 22.00: Café concerto; 24.00: Dois pontos; 02.00: No calor da noite. Notícias de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Onda Média

16.00: Rua Capelo; 18.00: Jornal das regiões; 18.30: Transmissão do terço; 19.30: Memorando; 20.00: Programa da LAR; 20.30: Universidade na Rádio; 21.00: Horizonte; 22.00: Quando o telefone toca; 22.30: Diário do Desporto; 23.00: Clube dos colecionadores; 24.00: Sessão da meia-noite; 02.00: Estação de serviço.

FM-Estéreo

16.00: A cor do som; 18.00: Entre-Campos; 19.30: Transmissão do terço; 20.00: Serra de estrelas; 21.00: Porto belo; 22.00: Oceano Pacífico; 24.00: Último metro; 02.00: Estação de serviço. Notícias a todas as horas.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 14342

HORIZONTAIS:

- 1 Preposição. O alvorecer. Tempo do verbo ser.
- 2 Elegância. Mil cento e dois em romano.
- 3 Palavra latina pela qual comemoramos muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Justapor.
- 4 Antes do meio-dia. Afrouxamos.
- 5 Nome de peixe. Rénio (s.q.).
- 6 Eduquem. Tocar de leve.
- 7 Reza, Cakínia.
- 8 Naipes das cartas de jogar.
- 9 Quantum satis. Ovario dos peixes. Grupo de pessoas.
- 10 Fado. Prefixo de negação.
- 11 Cidade da Alemanha. Iria para fora.

VERTICAIS:

- 1 Cidade da Ásia Menor, capital da Síria. Pronome relativo.
- 2 Pertences. Outeiros.
- 3 Pronome reflexo. Ligar.
- 4 Caixinhas onde se vai guardando o dinheiro que se deseja economizar.
- 5 Nesse lugar. Medida de líquidos da Holanda, Alemanha ou Suíça. Origens (fig.).
- 6 Em o. Abreviatura de Santíssimo. Guarnecera de asas.
- 7 Arsénio (s.q.). Reis. Pronome pessoal.
- 8 Apoiar. Raer.
- 9 Principia. Artigo definido.
- 10 Enquia. Antes de Cristo. Clari-dade solar.
- 11 Curaram.

Resolheu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 14092

HORIZONTAIS:

- 1 Freguesia do concelho de Espinho. Ilha do Estado de Espírito Santo.
- 2 Rainha de Portugal. Pernadas de sobreiro.
- 3 Seguiu. Punes.
- 4 Aperfeiçoasses. Rénio (s.q.).
- 5 Prefixo da negação. Aqui.
- 6 Ensopadas.
- 7 Enseada francesa da Mancha, junto da qual Tourville combateu contra as frotas combinadas da Inglaterra e da Holanda. Sufixo que designa estado.
- 8 Monarca. Socorrera.
- 9 Esqueleto (Prov. algar). Acrescentar.
- 10 Rainha ou princesa hindu. Disponha em camadas.
- 11 Calote. Moveram os remos.

VERTICAIS:

- 1 Freguesia do concelho de Trancoso.
- 2 Cidade do Estado do Paraná. Vagueia.
- 3 Espera resposta. Um dos Estados da América do Norte.
- 4 Acanhado. Prefixo de privação.
- 5 Ergues. Porto do Sul de Marrocos sobre o Atlântico.
- 6 Grande porção de dinheiro (Bras. fam.).
- 7 Pronome pessoal. Firmamente. Amónio (s.q.).
- 8 Raio. Cidade do Paquistão Oriental.
- 9 Grande (inv). Tornar um pouco doído.
- 10 Maquinismo para tecer. Encosta.
- 11 Endurecidos. Lavrem.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14341

HORIZONTAIS:

- 1 A MULHER.
- 2 Ivá. Amue.
- 3 Selada. MAIS.
- 4 Sonhei.
- 5 CC. SS. Ois.
- 6 Aedo. Mr. Cr.
- 7 Aldeia. At.
- 8 Doar. Aro.
- 9 Ide. Mu. Apó.
- 10 Dorna. Grela.
- 11 Adoraram.

VERTICAIS:

- 1 Ais. CANDIDA.
- 2 VENCE. Odo.
- 3 Mal. Aer.
- 4 Assoai. Na.
- 5 Lados. Mad.
- 6 An. O.
- 7 HOMEM. Gr.
- 8 Rameira. Ar.
- 9 MAIS. Aper.
- 10 Tui. Carola.
- 11 ESPERTO. Am.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14091

HORIZONTAIS:

- 1 Mantigas.
- 2 Acará. Sui.
- 3 Dó. Picado.
- 4 Arica. LI. No.
- 5 Marchal.
- 6 Ecano. Arena.
- 7 No. Amadas.
- 8 Ar. Sabe. Asi.
- 9 Da. Rsoira.
- 10 Palmares. As.
- 11 Rei. Mas. Cs.

VERTICAIS:

- 1 Madalena. Pr.
- 2 Açor. Cordão.
- 3 Na. Imá. Ali.
- 4 Tricanas.
- 5 Ea. Aromaram.
- 6 Abara.
- 7 Guilhadeses.
- 8 Clara. Os.
- 9 Ssa. Lessai.
- 10 Udo. Sras.
- 11 Alongarias.

PROVERBIO A mulher mais cândida, vence o homem mais esperto.



cartaz de cinemas e teatros

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
O DESTINO BATE À PORTA

ÁVILA 539930

Av. Duque d'Ávila, 92A

Às 14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45
- N. ac. men. 18 a.
NOITES ESCALDANTES

AVIS 547153

Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- Int. men. 18 a.
JOGOS ERÓTICOS

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
NUNCA MAIS DIGAS NUNCA

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos
ROBIN DOS BOSQUES

CASTIL 530194

R. Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 18 a.
NOITES DE NEW YORK

CINE BLOCO 556822

R. Pinheiro Chagas, 10

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- M. 12 a.
COMAN, O DESTRUIDOR
Às 24 - Int. men. 13 a.
CAÇADA SELVAGEM

CINE CAMÕES 324194

R. do Loreto, 15

Às 14.15, 16.30 e 21.30
- Int. men. 13 a.
O VOO DAS ÁGUÍAS

CINE 222 579460

Av. P. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
MEUS PROBLEMAS COM AS MULHERES

CINESTÚDIO LIDO 937593

P. D. João I, Amadora

Às 15.30 e 21.30 - M. 12 a.
A BALADA DE NARAYAMA

CINE-PLAZA 930119

Av. Santos Matos, 2 - Amadora

Às 15.30 e 21.30 - M. 6 a.
A CORRIDA MAIS LOUCA DO MUNDO

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
OS TARADOS DO RIO LOUÇO

2000 210055

Av. B. Voluntários, lts. 113/4

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 13 a.
INDIANA JONES E O TEMPLO PERDIDO

EDEN 320768

P. Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
NUNCA MAIS DIGAS NUNCA

ESTÚDIO 555134

Al. Alfonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 6 a.
OS CAÇA-FANTASMAS

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15, 17, 19 e 21.30
- M. 12 a.
METROPOLIS

HOLLYWOOD 802859

Centro Comercial Alvalade

SALA 1

Às 14.30, 16.45, 19, 21.30 e 24
- M. 12 a.
A MULHER DE VERMELHO

SALA 2

Às 15, 18, 21 e 23.45
- M. 12 a.
PARIS TEXAS

IMPÉRIO 555134/5

Al. Alfonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
- M. 16 a.
O MARGINAL

LIDO 937593

P. D. João I, Amadora

Às 21.30 - N. ac. men. 18 a.
A BALADA DE NARAYAMA

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 14.15, 16.30 e 21.30
- Int. men. 18 a.
EMANUELLE
Preço único 150\$00

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
OS COMPADRES

ODEON 326283

R. dos Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
- M. 16 a.
ROLF, O MERCENÁRIO

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 17.30 e 21.30
- M. 6 a.
MÚSICA NO CORAÇÃO



"METROPOLIS"

Nova versão colorida e musical do filme de
FRITZ LANG por **GIORGIO MONODER**.
Em exibição no **ESTÚDIO 444**

POLITEAMA 326716

R. Portas S. Antão, 109

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- M. 16 a.
OS SALTEADORES DE ATLANTIS

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 16 a.
AOS NOSSOS AMORES
Em complemento
JUNQUEIRA
Às 23.45 - M. 13 a.
A DVA E OS GANGSTERS

SALA 2
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.15
- M. 12 a.
A JANELA INDISCRETA
Às 23.30 - M. 18 a.
O GRANDE GOLPE

SALA 3
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
OS DIAS DE CÂNCERE
Às 23.45 - M. 18 a.
OUTONO ESCALDANTE

SALA 4
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- M. 16 a.
A ÚLTIMA CEIA
Às 23.30 - M. 18 a.
VIOLÊNCIA E PAIXÃO

QUINTETO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- M. 12 a.
INDIANA JONES E O TEMPLO PERDIDO
Às 24 - N. ac. men. 13 a.
UM HOMEM

ROMA 727778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
NUNCA MAIS DIGAS NUNCA

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
JOÃO BRONCAS AVANÇADO
FURA-REDES

SÃO JORGE 579144/579344

Av. da Liberdade, 175

SALA 1
Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 16 a.
O MARGINAL

SALA 2
Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15
- M. 12 a.
VIDAS EM JOGO
31.ª Semana

SALA 3
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.45
- M. 6 a.
OS CAÇA-FANTASMAS

7.ª ARTE 730715

Av. República, à E. Entre Campos, junto ao n.º 63

Às 14.45, 17, 19.10, 21.30 e 23.45
- M. 6 a.
OS CAÇA-FANTASMAS

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 15, 18.15 e 21.30
- M. 12 a.
GENTE GIRA

TURIM 706666

E. de Benfica, 723-A

Às 15, 17.30 e 21.45
- M. 12 a.
INDIANA JONES E O TEMPLO PERDIDO

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Coimbra, lote 8/9

Às 15, 18.15 e 21.30
- M. 12 a.
O LUGAR DO MORTO
26.ª Semana

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.45, 16.30, 19 e 21.30
- M. 16 a.
PRISIONEIRO DO UNIVERSO PERDIDO

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 - «Estrada de Fogo», às 21.30 (12 anos)

ALFA-2 - «Ao Serviço de Sua Majestade», às 21.30 (12 anos)

ALFA-3 - «A Corrida Mais Louca do Mundo», às 21.45 (6 anos)

ALFA-CLUBE - «Francesca», às 21.15 (12 anos)

TERMINAL - «Gremlins», às 21.30 (12 anos)

CAPITÓLIO - «A Criadilha Francesa», às 21.00 e 23.00 (18 anos)

ZODIACO - «Balbúrdia no Oeste», às 21.30 (13 anos)

LONDRES - «Broadway Danny Rose», às 21.30 (12 anos)

CITY-CINE - «Os Amigos de Alex», às 21.30 (16 anos)

TIVOLI - «Estrada de Fogo», às 21.30 (12 anos)

MUNDIAL - «Estrada de Fogo», às 21.30 (12 anos)

ESTÚDIO ACS - «Os Ricos e os Pobres», às 21.30 (12 anos)

APOLLO 70 - «A Janela Indiscreta», às 21.30 (12 anos)

RESTELO - «Hammitt, Detective Privado», às 21.30 (12 anos)

OLÍMPIA - «Sexo no Relvado», sessões permanentes (18 anos)

PROMOTORA - «Os Invencíveis no Oriente», às 21.30 (13 anos)

CINEMATECA PORTUGUESA - «Heartbeeps», às 21.30 (18 anos)

Linha de Cascais

CASCAIS - Oxford - «A Corrida Mais Louca do Mundo», às 21.30 (6 anos)

ALGÉS - Studium - «A Mulher em Chamas», às 21.15 (18 anos)

CASCAIS - Impala - «Prisioneiro do Universo Perdido», às 21.30 (12 anos)

Outra Banda

ALMADA - Incrível - «Tron», às 21.30 (13 anos)

ALMADA - Académia - «Indiana Jones e o Templo Perdido», às 21.30 (12 anos)

ALMADA - Cine-Estúdio - «Indiana Jones e o Templo Perdido», às 21.15 (12 anos)

COSTA DE CAPARICA - Oceano -

Sala 1 - «Indiana Jones e o Templo Perdido», às 21.30 (12 anos)

COSTA DE CAPARICA - Oceano -

Sala 2 - «A Escola do Dever», às 21.45 (16 anos)

Linha de Sintra

CACÉM - Cine-Estúdio Flores - «Momento da Verdade», às 21.30 (12 anos)

SINTRA - Carlos Manuel - «O Arco e a Flecha», às 21.30 (13 anos)

Porto

CARLOS ALBERTO - Cicio John Ford, às 21.30 (13 anos)

JÚLIO DINIS - «Segredos Proibidos», às 21.30 (18 anos)

RIVOLI - «O Soldado», às 21.30 (18 anos)

COLISEU - «Nunca Mais Digas Nunca», às 21.30 (12 anos)

TRINDADE - «Os Amigos de Alex», às 21.45 (16 anos)

PASSOS MANUEL - «A Estrada de Fogo», às 21.45 (12 anos)

CHAPLIN - «O Tornado», às 21.30 (16 anos)

TERÇO - «Os Campeões do Ring», às 21.30 (13 anos)

BATALHA - «Quatro Punhos Contra Rio», às 21.45 (18 anos)

BEBÉ - «O Elevador», às 21.45 (16 anos)

SÃO JOÃO - «A Mulher de Vermelho», às 21.30 (12 anos)

CHARLOT - «A Mulher de Vermelho», às 21.30 (12 anos)

AGUIA - «Indiana Jones e o Templo Perdido», às 21.45 (12 anos)

OLÍMPIA - «O Rei do Karate», às 21.30 (12 anos)

NUNO ALVARES - «Nunca Mais Digas Nunca», às 21.30 (12 anos)

FOCO - «A Estrada de Fogo», às 21.30 (12 anos)

VALE FORMOSO - «O Grande Mestre do Kung Fu», às 21.30 (18 anos)

PEDRO CEM - «Gente Gira», às 21.30 (12 anos)

LUMIÈRE - Sala A - «O Lugar do Morto», às 21.30 (13 anos)

LUMIÈRE - Sala L - «As Asas da Pomba», às 21.45 (12 anos)

Lisboa

PERMANENTE

ALTO DO PINA: Euell, R. Barão de Sabrosa, 104 (T. 841912); **ALVALADE: Roma**, Av. de Roma, 85-B (T. 772466);

BAIRRO DAS COLÔNIAS: Colonial, R. Forno do Tijolo, 40 (T. 841122);

BAIXA: Valadas, R. da Madalena, 235 (T. 872060); **BENFICA - IGREJA - cemitério Ilaboa**, R. Cláudio Nunes, 73-A (T. 703393); **CAMPOLICE: Imparcial**, R. General Taborda, 28-30 (T. 680931);

CHELAS: Banha, E. de Chelas, 173, 175 (T. 382241); **JERÓNIMOS: Remis**, R. dos Jerónimos, 14-C (T. 631699); **LAPA: Mota Capitão**, R. de São Félix, 45-B-C (T. 660720); **LU-MIAR: Patuleia**, Al. das Linhas de Torres, 262-B (T. 790332); **OLIVAIS SUL: Higien**, R. Cidade de Vila Cabral, lote 43 (T. 310026); **SÃO SEBASTIÃO: Sá de Bandeira**, R. Marquês de Sá de Bandeira, 36-42 (T. 554672); **ODIVE-**

teatros

Lisboa

A BARRACA - «Santa Joana dos Mataduros», às 21.30 (13 anos)

ABC - «E a Lata Continua», às 20.30 e 23.00 (16 anos)

BAIRRO ALTO - Cornucópia - «O Tigre», às 21.00 (13 anos)

CASA DA COMÉDIA - «Eva Perón», às 21.30 (18 anos)

D. MARIA II - «Figados de Tigre», às 21.30 (13 anos)

D. MARIA II - Sala Experimental - «O Tigre», às 21.45 (13 anos)

MARIA MATOS - «Vidas Intimas», às 21.45 (13 anos)

TEATRO ABERTO - «Ubu Português», 2002, Odisseia no Terreiro do Paço», às 21.30 (13 anos)

VARIEDADES - «Boeing, Boeing», às 21.45 (12 anos)

VILLARET - «Super-Silva», às 21.30 (12 anos)

Porto

CAMPO ALEGRE - «Uma família do Porto», às 21.45 (13 anos)

LAS: Gonçalves, R. Dr. Egas Moniz, 30-B (T. 9815662); **PONTINHA: Pimentel**, Az. dos Bezouros, lote R-8 (T. 991328)

AREIRO - APEADERO: Chinde, R. Agostinho Lourenço, 6-B (T. 890331);

CALVÁRIO - ALCANATARA: Lupi, R. Forno do Tijolo, 40 (T. 841122);

BAIXA: Valadas, R. da Madal



PORTE
PAGO

DL

Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.

Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos:

RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA

TELEFONES: 321154/5 - 320271/2/3

Publicidade: 388740

Serviço de noite (depois das 21h):

Porteiro: 321154 - Redacção: 320271/2/3

Preço do «DL» na Madeira: 40000

Depósito Legal n.º 1426/82

Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

Distribuição: INTERPRESS

Rua do Norte, 115-1.º - 1200 LISBOA

Telefones: 322100-322204-320784



MARÉS DE HOJE				
PREIA-MAR BAIXA-MAR				
8.22	8,3 m	1.43	1,9 m	
20.50	8,2 m	14.18	1,9 m	
Dia 30				
9.31	8,2 m	2.52	2,0 m	
22.15	3,1 m	15.30	2,0 m	
TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS:				
VIANA DO CASTELO		12°		
BRAGANÇA		3°		
VILA REAL		8°		
PORTO		12°		
COIMBRA		11°		
CABO CARVOEIRO		13°		
PORTALEGRE		8°		
LISBOA		13°		
ÉVORA		10°		
BEJA		7°		
FARO		12°		
SAGRES		11°		
PONTA DELGADA		1°		
FUNCHAL		15°		

Faculdade de Letras em risco de fechar

O Conselho Directivo da Faculdade de Letras de Lisboa aguarda uma resposta do secretário de Estado das Obras Públicas e do secretário de Estado do Ensino Superior sobre a execução de obras nas instalações da Faculdade.

No caso de não haver garantia governamental de que as obras começarão a ser executadas ao longo do mês de Fevereiro, a Faculdade será encerrada depois de amanhã, por decisão do Conselho Directivo, com o qual professores e alunos estão solidários. No mesmo sentido se pronunciou também o Sindicato dos Professores da Grande Lisboa.

As instalações da Faculdade de Letras de Lisboa constam do edifício principal, construído no início da década de 60 e dois pavilhões. No edifício principal, já caíram pedaços de tecto em duas salas e há fendas em paredes; o pavilhão mais antigo, com 15 anos de existência, o tecto está empapado e há infiltrações na instalação eléctrica.

O CD deliberou anteriormente para que a situação fosse corrigida, tendo sido informado, por ofício da Direcção-Geral das Construções Escolares de que as obras seriam adjudicadas ao longo do presente ano lectivo. Tal solução é inaceitável, considera o CD, dada a emergência da situação, para a qual contribuiu a chuva abundante que recentemente caiu sobre Lisboa.

“A Bola”: 40 anos

O trissemanário «A Bola» comemora hoje mais um aniversário da sua existência: jornal fundado há quarenta anos por Cândido de Oliveira, Ribeiro dos Reis e Vicente de Melo, ao longo destas quatro décadas tem vindo a desenvolver um profícuo trabalho em prol do desporto português.

A todos quantos trabalham naqueles prestigiosos períodos endereça o «DL» votos de bom trabalho e amistosas saudações.

Contra ex-presidente da Câmara e agrário

Atentado bombista em Castro Verde

Um engenho explosivo rebentou esta madrugada junto ao portão de uma vivenda de Castro Verde no Baixo Alentejo, não tendo porém provocado vítimas pessoais, embora sejam apreciáveis os danos causados no portão, no muro e partido vidros da casa e de outras situadas na vizinhança. A acção foi reivindicada ao fim da manhã de hoje, por um porta-voz das FP-25.

Tudo indica que o atentado visasse aquele prédio, habitação do grande lavrador José Francisco Romano Colaço, na Praça da Liberdade, número 2, mesmo centro da vila. O estrondo alarmou a população em especial pela hora a que ocorreu, 1 e 45.

Romano Colaço foi presidente da Câmara local durante 12 anos, no período do antigo regime, mas

segundo o actual presidente do município não se lhe conheciam quaisquer problemas actuais quer políticos quer laborais.

O presidente da edilidade, Fernando Cairos, adiantou ainda que a Câmara Municipal de Castro Verde repudia o atentado que considera inserido numa campanha de estabilização do País e impedir a consolidação da democracia.

Romano Colaço para além de proprietário era também reservatório, ignorando-se neste momento se tal facto estará na base do atentado.

O porta-voz da GNR no Comando Geral, pois os agentes do posto local estavam impedidos de fornecer qualquer informação, esclareceu que o engenho seria de média potência e não havia

provocado quaisquer vítimas pessoais, circunscrevendo-se os prejuízos apenas a danos nas edificações.

A Judiciária de Faro bem como elementos da Secção Central de Combate ao Banditismo idos de Lisboa encontra-se já no local mas até ao fim da manhã nada revelaram sobre o resultado das suas diligências.

Trata-se do nono atentado bombista registado este ano em Portugal e o terceiro em menos de 24 horas.

Na madrugada de segunda-feira foram lançadas três granadas contra navios da NATO ancorados no Tejo (reivindicada pelas FP-25) e ao fim da tarde Sidónio Cabanelas foi vitimado mortalmente por uma encomenda armadilhada.

Ano Internacional da Juventude

Unhos (Loures) promove concurso literário sobre Abril

No âmbito do Ano Internacional da Juventude, a Junta de Freguesia de Unhos (Sacavém) vai proporcionar aos jovens um Concurso, com recompensa monetária, de índole literária.

Tema: «A Juventude e o Portugal de Abril».

Alguns pontos do Regulamento:

Os textos terão de ser inéditos e escritos em Português; os concorrentes deverão ter a idade compreendida entre os 15 e os 20 anos; as obras versarão o tema «A Juventude e o Portugal de Abril», dactilografados em papel

formato A-4, no máximo de 10 folhas e no mínimo de 6 folhas a 2 espaços; os textos serão assinados por pseudónimo, sendo apenas um subscrito fechado e lacrado, contendo dentro a identificação do seu autor e pseudónimo correspondente; as obras não classificadas serão devolvidas aos seus autores; etc.

O primeiro classificado terá um prémio no valor de 10 mil escudos, sendo entregues ao 2.º, 3.º, 4.º e 5.º classificados menções honrosas.

Os trabalhos serão entregues

até às 20 horas do dia 26 de Abril de 1985, na sede da Junta de Freguesia de Unhos, Rua de S. Silvestre, Unhos, Loures.

O júri será constituído por um eleito do Pelouro da Cultura da Junta de Freguesia de Unhos; um eleito do Grupo de Trabalho (Cultural) da Assembleia de Freguesia de Unhos; um escritor português e um jornalista da mesma nacionalidade.

Salvo deliberação em contrário, os prémios serão entregues no dia 29 de Junho do ano corrente.

sentada por Jacques d'Hondt, presidente da Sociedade Francesa de Filosofia e professor da Universidade de Poitiers.

Intervieram ainda ontem Graça Almeida Rodrigues, Hernâni Araújo Resende, Maria Alzira Seixo, Francisco Lafarga (de Barcelona), Eduardo Chitas, Carmen Morras Rig (Santander) e Jean Ehrard (Clermont, França).

Encerra hoje colóquio Diderot

Encerra hoje, às 18 horas, o colóquio internacional sobre Diderot que desde ontem decorre no auditório 2 da Fundação Gulbenkian.

A sessão de encerramento está, a cargo de Joel Serrão, presidente da Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII, entidade que promoveu o colóquio.

«Diderot em Portugal» e «As Ressurgências do Ideário de Diderot» são os temas das duas

sessões de hoje.

Os trabalhos foram ontem inaugurados pelo ministro da Cultura, Coimbra Martins, que leu a comunicação «Diderot em Portugal». O Primeiro-Ministro e o ministro da Educação estiveram também presentes na sessão de abertura, bem como o novo director da Biblioteca Nacional, Manuel Vilaverde Cabral. «Diderot e os Philosophes» foi o tema da primeira sessão, «L'Homme de Diderot», foi apre-

Será nos dias 8, 9 e 10 de Fevereiro

PCP prepara jornada de esclarecimento

A Direcção da Organização Regional de Lisboa do PCP conseguiu atingir já 47 dos 60 mil contos na campanha pública para compra do Centro de Trabalho, instalado no antigo hotel Vitória, na Avenida da Liberdade. Segundo a DORL do PCP a campanha irá prolongar-se para além dos 60 mil contos «para pagar obras de restauro que se impõem».

Outra campanha referida no comunicado da DORL - a propósito da sua reunião para debate da situação política e social - respeita ao recrutamento de novos militantes e que se traduzirá em 2079 inscrições no PCP, no distrito de Lisboa, nos últimos seis meses.

Insistentes acções de massas

Sobre a actividade do PCP a curto e médio prazo, a mais forte das estruturas regionais do PCP destaca o comício no próximo dia 8 de Fevereiro, no Pavilhão dos Desportos, com Álvaro Cunhal; a preparação da Jornada Nacional de Esclarecimento de 8, 9 e 10 de Fevereiro; o andamento da preparação da Conferência Económica sobre a via de Desenvolvimento para vencer a crise e o desenvolvimento das lutas dos trabalhadores no conjunto de empresas e sectores do distrito.

Sobre a situação social no distrito, a DORL observa, para do agravamento da crise (custo de vida, desemprego, salários em atraso, etc.) uma «muito diversificada, insistente e corajosa movimentação que abrange muitos milhares de trabalhadores do distrito de Lisboa», citando, nomeadamente, as acções de massas dos metalúrgicos (dia 17), a greve dos trabalhadores dos Seguros, a vigília e greve dos trabalhadores da Marinha Mercante, as marchas dos trabalhadores da Messa e da Sorefame, a greve da Covina, a movimentação no âmbito dos Sindicatos da Frente Comum da Função Pública, as concentrações

dos trabalhadores com salários em atraso frente à RTP, os plenários de trabalhadores da CP, da TAP, da Carris, da Covina, da Nutriol, da Gelmar.

A DORL do PCP diz, sobre as perspectivas de desenvolvimento destas lutas, que elas «têm sido essenciais para conter em parte as ruinosas consequências da política do governo PS/PSD e um factor decisivo para a alteração da situação política».

Conclui, ainda, que elas «confirmam as conclusões do PCP sobre a existência de um muito amplo movimento de massas que, a par dos seus objectivos imediatos e específicos, coloca na ordem do dia como objectivo político fundamental do povo português no momento presente, a demissão do governo PS/PSD».

Conluio UGT-Governo

Os projectos totalitários do Governo assumem no distrito gravidade particular, refere também a DORL, ao citar o recurso à prisão de manifestantes, espancamentos, a averiguações sobre supostos cadastros de activistas e dirigentes sindicais, como resposta de Mário Soares e do Governo às perguntas e reclamações que lhes são dirigidas e que reflectem o «isolamento e desespero do Governo».

Salienta ainda a DORL que «face ao seu isolamento crescente, o Governo recorre não só à repressão mas também à acção dos divisionistas da UGT que em várias empresas e sectores ajudam a retirar regalias aos trabalhadores, ao mesmo tempo que, em conluio com o patronato e o governo pretendem apropriar-se das conquistas devidas às lutas dos trabalhadores (como aconteceu há dias com a Função Pública)».

Refere, finalmente a DORL a realização, em 23 de Fevereiro, de um encontro distrital de Lisboa do PCP sobre o Trabalho Autárquico.

Suspensa a greve dos professores

Foi suspensa a greve nacional dos professores marcada para hoje, amanhã e quinta-feira.

O facto de o Ministério da Educação ter entregue à Federação Nacional dos Professores um projecto sobre as carreiras docentes do ensino não superior em reunião ontem realizada no ME, levou a Fenprof a decidir a suspensão da greve.

Há ano e meio que aquela estrutura sindical vinha reivindicando a negociação das carreiras.

Seabra não esteve presente na reunião devido ao falecimento de uma das vítimas do acidente

da Escola Secundária do Cartaxo. Por isso, a reunião foi interrompida no respeitante à calendarização das restantes matérias, cuja negociação os professores exigem e que são referentes a problemas específicos de todos os sectores de ensino.

De acordo com a Fenprof, nesta reunião o ME assumiu compromissos pelos quais os professores há muito se batem.

A concretização da greve depende da atitude futura do Ministério da Educação no plano negocial e em relação às matérias ainda não calendarizadas.

Azevedo Soares preocupado com a pequenez dopaís

O Presidente da Comissão Directiva do CDS afirmou ontem no Porto que «11 anos após o 25 de Abril, Portugal é um país extraordinariamente mais pequeno e infindavelmente mais pobre».

Azevedo Soares, que falava num encontro de militantes do CDS, disse que «se nada mudar, seremos cada vez mais pobres e poderemos um dia acordar ainda

mais pequenos».

«Em substância Portugal tem sido governado sob a égide da esquerda nos seus diversos matizes. A Constituição é de esquerda, os Presidentes da República são de esquerda, os Primeiros-Ministros são de esquerda, o Parlamento é de esquerda, a economia, a educação, as leis laborais, agrárias e

da habitação são de esquerda».

Para Azevedo Soares, «o CDS tem perdido o centro e tem desmobilizado e desagregado a direita, a qual tem procurado refúgio no seio das mais inegáveis paragens. Todos os sinais revelam que existe direita no eanismo, no pintasilguismo e obviamente na social-democracia».

«Após o último congresso, confundiu-se frequentemente a vitória de uma das listas com a derrota e o afastamento de uma parte do partido» - disse.

Considerou ainda que «a unidade do partido não deve assentar em meras amizades pessoais em acordos sem conteúdo essencial».